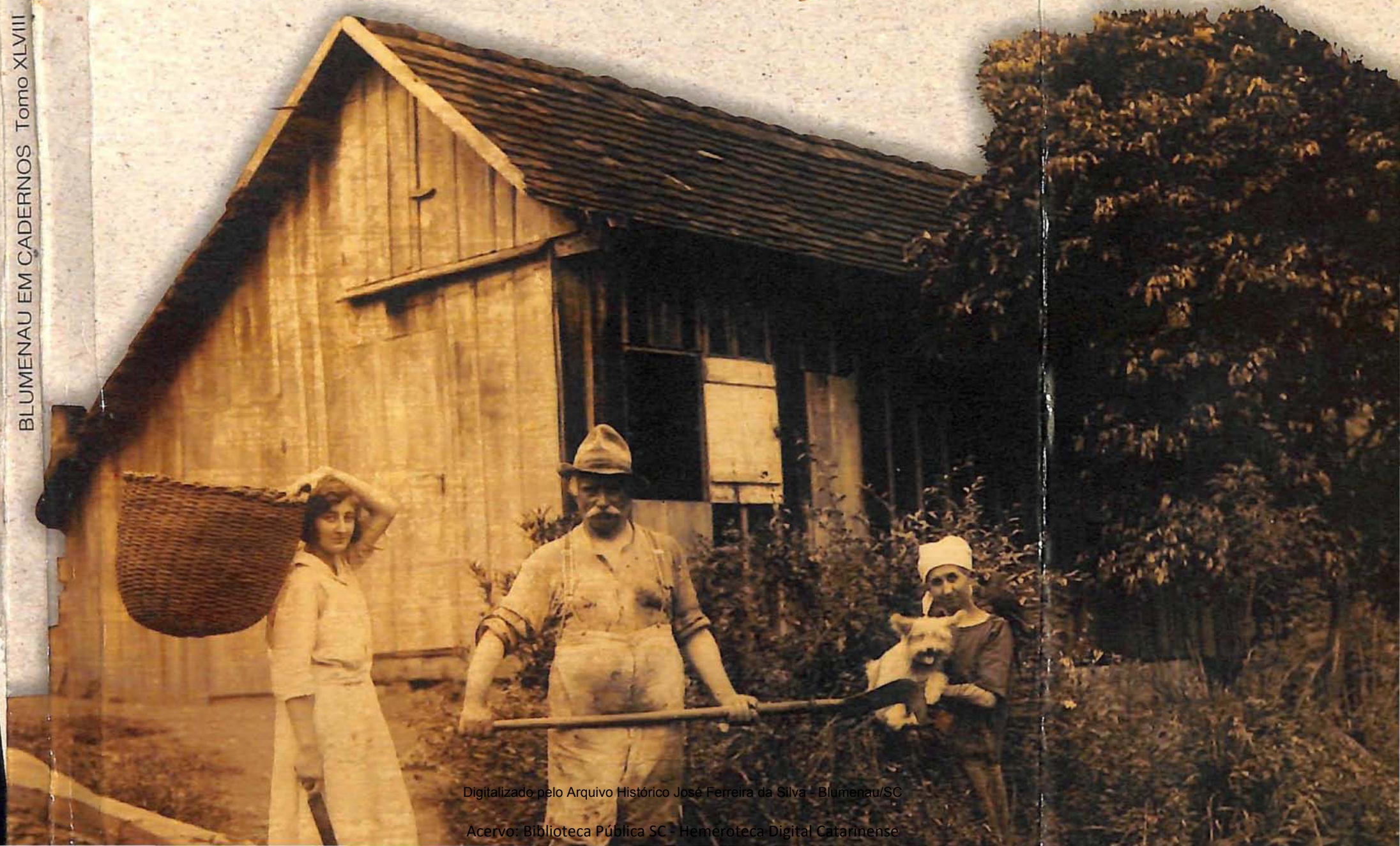
BLUMENAU EM CADERNOS Tomo XLVIII Março/Abril de

em Cadernos

50 ANOS

Busch le & Lepper S/A
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
Eletro Aço Altona S/A
Hildegard Rossmark Schramm
43 S/A Gráfica e Editora



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing
Prefeito Municipal

Edson Brunsfeld
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke
Presidente

Iúry Bugmann Ramos
Diretor Administrativo-Financeiro

Sueli M. V. Petry
Diretora Histórico-Museológica

Rafaela Hering Bell
Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Annemarie Fouquet Schünke *(Presidente)*
Cristina Ferreira
Gervásio Tessaleno Luz
Ivo Marcos Theis
Marcos Schroeder
Roberto Marcelo Caresia
Urda Alice Klueger
Viegas Fernandes da Costa

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 – Caixa Postal, 425 - 89015-010 – Blumenau (SC)

Fone (047) 3326-6990 - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br**

Capa: Imigrantes
Giba Santos
Revisão: Valdir A. Petry
Digitação: Elton Cardoso
Secretária: Mirela Nolasco

CULTURA EM MOVIMENTO editora

EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO
Rua XV de Novembro, 161 – Centro – Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC
Fone (0**47) 3326-7511 - E-mail: editora@fcblu.com.br
http://www.fcblu.com.br

Ficha Catalográfica
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau – SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -
Il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto n° 1.825, de 20 de dezembro de 1907
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento
"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Documentos originais

Conversa de um velho colono blumenauense 9

Artigos

Conflitos territoriais entre indígenas e colonos em Doutor Pedrinho (SC): 1980-2000
Fernando Luiz dos Santos / Ancelmo Schörner 62

O primeiro crime de morte de Blumenau e um livro interessante
José Ferreira da Silva 94

Biografia

A curiosa viagem do Assecurateur e a saga imigratória de Jens Jensen
Niels Deeke 100

Burocracia & Governo

Burocracia & Governo 117

Autores catarinenses

O destino do regionalismo
Enéas Athanázio 122

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apresentação

Neste bimestre de março/abril de 2007, ano do cinqüentenário da revista "Blumenau em Cadernos", mobiliza-se a atenção dos leitores, pesquisadores e historiadores, reunindo traduções de memórias, artigos, textos e comentários que, além de terem o mérito de enriquecer a história regional e catarinense, abrangem as mais diversas esferas sociais.

Na coluna bilíngüe **Documentos Originais – Artigos,** publica-se *"Conversa de um Velho Colono"*. Trata-se da tradução, na íntegra, para o português, do texto publicado em alemão gótico no *"Der Volks-Bote – Kalender für die Deustschen in St. Catarina – 1903"*, de Joinville-SC. Fragmentos deste texto já haviam sido citados por autores em outras obras publicadas no decorrer deste tempo. O autor, que não se identifica, escreve vivências do cotidiano e determinadas situações passadas pelos moradores nos primeiros anos da Colônia. Demonstra um certo exagero ao emitir a sua opinião pessoal em torno de suas observações.

Na seção **Artigos,** o professor e doutor Ancelmo Schörner e o especialista em História, Fernando Luiz dos Santos, escrevem *"Conflitos territoriais entre indígenas e colonos em Doutor Pedrinho (SC): 1980-2000"*. Os autores tomam como objeto para desenvolver o seu texto, os problemas de terra e a difícil convivência entre os dois grupos na região.

Outro artigo que se reedita tem como autor o escritor, pesquisador e historiador José Ferreira Silva, o qual descreve o primeiro assassinato da colônia sob o título: *"O primeiro crime de morte de Blumenau"*. O acusado é o ex-tenente húngaro, Stephan Geörcze de Szendröe, que teria matado o capitão Klempa. Este húngaro, no seu regresso ao país de origem, escreve sobre a sua estadia no Brasil e em Blumenau, sem, no entanto, mencionar o caso.

Niels Deeke, textualiza a crônica Genealogia da Família Jensen elaborada juntamente com a senhora Joana Jensen Deeke na qual relatam *"A curiosa passagem do Assecurateur e a saga imigratória de Jens Jensen"*. No

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

texto, os autores comentam várias situações vivenciadas pelo primeiro Jensen que chegou a Blumenau. Ele era também tripulante do veleiro "Assecurateur" que aportou no litoral catarinense.

Prosseguindo com a seção **Burocracia & Governo,** dá-se seqüência à divulgação de documentos originais localizados no acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

E, finalizando, o advogado e escritor Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses,** escreve *"O destino do regionalismo"*. Aborda temas versando sobre literatura e autores do Estado catarinense e faz observações de suas viagens.

Sueli M. V. Petry
Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Conversa de um velho colono blumenauense

Documentos Originais

Com "Conversa de um Velho Colono Blumenauense", trazemos para o leitor um texto de um autor anônimo que parcialmente foi citado em publicações,como é o caso da obra de autoria de José Deeke "Das Munizip Blumenau und seine Entwickelungsgeschichte" (O Município de Blumenau e a História de seu desenvolvimento), editada em alemão no ano de 1917. Em 1995, esta publicação Deeke foi traduzida por Edith Sophia Eimer e levada ao conhecimento do grande público. No entanto, sobre as "Conversas do velho colono", foram utilizadas algumas citações do seu original.

Por tratar-se de uma fonte versando sobre os primeiros tempos coloniais, buscou-se juntar o texto já traduzido da versão em português, e, com o auxílio da tradutora Annemarie Fouquet Schünke, decidiu-se publicá-lo na sua integra, tornando-o acessível aos pesquisadores e leitores de Blumenau em Cadernos.

O original encontra-se publicado no "Der Volk-Bote" de 1903, "Kalender für die Deutschen in St. Catharina", publicado na cidade de Joinville pela editora de C.W. Boehm.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Plaudereien eines alten Blumenauer Kolonisten
Sonst und jetzt

Im Jahre 1856 kamen wir hier an, ein kleines Häuflein Einwanderer, „Neu Deutsche“ wie sie genannt wurden, aus allen Gegenden des damals noch ungeeinigten alten Vaterlandes zusammengewürfelt, wie der Zufall es gefügt hatte, durchschnittlich ganz arme, aber tüchtige Landarbeiter. Es war im Sommer, dicht vor Weihnachten, als wir am sogenannten Stadplatz landeten. Der Platz war allerdings schon da – aber die Stadt? Von der war vorläufig nichts zu sehen. Ein einziges Gebäude konnte auf den Namen Haus Anspruch machen. In demselben befand sich der einzige Verkaufsladen von ganz Blumenau und zugleich die Schreibstube des Direktors der Kolonie. Alle anderen Gebäude waren nichts als jämmerliche Lehmhütten, theilweise noch offen, mit Blättern gedeckt. Eine Reihe solcher echt brasilianischen Buden wurde von einer Abtheilung brasilianischer Soldaten bewohnt, welche zum Schutze der Ansiedler gegen die Wilden hier stationiert waren. Jagen und Fischen bildete ihre Hauptbeschäftigung, im übrigen gingen sie den Eingewanderten so weit wie möglich aus dem Wege. Für den Stadtplatz selbst waren sie immerhin ein nicht zu verachtender Schutz, die entfernter wohnenden Kolonisten aber mußten zusehen wie sie sich selbst schützten.

Wo sich heute palastähnliche Gebäude erheben, stand damals noch Baum an Baum, üppiger Urwald. Affen und unzähliges andere Gethier tummelten sich, trotz der vielen Jäger, auf und unter den Bäumen umher. Nicht weit von der Mündung der Garcia in den Itajahy stand das für uns Ankömmlinge wichtigste Gebäude, der Empfangsschuppen. Sehr einladend sah er gerade nicht aus, von draußen wie von innen bot er einen trostlosen Anblick; lang und schmal gebaut, in viele Abtheilungen gesondert, einem verfallenen Schafstall, in den man die Böcke von den Mutterschafen trennt, verzweifelt ähnlich. Natürlich waren zum Bau nur Palmiten und Dachblätter vewendet worden, die Wände bestanden aus Fachwerk und waren einmal mit Lehm beschmiert gewesen. Da aber der ganze Schuppen von Zeit zu Zeit durch das Hochwasser der Garcia überschwemmt wurde, so hatte der

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O acervo da Biblioteca de Apoio do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva possui um exemplar do original editado em língua alemã. Eis o que diz o texto:

No ano de 1856, aqui chegamos - um pequeno grupo de imigrantes alemães, "alemães novos", como eram chamados, procedentes de todas as Regiões da pátria alemã ainda não unificada. O grupo era composto, em sua maioria, por valentes colonos. Era verão, perto do Natal, quando aportamos no chamado "Stadtplatz" (Centro da Cidade).

É verdade que o lugar existia, mas a cidade? Essa nem por sombras poderia ser assim denominada. Na verdade uma única casa tinha o direito de ser considerada como tal. Nela se encontrava o único comércio de toda Blumenau e, ao mesmo tempo, o escritório do diretor da Colônia. Todas as demais construções não passavam de miseráveis choupanas de barro, em parte ainda abertas e cobertas com folhagens. Uma série dessas choupanas, tipicamente brasileiras, era habitada por um destacamento de soldados brasileiros, que lá estavam aquartelados para a proteção dos colonos contra os ataques dos indígenas. Caçar e pescar eram as atividades prediletas desses soldados e, no mais, evitavam o quanto fosse possível aproximar-se dos imigrantes.

Para o centro da cidade, propriamente dito, o destacamento policial representava uma proteção que não podia ser desprezada, mas não para os colonos que residiam pouco mais afastados. Esses tinham de proteger a si próprios.

Nos locais onde hoje se encontram erigidas edificações palacianas, naquele tempo havia ainda árvores seculares, uma ao lado da outra, formando densa floresta virgem; macacos e outros animais nela viviam, todos proporcionando fácil caçada.

Não muito distante da embocadura do ribeirão Garcia, localizava-se a edificação mais importante para os recém-chegados - o Galpão de Recepção. Não proporcionava aspecto muito convidativo, tanto no interior como por fora. Tinha uma aparência deplorável, foi construído muito longo e estreito, e dividido em espaços que tristemente mais se assemelhavam a um estábulo para ovelhas. Sua condição era de ruína e lá eram separados os homens e as mulheres. Para aquela construção, foram utilizadas ripas de palmeiras, e suas folhas como cobertura. As paredes eram de sarrafado de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Lehm längst losgelassen und lag nun, reichlich mit Schlamm beschmiert vor und in dem Schuppen. Fenster und Luken waren für überflüssig erachtet worden, die Thür war noch nicht eingesezt, sondern durch eine große Öffnung in der Wand nur angedeutet, für Ventilation war somit reichlich gesorgt. Die Dielen bestanden aus Gottes blankem Erdboden, den man zu ebnen vergessen hatte. Um das Maß voll zu machen, hatte sich ein Gespann Ochsen den Schuppen als Standquartier erkoren und der Abwechselung wegen bald dieses bald jenes Gelass bezogen, in jedem seine Legitimation sehr deutlich zurücklassend. Auch hatten die Thiere an dem Dache, soweit sie mit ihren großen Gaffeln reichen konnten, ihren Mutwillen ausgeübt, sodaß an Oberlicht kein Mangel war. Das traurige Gebäude war auf den hochtönenden Namen „Empfangshaus" getauft, die einzelnem Koben nannte man Zimmer.

Die neuen Ankömmlinge hatten glücklicher Weise noch nicht die Annehmlichkeiten und Freuden des Zwischendecks vergessen, und so hielten sie ohne Murren ihren Einzug. Nur einige wenige, die drüben bessere Tage gesehen hatten, murmelten etwas in den Bart, was nicht gerade schmeichelhaft klang. Aber was half's? Mitgefangen, Mitgeganen, hieß es hier. Eine andere Unterkunft war um keinen Preis zu beschaffen, also immer rein ins Vergnügen, es wird schon gehn! Und es ging wirklich, besser als mancher gedacht hatte. Einer half dem andern, sich in dem neun Heim einzurichten, und nach kurzer Zeit sah es schon leidlich wohnlich aus.

Doch war die Zeit, die wir im Schuppen zubringen mußten, für uns die Zeit der schlimmsten Leiden. Unterstützung gab es nicht, die meisten waren blutarm, einige hatten sogar Schulden, als sie hier ankamen, Verdienst gab es nur sehr wenig. Dazu kam die ungewohnte langandauernde Hitze, das Ungeziefer, vor dem man sich nicht retten konnte, die veränderte Kost, Aklimatisationsbeschwerden u.s.w. Viele hatten auch Heimweh. Kurz, es erging uns, wie es allen Neulingen ergeht; wir mußten uns erst hineinfinden und hineinleben in die uns gänzlich fremden Verhältnisse. Bei manchen ging es schnell damit, andere wieder konnten ihr Vaterland lange nicht

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

madeira, rebocadas com barro. Mas todo o galpão, de tempos em tempos, era inundado pelas cheias do ribeirão Garcia. O barro já se dissolvera e estava muito misturado com a lama defronte do galpão. Janelas e seteiras (espias) foram consideradas supérfluas. A porta ainda não fora colocada e havia somente uma grande abertura na parede. Ventilação havia o suficiente. O assoalho era de pura terra de Deus, que se esqueceu de aplainá-la. Para completar o quadro, uma parelha de bois escolheu o galpão como abrigo, fazendo uso das diversas divisões do galpão, aí deixavam depositada sua visível prova legitimatória. Além de tudo isso, os bois, com o uso dos chifres, avariaram seriamente a cobertura, de maneira que não havia, dentro do galpão, falta de claridade. A soturna construção foi batizada com a sublime denominação de **"Casa da Recepção"** e as diversas repartições eram denominadas de "quartos".

Os recém-chegados colonos, felizmente, ainda não haviam esquecido as atribulações pelas quais haviam passado nas instalações que ocuparam durante travessia do oceano, utilizando por isso, sem maiores protestos, aquele galpão. Só alguns, que no além-mar viveram dias melhores, murmuravam algo não muito elogiável, por entre a espessa barba. Mas de que adiantava? Aqui o lema era: uma vez preso, também enforcado! Portanto, sujeitavam-se às circunstâncias, pois outro abrigo ainda não existia. Tudo tinha que dar certo. E realmente dava, e melhor do que muitos imaginavam. Um auxiliava o outro e, depois de algum tempo, a "moradia" apresentava uma aparência bem mais agradável.

Mas o tempo que tivemos de passar no galpão foi o pior que atravessamos em toda nossa vida. Não havia auxílio e a maioria era paupérrima. Alguns até tinham dívidas quando aqui chegaram. Ganhar o pão de-cada-dia era difícil, por falta de oportunidades. A isto se juntava ainda o longo período de calor, ao qual não estavam acostumados; os insetos, dos quais não havia como fugir; a alimentação diferente; males de aclimatação, etc. Muitos também sentiam saudades da pátria e dos familiares que lá ficaram e, enfim, aconteceu conosco tudo quanto ocorreu com os demais recém-chegados. Era imperioso nos habituarmos a essas condições completamente estranhas. Alguns se adaptavam rapidamente, enquanto outros, durante muito tempo, não puderam esquecer a pátria distante.

Realmente, eu conheço inúmeros companheiros de viagem e imigra-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vergessen. Ja, ich kenne noch von unsern Schiffsgenossen, denen die Thränen in die Augen kommen, wenn sie der alten Heimath gedenken. Und doch liegen so viele Jahre dazwischen! Aber es ist halt ein eigenes Ding mit dem Lande, wo man geboren und groß geworden ist. Vergessen hat es wohl keiner! Doch zurück wären die Wenigsten gegangen, auch wenn wir es gekonnt hätten, denn hier fanden wir, was für die Armen drüben unerreichbar ist, Freiheit und Eigenthum.

Bei unserer Ankunft waren in Blumenau erst sehr wenige Kolonisten angesiedelt. Die Garcia, heute ein grosser Distrikt, war ungefähr eine Stunde aufwärts bewohnt, und auch nur theilweise; häufig lagen unbewohnte Grundstücke zwischen den besiedelten, denn die Kolonie-Loose wurden damals, wie gegenwärtig noch, nicht der Reihenfolge nach vergeben, sondern jeder konnte sich die Nummer aussuchen, die ihm gerade gefiel. Da es nun Land im Ueberfluß gab, blieb das schlechtere lange Zeit liegen, ehe sich Käufer fanden. Dieses System hat sich in der Folge als sehr unpraktisch erwiesen. Denn erstens kann der Weg nicht austrocknen und ist schwer zu erhalten und zweitens haben die benachbarten Lichtungen zu leiden, weil in der nähe der schattengebenden Urwaldsriesen so leicht nichts wächst. Ausserdem ist es nicht gerade vortheilhaft für Anfänger, wenn das Raubgesindel des Waldes aus nächster Nähe seine Hühner und Schweineställen Besuche abstatten kann; und damals gab es auch noch schlimmere Nachbarn als Tigerkatzen und dergleichen.

Den Itajahy aufwärts war der Stadtplatz aufgeschlagen bis dahin, wo heute die katholische Kirche steht. Dann kam Urwald bis an die Velha, welcher Nebenfluß ursprünglich den Anfangspunkt der Kolonie bildete. Es folgte wieder Urwald bis an die Fortaleza, an der nur einige Kolonisten wohnten, und so ging es weiter bis an die Fähre der Itoupava – große Strecken Urwald mit kleinen Lichtungen abwechselnd - dann wieder ein Strich dichten Urwaldes bis zum äußersten Vorposten von Blumenau, der Salto-Mühle. Das war damals der letzte bewohnte Punkt nach oben hin. Beneditto, Cedro, Encano und andere Nebenflüße, die jetzt sämmtlich bis

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ção que ainda hoje ficam com os olhos marejados de lágrimas, quando recordam a pátria e os amigos que lá ficaram. E já se passaram tantos anos! É um sentimento profundo quando se trata da terra onde se nasceu e cresceu. Esquecer totalmente, tenho certeza de que ninguém consegue. Mas regressar, a maioria não desejava, mesmo que pudesse, pois aqui encontraram o que para os pobres lá da Alemanha era impossível alcançar: **liberdade e propriedade**.

Até a ocasião da nossa chegada, somente poucos colonos haviam se estabelecido. O Garcia, que é hoje um grande Distrito, era habitado, só em partes, por alguns moradores que residiam à distância de mais de uma hora.

Em geral, havia terras não habitadas entre um e outro morador, pois os lotes, naquele tempo, como também agora, não eram distribuídos em série: cada um podia escolher o número do lote que melhor lhe agradasse. Como havia muita terra, naturalmente a pior ficava desocupada por longo tempo, antes de encontrar comprador. Esse sistema, com o passar do tempo, demonstrou não ser muito prático. Em primeiro lugar, porque as estradas que atravessavam as áreas de selvas desocupadas não secavam o suficiente após as chuvas e, em segundo, porque as clareiras vizinhas eram prejudicadas, pois nas proximidades dos colossos da floresta, que projetavam muita sombra, nada crescia. Além disso, não era muito vantajoso para um principiante ter que enfrentar bandos de gatunos das matas, localizados a pouca distância e que furtavam suas galinhas e faziam visitas aos currais de porcos. Registre-se ainda que, naquela época, havia vizinhos ainda piores do que as onças e outros animais semelhantes.

À montante, o rio Itajaí estava desmatado a partir do centro da cidade, até onde hoje se ergue a igreja Católica. Depois vinha a floresta até o ribeirão da Velha, na foz do qual teve início a Colônia. Seguiam-se mais florestas até a Fortaleza, onde residiam uns poucos colonos, e assim, continuava até a balsa da ltoupava - grandes trechos com floresta, destacando-se entre elas algumas clareiras.

Adiante, prosseguiam as florestas até o ponto extremo de Blumenau, ou seja, o Moinho do Salto. Esse ponto era o último local habitado em direção do rio acima. Os rios Benedito, Cedro, Encano e outros afluentes, cujas regiões ribeirinhas hoje estão habitadas até seus divisores d'agua, só eram conhecidos através de comentários, "causos" e "relatórios" dos mais

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

an die Wasserscheide bewohnt sind, kannte man nur von Hörensagen aus den Berichten kühner Jäger. Die dem Stadtplatz zunächst liegende Itoupava war schon besser bekannt. Flußabwärts lag die sogenannte Vorstadt, auch nur theilweise bewohnt, bis an die Grenze von Blumenau, die freilich nich weit vom Stadtplatz entfernt war.

Was die Wege anbetrifft, so befanden sie sich zur Zeit unserer Ankunft noch im Urzustande. Sämmtliche Brücken waren nur provisorisch gebaut, und vielfach mußte in den entfernten Teilen der Kolonie ein Baumstamm ihre Stelle vertreten. Außerdem lagen sie alle zu tief und kamen nach jedem starken Gewitter unter Wasser. Die so sehr nötige Brücke über die Garcia war noch nicht gebaut; eine kleine Fähre diente lange Zeit zur Ueberfahrt; man mußte sie an einem Strick von Cipo hinüberziehen. Bei niedrigem Wasserstande war das Experiment nicht sehr gefährlich, anders verhielt es sich aber, wenn es oben in den Bergen etwas stark geregnet hatte, denn die Garcia kommt verhältnismäßig weit her und ist ein echtes Gebirgskind. Ja im umsehen verwandelte sie sich dann in ein reißendes Wildwasser, und wehe dem, der sich hineinwagte! Sie hat im Laufe der Jahre schon viele Opfer gefordert. So erinnere ich mich, daß einmal bei der Ueberfahrt mit der Fähre drei Personen zugleich ertranken.

Erst viel später wurde eine größere Fähre angeschafft, die aber noch immer viel zu klein war. Endlich baute man die erste Brücke, legte sie aber der Kosten wegen viel zu tief an, sodaß die Passanten bei dem Hochwasser mit einem großen Canoe übergesetzt werden mußten. Die zweite Brücke steht heute noch und ist zweckmäßiger gebaut, doch hat die Zeit auch hier ihren zerstörenden Einfluß geltend gemacht, und schon hat man mit dem Bau der dritten begonnen.

Die Hauptstraße war lange Zeit der Itajahy, der auch jetzt noch der einzige Verbindungsweg mit der Küste für uns ist. An Dampfer dachte noch kein Mensch; Canoas, Lanchas und kleine Küstenfahrer vermittelten den Verkehr mit dem Hafen an der Barre von Itajahy; die Post wurde regelmäßig alle Monate befördert.

Digitalizado pelo Acervo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

audazes caçadores. A ltoupava, mais próxima do centro, já era mais conhecida. Em direção ao litoral, a partir do centro da cidade, situava-se o chamado "Vorstadt", cuja área era habitada em pequeno trecho no limite da cidade, a pouca distância do centro.

Concernente às estradas, por ocasião da nossa chegada, encontravam-se ainda em seu estado primitivo. Todas as pontes foram construídas provisoriamente e, muitas vezes, em locais mais distantes da Colônia, eram representadas por um simples tronco de árvore parcialmente caído. Além disso, estavam assentadas pouco acima do nível dos ribeirões, o que as submergia sempre que ocorriam fortes trovoadas. A importante ponte sobre o ribeirão Garcia, ainda não fora construída. Existia lá uma pequena balsa que serviu por muito tempo e era necessário puxá-la usando um cipó. Quando o nível d'água do ribeirão era normal, com alguma habilidade, a ultrapassagem não era perigosa. Mas era bem diferente quando chovia forte nas cabeceiras das nascentes, pois o ribeirão Garcia provém de grande distância. Assim decorria que, poucas horas após as trovoadas, o ribeirão transformava-se num rio caudaloso e, por isso, coitados daqueles que se aventurassem a enfrentar suas águas! No decorrer dos anos, o Garcia fez muitas vítimas. Recordo-me de que, numa travessia com aquela balsa, quando o ribeirão estava com o volume de água muito aumentado, três pessoas morreram em um só acidente.

Só muito mais tarde foi adquirida uma balsa maior, embora ainda não satisfizesse totalmente às necessidades, em face de seu reduzido tamanho, em comparação com a demanda. Finalmente, foi construída a primeira ponte, mas devido a seu alto custo, ela foi erguida a pouca altura sobre o nível do ribeirão. Com as constantes cheias, a ponte submergia e os pedestres eram transportados por uma canoa de grande porte. A segunda ponte continua a ser utilizada até hoje. No entanto, já se verifica a ação do tempo com sua influência destruidora. Por isso, já estão iniciando as obras para a construção de uma terceira ponte.

A rua principal de Blumenau foi durante muito tempo o rio Itajaí, que continua a ser atualmente a única via de comunicação com a costa.

Na utilização da embarcação a vapor ninguém pensava. Usavam- se canoas, lanchas e outras pequenas embarcações para fazer o transporte entre Blumenau e o porto na Barra do Itajaí. O correio era transportado regular-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Biblioteca Pública Setorial Memória Digital Catarinense

Einige Zuckergeschirre und Mandiokmühlen bestanden schon, doch gab es noch keinen einzigen Wagen hier. Etliche Kolonisten besaßen auch Maultiere, Rindvieh hatten schon die meisten, ebenso Schweine und Geflügel, doch wollte alles noch nicht recht zureichen. So kam es, daß die notwendigsten Lebensmittel eingeführt werden mußten. Noch war keine Schule, keine Kirche, keine Apotheke vorhanden. Ein Thierarzt hatte eine kleine homöopathische Apotheke mitgebracht, auch war ein geschickter Geburtshelfer. Glücklicher Weise gab es nicht viel Kranke, die des ärztlichen Beistandes bedurft hätten. Von Handwerkern waren nur ein Tischler und ein Schmied im Gange. Dem Tischler starb die Frau, er ergab sich dem Trunke und wurde in der Folge buchstäblich von Sandflöhen aufgefressen. Der Schmied hatte gewöhnlich kein Eisen, auch fehlte es ihm sehr an den nötigen Werkzeugen, und so mußten sich die ersten Kolonisten manchmal sehr kümmerlich behelfen. Der Mangel an Handwerkern machte sich immer unangenehmer fühlbar, und als später verschiedene einwanderten, fanden sie hier ihr gutes Brot.

Eine einzige Mahlmühle lieferte das Mehl für die ganze Kolonie, doch bald wurden mehrere gebaut. Feldfrüchte gab es wenig, schwarze Bohnen waren die Hauptfrucht. Knollenfrüchte, von denen wir jetzt eine reiche Auswahl haben, wurden erst nach und nach mit großer Mühe und vielen Kosten aus älteren Kolonien, anderen Provinzen, ja selbst aus Europa bezogen und als Samen oder Stecklinge hier eingeführt, ebenso Obstbäume, Hülsenfrüchte, Gemüse, Blumen u.s.w. In diefer Hinsicht that der Direktor das Menschenmögliche und scheute weder Mühe noch Kosten, um sein Werk auch in dieser Hinsicht zu fördern. Die Opfer waren nicht vergebens gebracht. Und wenn dem Dr. Blumenau von der Regierung später alles reichlich ersetzt worden ist, so empfing er nur seinen wohlverdienten Lohn. Er that nichts aus Spekulation, wie kleinliche Menschen vieleicht dachten, sondern hatte es sich zur Lebensausgabe gemacht, hier ohne Rücksicht auf seine Privatinteressen eine lebensfähige Kolonie zu schaffen. Im Großen wie im Kleinen, wenn es galt, der guten Sache zu dienen, zauderte er keinen

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mente uma vez por mês.

Existiam uns poucos engenhos de açúcar e moinhos de mandioca, mas não havia uma única carroça. Alguns colonos possuíam cavalos e mulas. A maioria também possuía gado, criava porcos e aves, mas ainda em quantidades insuficientes para o consumo geral da Colônia. Por esse motivo, era necessário importar os gêneros alimentícios mais escassos na produção local. Não havia igreja nem escola ou farmácia. Um veterinário possuía uma pequena farmácia homeopática que trouxera da Europa. Era também um hábil parteiro (obstetra prático). Felizmente ainda não havia tantos doentes que necessitassem de assistência médica. Artífices havia somente dois: um era marceneiro e o outro ferreiro. Infelizmente, com a morte da esposa, o marceneiro entregou-se à bebida e, em conseqüência, foi praticamente devorado pelos bichos-de-pé (inseto cuja fêmea fecundada, penetra na pele). O ferreiro geralmente não possuía ferro para trabalhar e também lhe faltavam ferramentas adequadas para serviços mais completos. Dessa maneira os primeiros colonos tinham que improvisar, eles próprios, tudo o que fosse de conserto e reformas, com os recursos naturais que lhes caíssem às mãos. A falta de artífices foi suprida mais tarde com a chegada de diversos deles, que imigraram e encontraram aqui seu sustento pelo trabalho profissional.

Um único moinho fornecia o fubá para toda a Colônia. Mais tarde construíram outros. Produtos de lavoura só existiam poucos. O feijão preto era o produto principal. Os tubérculos, dos quais hoje possuímos uma rica seleção, só foram trazidos lentamente, com muito sacrifício, de colônias mais antigas, de outras Províncias e mesmo importados da Europa, bem como sementes e mudas, e ainda árvores frutíferas, verduras, flores, etc. Nisso o diretor fez o humanamente possível, não poupando esforços e sacrifícios para favorecer seu empreendimento. Os sacrifícios não foram em vão. E se o Dr. Blumenau mais tarde teve o reconhecimento do Governo pelo seu trabalho, essa recompensa foi realmente bastante merecida. Ele nada fez com propósitos especulativos, como talvez pessoas mesquinhas possam pensar, porque implantou aqui um sistema eficiente, normatizando todas as atividades, sem considerar interesses particulares, objetivando erigir uma Colônia capaz de perpetuar-se. Tanto no trato com as pessoas mais destacadas como com as mais humildes, quando se tratava de servir a uma

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Rede Bibliotecas Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Augenblick mit seiner Person und seinem Vermögen einzutreten. Das soll ihm nicht vergessen werden.

Ein einziger Kaufladen befand sich, wie schon erwähnt, damals in Blumenau, der aber mit den geringsten Läden am Stadtplatz wie sie heute sind, nicht im entferntesten verglichen werden könnte. Sehen wir uns die Herrlichkeiten desselben einmal an.

Da steht ein Faß mit Santosspeck, so genannt weil er aus Santos kam. Der Deckel ist beschwert, wahrscheinlich weil sonst die Maden mit den Speck davon liefen. Wir wollen auch den Deckel nicht lüften aus Rücksicht auf unsere Geruchsnerven. In einer Ecke auf dem bloßen Fußboden liegt ein Ballen Dörrfleisch (carne seca) – aber in welchen Zustande! Zolldick mit rotem Schimmel überzogen und über mit Schmutz bedeckt, ist das Fleisch ein würdiges Seitenstück zu dem Speck, dem es auch im Geruch ähnelt. Außerdem schien es jedermann für eine Anstandspflicht zu halten, den Ballen mindestens einmal als Spucknapf zu benutzen. Selbst die Hunde hatten einen solchen Ekel davor, daß ihre Verachtung auf eine nur den Hunden eigentümliche Weise zu erkennen gaben. Zwischen Speck und Dörrfleisch stehen einige Säcke mit Bohnen, die von Würmern und kleinen Käfern total zerfressen sind. Dann kommt eine Tonne mit Fischthran - Petroleum kannte noch keiner; sehr dick streng riechend, mit Gräten, Schuppen und ganzen Fischköpfen vermischt, konnte er jede Hausfrau beim Anstecken der Lampe zur Verzweiflung bringen. Da waren auch Lichter, Talglichter natürlich, an denen ein Eskimo seine helle Freude gehabt haben würde. Leider fanden sie hier nicht soviel Anerkennung, wie sie jedenfalls in Grönland gefunden haben würden. Salz, jawohl Salz war es, aber grobes schmutziges Seesalz, kein Salz wie wir es heute kaufen können. Dann sah man noch einige Säcke Mandiokmehl, einige Packete Nägel, etwas Draht, Nähnadeln u.s.w. Auf einem Brett lagen etliche Rollen Arbeitszeug, grober baumwollener Stoff, auch etwas wollenes Zeug. Das war so ziemlich alles. Die ganze Ausstattung hätte man bequem auf einem Wagen fortschaffen können.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

boa causa, não hesitava, um só momento, em participar pessoalmente ou até com seus próprios recursos financeiros. Esta característica do Dr. Blumenau nunca deverá ser esquecida.

Havia somente uma casa comercial, conforme mencionado. Mas essa nem de longe pode ser comparada com as casas de comércio hoje existentes na cidade.

Vejamos, pois, em que consistia essa maravilha: à nossa frente, a poucos passos, divisamos um barril com toucinho procedente de Santos, São Paulo. A tampa do barril estava sob um peso, provavelmente para impedir que os vermes carregassem o toucinho. Não erguemos a tampa, em consideração à sensibilidade do nosso olfato. Num canto, em chão puro, encontrava-se um fardo de carne seca, todo coberto por uma grossa camada de bolor vermelho e sujeira. Esse fardo de carne era um objeto digno de comparação com o toucinho, ao qual também se assemelhava no odor. Além disso, parecia-nos que todos os que passavam por perto, consideravam um ato de educação não manifestar a repulsa ao mau cheiro, cuspindo sobre o dito fardo. Até os cachorros sentiam tanto nojo pela tal carne, que demonstravam seu desprezo de forma peculiar. Entre o toucinho e a carne, achavam-se algumas sacas de feijão, com o produto praticamente estragado pela ação dos bichos. A seguir encontramos um tonel com óleo de peixe - petróleo ninguém conhecia. Esse óleo era muito grosso, com um odor forte, misturado com espinhas, escamas e cabeças inteiras de peixe. Pode-se imaginar o desespero que causava para qualquer dona de casa a tarefa de acender a lamparina com tal produto.

Naquela "Casa Comercial" havia também lamparinas de sebo que fariam a alegria de qualquer esquimó. Mas, infelizmente, aqui mereciam um reconhecimento muito diferenciado do que despertariam em alegria na Groenlândia.

Sal! Sim, era sal, mas grosso e sujo. Sal do mar, não um sal com a qualidade que hoje usamos. Depois viam-se ainda alguns sacos de farinha de mandioca, alguns pacotes de pregos, um pouco de arame, agulhas para costura manual, etc. Sobre uma tábua estavam alguns rolos de tecido grosso de algodão, usado para confeccionar roupas resistentes para o trabalho na roça, assim como tecidos de lã. Isso era tudo! Todo o estoque caberia numa carroça.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

An Getränken gab's nur Branntwein und Rothwein, Vinho tinto, der aber besser Vinho de tinta hätte heißen sollen, da nur sehr gewiegte Kenner ihn von wirklicher Tinte unterscheiden konnten.

Zucker, Weizenmehl und Reis wurden zum Luxus gerechnet und waren selten zu haben, wie denn bald dieses, bald jenes fehlte. Namentlich war das der Fall, wenn lange schlechtes Wetter herrschte oder gar hohes Wasser eintrat. Dann hieß es entbehren, und jeder mußte sich helfen, so gut er konnte, bis wieder Zufuhr von außen kam, denn bei solchen Zeiten hörte einfach jeder Verkehr auf.

Auf welche Art mancher aus der Noth eine Tugend zu machen wußte, war wirklich originell. So wurden z. B. einige Leuchtkäfer gefangen und unter ein umgekehrtes Bierglas gesteckt, und die Beleuchtung war fertig. Doch mit dem Ende des Sommers hörte dieser Spaß auf aus mangel an Käfern, und man konnte nun wieder wählen zwischen Thran und Talg, wenn man es nicht vorzog, im Dunkeln zu sitzen, was viele für das Praktischste hielten.

Gab's kein Mandiokmehl, nun so gab's Palmitenkohl zu den Bohnen, und an Wildpret und Fischen fehlte es auch noch nicht. Schlimm sah es allerdings aus, wenn kein Salz zu bekommen war. Dann war Holland in Noth, und in solchen zum Glück nicht allzu häufigen Fällen kam der Santosspeck zu ehren. Man kaufte ihn des Salzes wegen, womit er reichlich versehen war, kratzte die übrige Schicht ab und laugte das übrige aus. Wenn das Maismehl knapp wurde, buck man Brot aus Mandiokmehl. Freilich hoben viele die Zähne gewaltig hoch dabei, und zuerst wollte es gar nicht munden; wurde es dann gebacken, so war es hart und zäh, machte man es dicker, so buck es in der Mitte nicht aus. Sehr bezeichnend waren die Namen dafür, das dünne nannte man Fladen, das dicke Klitsch. Man gewöhnte sich mit der Zeit auch daran, doch vermißten die meisten das gute hausgebackene Roggenbrot gar sehr. Auch trocken oder mit heißem Wasser zu einem dicken Brei gerührt, wurde das Mandiokmehl vielfach genossen. Schwarze Bohnen, Mandiokmehl und Fleisch waren und sind heute noch Nationalgericht und

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Com relação à bebida, só havia aguardente e vinho tinto, que deveria ser preferivelmente denominado de vinho de tinta, pois somente um bom conhecedor de tintas o diferenciaria do verdadeiro corante. Açúcar, farinha de trigo e arroz eram produtos de luxo e muito raros e faltavam ainda outros artigos, especialmente quando ocorriam enchentes ou se prolongava o mau tempo, o que impedia o transporte procedente da barra do Itajaí. Nesse caso, era necessário sofrer com a escassez e contentar-se com o que havia disponível, até que chegasse nova remessa de abastecimento.

A maneira como se procurava fazer da necessidade uma virtude era realmente original. Assim, por exemplo, apanhavam-se alguns vagalumes, colocando-os sob um copo emborcado e obtinha-se uma sofrível iluminação, mas que não deixava de ser uma solução. Porém, com o fim do verão, esse recurso também desaparecia com a ausência dos vagalumes, tornando-se necessário, então, contentar-se com a iluminação do óleo de peixe e de sebo, ou sujeitar-se a ficar na escuridão, o que para muitos era considerado um meio mais prático.

Quando não havia farinha de mandioca, serviam-se palmito com feijão e carne de caça, além de peixe que o rio oferecia com abundância. O pior acontecia quando faltava sal. Era um desespero. Mas, para a "felicidade" de muitos, este desespero era solucionado com o uso do toucinho de Santos. Esse toucinho possuía uma grossa camada de sal, o que resolvia precariamente o drama dos consumidores. Raspava-se a sua superfície para tirar o sal e o restante colocava-se na água. Quando faltava fubá, fazia-se o pão com farinha de mandioca. Alguns rangiam os dentes, porque não gostavam do tal pão. Quando era assado em demasia, tornava-se duro e resistente, e quando mal assado, ou quando faziam-no mais volumoso, este pão ficava com o interior cru. Muito sugestivo era como denominavam este pão de farinha de mandioca: "Fladen" (tortilas), quando fino e "Klitsch" (mal passado), quando grosso. Mas, com o passar do tempo todos se acostumavam, embora sempre lamentando a falta do pão de centeio caseiro.

Também, seca ou feito pirão, usava-se muito a farinha de mandioca. Feijão preto, farinha de mandioca e carne ainda hoje constituem o prato nacional e por muito tempo preencherão o seu lugar, pois essa alimentação é saborosa e nutritiva.

Tão simples como a alimentação era também o modo de se vestir. No

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

werden ihren Platz wohl noch lange behaupten, denn dieses Gericht ist schmackhaft und nahrhaft, obwohl für Stubenhocker gerade nicht zu empfehlen.

Einfach wie die Nahrung war auch die Kleidung; im Sommer nur Hemd und Hose von Baumwolle, im Winter kam ein blauer, ganz einfacher Rock von Schafwolle hinzu. Die von Deutschland mitgebrachten Kleider waren bald aufgetragen, erwiesen sich auch meist als ganz unpraktisch für das hiesige Klima. Schuhe und Strümpfe wurden bald abgelegt, und alles ging barfuß.

Mancher Leser denkt nun vielleicht, daß das Leben in den ersten Jahren hier eintönig und langweilig gewesen sei. Das war es jedoch durchaus nicht. Grade in der Anfangsperiode, wo einer auf den anderen angewiesen war, herrschte viel mehr Kameradschaftlichkeit und gegenseitige Anregung als sie heute anzutreffen ist. Der Ton der Gleichheit und Gemüthlichkeit, der damals noch baare Münze war, ist er heute überhaupt noch zu finden? Ganz Blumenau bildete eine große Familie, jeder kannte des anderen Verhältnisse und nahm Antheil an seinen Schicksalen, nicht nur mit dem Munde, sondern auch mit dem Herzen und der That. In den einzelnen Familien herrschten gute, patriarchalische Sitten und wurde weitgehende Gastfreundschaft geübt.

Des Sonntags kam man in irgend einem Hause zusammen und erzählte sich die Vorfälle der Woche, all die kleinen Freuden und Leiden des Kolonistenlebens im Urwalde. Manchmal brachte auch einer ein Buch zum Vorlesen mit, dessen Inhalt dann bis in die kleinsten Einzelheiten durchgesprochen wurde. Weil es keine Zeitung gab, gab es auch keine Politik, und weil es keine Politik gab, kannte man keinen Parteihader.

Schnaps war verpönt. Einzelne Fälle von Trunksucht kamen wohl vor, aber doch äußerst selten, ebenso war alles Spielen nach stillschweigender Übereinkunft verboten. Das Tanzen unterblieb von selbst, denn es gab noch keine Musikanten. Alle diese sehr zweifelhaften Vergnügungen mit ihren unausbleiblichen üblen Folgen kamen erst viel später auf, als Blumenau anfing, sich zu zivilisieren. Die Sitten der alten Urwäldler

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

verão só usavam camisa e calça de algodão e, no inverno, um casaco simples de lã de ovelha. As roupas trazidas da Alemanha em pouco tempo estavam gastas e na maior parte mostravam-se inadequadas para o clima daqui. Sapatos e meias, brevemente, eram dispensados e todos andavam descalços.

Muitos dos leitores provavelmente pensem que, no início, a vida aqui era monótona. Mas não era. No período inicial, quando um dependia do outro, havia muita amizade e mais iniciativa do que hoje. Naquele tempo, o caráter de igualdade e de cordialidade ainda era moeda válida. E hoje poderia ser encontrado?

Toda Blumenau formava uma grande família. Um conhecia a condição do outro e mutuamente participavam de seus destinos, não só com palavras, mas com o coração e ações. Diversas famílias preservavam os costumes patriarcais e mantinham o espírito de amizade.

Aos domingos, diversos colonos se reuniam em uma casa amiga e comentavam acontecimentos da semana: as pequenas alegrias ou alguma desgraça ou drama que ocorresse com algum dos colonos, no meio da floresta. Às vezes, um deles levava consigo um livro para que lessem alguns trechos, cujo teor era discutido em seus mínimos detalhes.

Como não havia jornais, também não havia política e, como não havia política, em decorrência, também não havia discórdia partidária.

Naquelas reuniões, a aguardente era considerada inconveniente e, por isso, rejeitada. Casos isolados de embriagues aconteciam, mas eram muito raros. Da mesma maneira, todo o jogo, por concordância geral, era proibido. A dança não acontecia mesmo, pois faltavam os músicos. Todas essas diversões, algumas com suas conseqüências desagradáveis, mas inevitáveis, vieram bem mais tarde, quando Blumenau começou a se "civilizar". Os costumes dos antigos moradores da floresta eram puros e probos. O que seria de Blumenau se os primeiros moradores não tivessem sido sensatos, trabalhadores e não fossem, em sua maioria, inteligentes? Só assim foi possível construir alicerces sólidos. O velho pioneiro-branco, infelizmente, desapareceu quase por completo nos dias de hoje, mas, afortunadamente, ainda existe uma boa semente em seus descendentes.

Em todas as áreas, o Dr. Blumenau, fundador e guia de todos, era o modelo exemplar a ser seguido. Tratava-se de um homem de raros

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

waren rein und unverdorben. Was wäre wohl aus Blumenau geworden, wenn die Anfänger nicht nüchterne, fleißige und meistens auch intellingente Leute gewesen wären? Nur so konnte ein guter Grund gelegt werden. Der alte Stamm ist freilich bis auf wenige ausgestorben, aber heute noch steckt ein guter Kern in den Nachkommen.

Auf allen Gebieten ging Dr. Blumenau, der Gründer und das Oberhaupt der Kolonie, mit gutem Beispiel voran, ein Mann von seltenen Eigenschafften, der all sein Wissen und Können in aufopfernder Weise hier eingetzt hat. Nichts unterschied ihn in der Kleidung oder Lebenshaltung von dem gewöhnlichen Kolonisten, er arbeite ebenso fleißig, lebte ebenso einfach und ertrug alle Strapazen und Beschwerden, die das Urwaldsleben mit sich brachte, ohne Klagen, obgleich ihm das wohl schwerer fiel als den anderen, denn er war körperlich nicht sehr kräftig und kränkelte oft. Dazu kam die Sorge um sein Schmerzenskind, die Kolonie, und dessen Zukunft. Seine Hülfsmittel hatten sich nach und nach erschöpft, die Regierung wollte nicht helfen.

Die wenigen Einwanderer, welche in den ersten Jahren hier eintrafen, kamen wohl für ihr eigenes Geld, aber damit war ihr Vermögen in der Regel auch am Ende. Export gab es noch nicht; es mußte im Gegentheil sehr vieles eingeführt werden. Wie rar das Geld damals war, beweist der Umstand, daß ein Handwerker eine Patacca (320 Rs) aber nach deutschem Gelde damaliger Zeit 8 Silbergroschen auf den Tag verdiente, ein gewöhnlicher Arbeiter aber nur die Hälfte. Bei ihrer sparsamen Lebensweise kamen sie aber besser aus als heutzutage ihre Genossen mit hohem Lohn, die es für unerläßlich halten, jedes Vergnügen mitzumachen und denen Luxusartikel schon unentbehrlich geworden sind. Lebt einfach, dann habt ihr etwas!

Mein Vorwurf trifft hier von den Handwerkern und Arbeitern hauptsächlich die Unverheiratheten, denn die Familienväter sind schon gezwungen, ihre Groschen mehr zusammen zu halten, obgleich auch bei ihnen manches für überflüssige Dinge draufgeht.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

predicados, que empregou os seus conhecimentos e experiência com abnegação em benefício de todos. Em nada ele se distinguia dos colonos mais humildes, tanto no trajar como na forma de viver e no contato com todos. Trabalhava com afinco; vivia em plena simplicidade. Suportava todas as dificuldades que a floresta impunha sem lamentar-se, apesar de para ele as dificuldades terem sido mais acentuadas, tanto pela responsabilidade que lhe pesava nos ombros, como em razão de possuir compleição física inadequada e saúde sensível ao clima, tanto assim que adoecia freqüentemente. A isto tudo aliava-se a diuturna preocupação que tinha a respeito de seu "filho problema", que era a Colônia e seu futuro. Suas reservas financeiras, aos poucos se esgotaram, pois o Governo relutava em ajudar. Os poucos imigrantes que aqui chegaram nos primeiros anos, vieram à sua própria custa, resultando em que as disponibilidades financeiras dos recém-vindos ficassem praticamente esgotadas.

Exportação não havia; ao contrário, muita mercadoria precisava ser importada. Como o dinheiro era escasso naquela época! A prova disto é que um artífice recebia uma pataca (320 réis) ou, de acordo com o dinheiro alemão na época, 8 (oito) moedas de prata por dia, enquanto que um simples trabalhador braçal só recebia a metade. Contudo, devido à maneira de viver de cada um, economicamente zelosos, passavam até melhor do que seus sucessores, no decorrer da evolução da Colônia, que nos dias de hoje, pelos altos rendimentos que muitos têm, acham indispensável participar de tudo quanto seja divertimento, e procuravam ostentar artigos de luxo, efetuando com isso, gastos excessivos. Os antepassados levavam uma vida simples e segura. Os de hoje se assim fizerem, poderão assegurar, com relativa garantia, um futuro com vida serena.

Censuro os artífices e os trabalhadores, principalmente os solteiros, pois, os pais de família se vêem obrigados a economizar o quanto possível, embora também gastem em coisas supérfluas.

Não obstante todas as dificuldades, a nova Colônia progredia lentamente. Um grande obstáculo no seu desenvolvimento era a minoria do sexo feminino que, em relação ao masculino, era mais ou menos de uma mulher para dez homens. Justamente no primeiro período as mulheres eram imprescindíveis, não só como meio para aumentar a população da Colônia, mas também, especialmente, para auxiliar o homem em sua árdua tarefa,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Trotzt aller Hindernisse kam die neue Kolonie dennoch langsam voran. Ein großer Hemmschuh in der Entwicklung war die Minderzahl des weiblichen Geschlechts, welches sich zum männlichen ungefähr wie 1 zu 10 verhielt. Gerade in der ersten Periode wären die Frauen am nöthigsten gewesen, nicht nur als Mittel die Kolonie zu vergrößern, sondern um dem Manne in seinem schweren Anfange beizustehen; denn welch eine Stütze hat der Mann nicht an einer tüchtigen Frau! Wie sehr dies damals empfunden wurde, beweist der Umstand, daß die Junggesellen, manchmal waren es auch Altgesellen, den angemeldeten Schiffen mit Einwanderern weit hinaus ins Meer mit gemieteten Fahrzeugen entgegenfuhren, um gleich am Bord den ledigen Fräuleins und Damen heirathsanträge zu machen, die in der Regel auch angenomen wurden. Bei diesen Hochzeitsreisen wurde sehr gewissenhaft zu Werke gegangen; aus der vorher eingelaufenen Schiffsliste hatten die Herren Junggesellen erfahren, was für Waare zu heben war, danach wurde operiert, soviel Frauen, soviel Männer, keiner mehr und keiner weniger, die Männer wurden durch das Los bestimmt, ebenso die Weiblein. Freilich kam es dabei auch vor, daß ein Alter eine Junge zog, und umgekehrt, aber das wurde Fortuna überlassen und keiner muckste über sein Schicksal, am aller wenigsten wenn ein Alter eine Junge erwischt hatte. Tausch galt dabei nicht, das Loos war der Richter, nur im Falle, wenn einige Körbe bekommen hatten, konnten sie ihre Schönen gegenseitig vertauschen. Wenn das die holden Schönen auf dem Schiffe gewußt hätten, wie hier über sie entschieden wurde! Über die stattgehabte Loserei schweig jeder wohlweislich stille, jeder stellte sich an, als wäre er Knall und Fall bis über die Ohren verliebt. Natürlich kam man nicht an Bord, um Menschenfleich sondern nur um übriggebliebenen Schiffsproviant zu kaufen als: Heringe, Pöckelfleisch, Kartoffel u. s. w. Das wurde nebenbei auch wirklich eingehandelt, die Hauptsache aber war die Lotterienummer einzuziehen, wobei der Capitain, der in die Sache schleunigst eingeweiht worden, eifrig mit half. Heute hat man die Sache bequemer, und braucht nicht erst sein Leben dem unsicheren Meere anzuvertrauen, um zu einem Weibe zu

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pois não se pode ignorar a prestimosa ajuda que uma mulher representa para o homem, quando é ativa e diligente!

Para se ter uma idéia do quanto a falta de mulher era sentida na Colônia, basta dizer que os homens solteiros, alguns até bem "maduros", iam ao seu encontro nos navios que eram anunciados, conduzindo imigrantes. E o faziam quando o navio ainda se achava longe do atracadouro e da barra. Alugavam embarcações e se dirigiam para lá, subiam a bordo do navio para fazer propostas de casamento às jovens solteiras e senhoras que, via de regra, eram aceitas. Nestas "viagens de núpcias", agia-se muito conscienciosamente. Através de uma lista com o nome das mulheres embarcadas e disponíveis para o casamento, os jovens solteiros tomavam conhecimento de que a "mercadoria" estava à disposição e, de acordo com esta informação, se operava a "transação": tantas mulheres, tantos homens, nenhum a mais, ou a menos. Os homens, candidatos ao casamento, eram escolhidos através de sorteio ou "rifa", assim como as mulheres. Era óbvio que, por vezes, um homem mais idoso era premiado com uma mulher bem jovem e vice-versa. Mas, como isto era um jogo de sorte, ninguém reclamava do destino - muito menos se um velho era premiado com uma jovem. Troca não havia. O bilhete era sorteado por um juiz. Só em casos quando um ou outro era rejeitado, então poderia haver um acerto pela troca de beldades entre si. Se as jovens, principalmente as mais belas, tivessem a oportunidade de conhecer com antecedência a maneira pela qual aqui decidiriam seus destinos, algumas certamente desistiriam de embarcar! Este sistema - o de sorteio - era até certo ponto secreto, e todos o aceitavam e se comportavam como se realmente estivessem apaixonados. É claro que nem todos os que iam a bordo tinham por objetivo comprar carne humana. Muitos só desejavam adquirir provisões, como: sardinhas em salmora, carne salgada, batatas, etc. Mas isto também acontecia à parte, por muitos dos que iam ao sorteio, pois o mais importante para eles era, primordialmente, o bilhete premiado. Secundariamente vinham os negócios de compra de provisões. Nos casos das escolhas de casais, o comandante do navio era cientificado e, por sua vez, facilitava as coisas, auxiliando na organização e distribuição dos "prêmios do sorteio". Hoje tudo tem mais comodidade e não é necessário arriscar-se a vida, no mar traiçoeiro, para conseguir uma esposa.

A Colônia evoluía muito devagar. Como ainda não havia exportação,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

kommen, ja, man kann annehmen, wenn heute ein Schiff mit Junggesellen käme, so wäre es nur ihre Schuld, wenn sie hier lange unbeweibt blieben.

Das ging nun so lang es ging, aber da noch immer kein Export war, so gab es natürlich auch keine Einnahme, sondern nur Ausgaben und die Kolonie kam dadurch nur sehr langsam vorwärts. Das war aber nicht nach dem Sinn des Dr. Blumenau. Schon hatte er sein Vermögen fast gänzlich eingebrockt, der Mangel an baarem Gelde wurde immer mehr fühlbar und brachte den Direktor zu dem Entschluß, nach Rio zu reisen und persönlich der Regierung die Lage der Kolonie darzustellen. Glücklicherweise war dort ein persönlicher Freund des Direktors zu großem Einfluß gelangt, mit dessen Hülfe es ihm gelang durchzudringen, ja, man bewillgte ihm noch mehr als er verlangt, und je gehofft hatte, und was die Hauptsache war, man hielt, was man versprochen. Voller Freude kehrte Dr. Blumenau zurück, sein Werk trat in ein anders Stadium, eine ganz neue Periode begann. Die Regierung hatte die Kolonie in ihre Hände genommen, den Dr. Blumenau zum Direktor eingesetzt, die nötigen Beamten angestellt, es kam Geld für Schule, Kirche, Empfangshaus und Wegarbeit. Aber beim besten Willen der Obrigkeit ging es in den ersten Jahre doch immer noch langsam voran, weil die europäischen Regierungen, namentlich die preussische, sehr gegen die Auswanderung waren. Doch nach und nach kam die Kolonisation in Blumenau so in fluß, daß Dr. Blumenaus kühnste Hoffnungen übertroffen wurden. Noch lange Zeit, nachdem die Regierung die Kolonie übernommen, blieben die alten guten Sitten und Gewohnheiten, doch konnte man den Einfluß des Zuschußes an Menschen und Geld schon recht gut merken, neue Geschäftshäuser und Gastwirthschaften erstanden wie selbst, öffentliche Bauten wurden gemacht, Handwerker fingen an, ihre Geschäfte zu treiben, Vereine bildeten sich, kurz, Blumenau fing an, sich zu heben.

Doch ehe wir zur dritten, der eigentlichen Glanzperiode, das ist die Zeit in der das meiste Geld und die meisten Einwanderen hier ankamen, übergehen, wollen wir noch ein Volksfest und ein paar Gerichtsscenen schildern, es soll damit den Lesern der Ton und der Volksgeist der damaligen

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

não havia negócios rentáveis vindos de fora, mas só despesas com importação. Isso era o que mais preocupava o Dr. Blumenau. Ele já havia aplicado toda sua fortuna, e a falta de "dinheiro vivo" se tornava sempre mais crítica e intolerável. Por isso o Dr. Blumenau tomou a decisão de viajar para o Rio de Janeiro, a fim de expor pessoalmente a situação da Colônia ao Governo Imperial. Providencialmente, naquele tempo, um amigo pessoal do fundador havia alcançado posição de expressiva influência na Corte. Com o auxílio deste amigo, Dr. Blumenau conseguiu impor a prevalência de seus nobres propósitos, resultando finalmente na concordância do governo de atender ao que lhe havia sido requerido. Dr. Blumenau retornou satisfeito, pois sua obra ingressaria em novo estágio evolutório. A partir daí o Governo Imperial assumiu a responsabilidade pelo desenvolvimento da Colônia, e através de um contrato bem elaborado o Dr. Blumenau foi nomeado seu diretor, assim como também foram nomeados os respectivos funcionários, aportando recursos para a construção da primeira escola, da primeira igreja, casa de recepção e para trabalhos de abertura de estradas. Mesmo assim, com a melhor boa vontade das autoridades, nos primeiros anos tudo prosperava vagarosamente, e isso porque os governos europeus, especialmente o prussiano, eram contra a emigração para o Brasil, restringindo-a. Mas, pouco a pouco, a colonização de Blumenau foi avante, de tal forma que chegou a ultrapassar as expectativas do Dr. Blumenau.

Durante longo período, após o Governo Imperial assumir a obra colonizadora e ter nomeado o Dr. Blumenau como diretor, a Colônia continuou a preservar os bons costumes e hábitos elogiáveis. Mas, aos poucos, começou-se a sentir a influência da transformação das pessoas e do dinheiro. Assim, foram surgindo novas casas de comércio, bem como bares e hospedarias; foram construídos edifícios públicos, etc. Os artífices iniciaram seus negócios, sociedades foram fundadas, e enfim, Blumenau começou a evoluir com atividades mais dinâmicas..."

Antes de chegar ao terceiro período, aos tempos áureos, ou seja, época em que havia mais dinheiro, e em que a maioria dos imigrantes chegou, eu pretendo relatar como era uma festa popular, além de descrever alguns casos de audiência no Tribunal.

"Onde existe sangue alemão, se formam sociedades, isto é uma ve-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Zeit vor Augen geführt werden.

Wo deutsches Blut ist, bilden sich auch Vereine, das ist eine alte Geschichte, so auch in Blumenau. Wir wollen hier vom ersten Schützenverein in Blumenau sprechen, weil damit das Volksfest verbunden ist, welches den Lesern geschildert werden soll.

Aller Anfang ist schwer, dies mußten auch die ersten Schützen erfahren, die den Verein gegründert hatten, aber sie hielten treu zusammen, brachten willig jedes Opfer und was die Hauptsache war, es waren ausgezeichnete Schützen, die ihre Aufgabe richtig erkannten und trotz aller Mühseligkeiten konsequent durchführten. Daß der Grund gut gelegt war, zeigte sich am besten in jenen Tagen als Blumenau in Gefahr gerieth, von einem Gegner räuberisch überfallen zu werden, der hier sein Mütchen kühlen wollte. Sie allein waren es, die ihm blutig zurückgewiesen, und ich glaube nur den allgemeinen Gefühlen Ausdruck zu geben, wenn ich hier an diefer Stelle den braven Schützenbrüdern und guten Patrioten im Namen aller treuen Mitbürger von Blumenau meinen Dank ausspreche.

Das erste Schützenhaus sah freilich sehr bescheiden aus, aber es erfüllte seinen Zweck. Ringsum war noch Urwald, so stand es da im schatten kühler denkungsart. Am Tage des Festes reihten sich Bude an Bude unter dem Blätterdache der Riesenbäume, alle von Palmitten errichtet, mit Palmenblättern gedeckt und zugesetzt, grün im grünnen Glanz Blumenau strömte zusammen und machte das Fest zu einem wahren Volksfeste.

Wir treten in eine der größten Buden ein. Sie stellt ein Raritätenkabinet vor, welches ein Konsortium von lustigen Junggesellen, lauter gesunde Jungen, die ihren Humor noch nicht eingebüßt hatten, zusammengestellt und ausgeheckt hatten. Zuerst uns eine Menge Wilder in die Augen. Schön geordnet an der grünen Palmenwand hängend, sie alle beziehen sich auf den Inhalt einer Brochüre, die Dr.Blumenau f.Z. in Europa herausgegeben, um Propaganda für sein Unternehmen zu machen. Einer von den fidelen Brüdern machte den Führer und erklärte alles mit Pathos und mit einer so ernstreu, würdevollen Miene, daß es wirklich Sünde gewesen wäre, an

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

lha história". E assim também acontece em Blumenau. Vamos nos referir à primeira Sociedade de Caça e Tiro de Blumenau, porque a ela estão vinculadas as Festas Populares Tradicionais, cujos efeitos e influência na formação do espírito comunitário é preciso que relatemos aos leitores.

Todo início de realização de algum empreendimento, assim como a fundação de uma Sociedade, é difícil. Esta experiência também tiveram os primeiros caçadores que fundaram a Sociedade. Mas, como eram muito unidos, dispostos e decididos a qualquer sacrifício para tornar realidade o ideal, tendo ainda em vista que eram excelentes atiradores, acreditaram na sua capacidade e, apesar das incontáveis dificuldades enfrentadas, conseguiram concretizar o projeto.

As bases da recém-criada sociedade foram bem estruturadas e isto confirmou-se nos dias em que Blumenau deparou-se com a ameaça de ataque por bandos de salteadores. Foram eles, os caçadores, que os rechaçaram e creio que poderei expressar, em nome de todos os fieis cidadãos blumenauenses, a estes irmãos caçadores e bons patriotas, a eterna gratidão por tudo quanto de bom fizeram pela comunidade.

A primeira "Casa dos Atiradores" era muito modesta, mas satisfazia seus objetivos.

Tudo ao redor ainda era floresta e, por isso, as festas se realizavam à sombra refrescante das frondosas árvores. Nos dias festivos, eram montadas barracas uma ao lado da outra, protegidas pela espessa folhagem das árvores, gigantescas, que filtravam os raios do sol. As paredes das barracas eram de "ripa", provenientes dos palmitais, e o teto coberto com folhas das palmeiras. Ao local acorria toda Blumenau, tornando-se um verdadeiro acontecimento popular.

Nós entramos numa das maiores barracas. Ela representava uma sala de raridades que um alegre grupo de jovens solteiros reuniu, revelando que ainda não perderam seu humor.

Primeiro surgiu, à nossa vista, um grande número de quadros, bem dispostos na parede verde de palmitos, todos alusivos a uma brochura que o Dr. Blumenau publicou na Europa, fazendo propaganda de seu empreendimento. Um dos alegres jovens fazia o papel de guia e esclarecia tudo com tanta ênfase e seriedade, que seria até pecado duvidar de suas palavras. O primeiro quadro tinha a legenda: "É preciso saber como sair de dificulda-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

seinen Worten zu zweifeln. Das erste Bild trug die Unterschrift: „man muß sich zu helfen wissen“ es bezog sich auf die stelle: „In Blumenau ist ewig blauer Himmel“ u.f.w. und stellte Dr. Blumenau selbst vor wie er auf einer langen Leiter mit einem großen Pinsel den Himmel blau anstrich an der obersten Sproße hing ein mächtinger Topf mit blauer Farbe angefüllt. Nummer zwei galt der Stelle: “Drei oder vier Pisangstanden (Bananen) sind genügend, um eine Familie zu ernähren“, und war folgender maßen dargestellt: Vier Pisangbüsche bildeten einen Kreis, in der Mitte des Kreises lag ein Mann im Adamskostüm auf trocknen Pisangblättern, seine Eva kniete neben ihm und stopfte reife Bananen in sein aufgesperrtes Mundwerk, im hintergrunde balgte sich eine Heerde nackter Kinder mit einigen Schweinen um Pisangfrüchte. Die Unterschrift lautet: „Jetzt sein mer aber scheene raus!“ das dritte Bild war aber etwas derb: „Alles trägt hier hundertfältig frucht“ , hieß es in der Brochüre, auf dem Bild war ein Frau in halber Lebensgröße mit einem umfangreichen Leib, auf welchen die Zahl Hundert mit einem großen Fragezeichen versehen abgemalt war, und unten konnte man lesen : „Lieb Vaterland magst ruhig sein“. In diesen Genre waren noch ungefähr zwanzig Stücke gemalt. Als der Direktor die Bescheerung sah, gebrauchte er mit feinem Lächeln die Worte Friedrichs des Grossen : „Hängt sie noch ein wenig tiefer!“ Doch sehen wir uns nun einmal die eigentlichen Raritäten an. Da steht eine große Schachtel mit Glasdeckel. Ein Stück eghyptischer Finsternis vom König Pharao selbst abgeschnitten, wer sie sehen will, muß die Augen fest zumachen, so hieß die korrekte Erklärung. Die meisten kniffen denn auch die Augen ordentlich zu, und sahen nun – wirklich die Finsternis wenn’s auch nicht gerade die eghypische war. Weiter: Auf einem Präsentierteller, der mit Blumen fein garniert war, lagen zwei rothe Katerschwänze friedlich nebeneinander, sie waren das Ergebnis einer nächtlichen Schleichpatrouille, die zwei Kater zu unglücklichen Stumpsschwänzen machte, die Erklärung lautete aber ganz anders: Zwei schrecklich grosse Löwen begegneten sich in der Wüste Sahara und fraßen sich aus Eifersucht für eine junge Löwin gegenseitig bis auf die

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

des" - referia-se ao trecho da citada brochura em que se lia: - "Em Blumenau o céu e sempre azul", etc, representando o próprio Dr. Blumenau numa longa escada articulada, com um pincel na mão, pintando o céu de azul. No degrau mais alto da escada, pendurado um pote de tinta azul. O segundo se referia ao trecho: - "Três ou quatro bananeiras são o suficiente para sustentar uma família" e a frase era representada, no quadro, da seguinte maneira: As quatro bananeiras formavam um círculo, e no centro estava deitado um homem em trajes de Adão, sobre folhas de bananeiras secas. Sua Eva, ajoelhada ao seu lado, colocava na sua boca bananas maduras. Mais ao fundo, um bando de crianças nuas brincava, disputando com alguns porcos a posse das bananas. O texto expressava: "Agora estamos bem!" O terceiro quadro apresentava uma cena um pouco forte: "Tudo aqui se reproduz às centenas", continha a brochura. No quadro estava representada uma mulher de estatura mediana, com o ventre avantajado, onde se lia o número cem com um grande ponto de interrogação, enquanto mais abaixo estava escrito: "Pátria querida, não se preocupe". Com motivos semelhantes, havia também cerca de vinte outros quadros. Quando o diretor viu o que fizeram, repetiu risonho as palavras de Frederico, o Grande: "Pendure-os um pouco mais nos fundos".

Agora vamos apreciar as verdadeiras raridades. Além, estava uma grande caixa com uma tampa de vidro. Os dizeres eram: "Um pedaço de escuridão do Egito". Apresentado pelo próprio rei Faraó, e que para ser visto era necessário fechar-se os olhos, conforme a recomendação. Mas realmente o que se via era só escuridão e que por certo também não era a do Egito. Mais ainda: numa bandeja, ricamente decorada com flores, estavam expostos dois rabos ruivos de gatões, inertes, lado a lado: era o resultado de uma furtiva incursão noturna que fizeram os dois bichanos perderem seus troféus. Mas, a legenda embaixo do quadro era bem outra: "Dois terríveis leões encontraram-se no Deserto do Saara e, por ciúmes de uma leoa, devoraram-se mutuamente até nos rabos. O famoso viajante francês, Major Soundso assistiu a esse espetáculo trágico e, como lembrança, recolheu os dois rabos para mais tarde, em seu leito de morte, doá-los à galeria de raridades de Blumenau".

Adiante, vejam só, meus senhores! Surgia um terrível monstro, meio

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Schwänze auf. Der berühmte französische Reisenden Major do Soundso hatte diefes tragikomische Schauspiel erlebt und als Andenken die beiden Schwänze mitgenommen, um sie später auf seinem Sterbebett dem berühmten Blumenauer Raritäten-Kabinet zu vermachen.

Weiter meine Herrschaften! Hier sehen sie ein schreckliches Ungetüm, halb Tiger halb Sumpfvogel, diefes Monstrum ist das Resultat einer liebschaft des Riesenvogels Rocko mit dem Seeungeheuer Hanklako u.s.w. Unter vielen andern ungeheuerlichen Sachen, die nur die kühnste Phantasie erfinden konnte, sah man noch ein Stück vom Nordpol, nämlich einen etliche Kilogr. Schweren Stein, welchen man weiß angestrichen hatte. Niemand durfte ihn anfassen, weil er magnetisch sein sollte, daß Jedermann auf ewige Zeiten daran hängen blieb und wenn er ihn auch nur mit dem kleinen Finger berührte. Vorsichtshalber hatte man den verhängnisvollen Stein unter Verschluß gebracht, und man konnte ihn nur durch eine Glasscheibe betrachten . Das Hauptzugstück des Kabinets aber war ein lebendiger Indianer, der in einem besonders versicherten Raume untergebracht war. Natürlich war es kein echter Indianer, sondern einer von dem Barnums - Colegium, der diese Rolle übernommen hatte und so vortrefflich zu spielen verstand, daß nur die Eingeweihten ihn kannten. Freilich paßte er auch ganz vorzüglich dazu, groß und kräftig gebaut und mit einer tiefen Baßtimme begabt, wußte er die Geberden und das Mienenspiel eines Wilden täuschend ähnlich nachzuahmen. Seine Kleidung bestand aus einem großen Tigerkatzenfell um die Lenden, welches mit bunten Federn ausgeschmückt war auf dem Kopfe prangte eine stolze Federkrone, alles übrige war nackt und mit wunderlichen Figuren bemalt, in der Hand trug er einen echten Bugerpfeil und Bogen. Von Zeit zu Zeit führte er eine Art Kriegstanz auf, den er mit fürchterlichem Geheul und Grimassenschneiden begleitete; war er erschöpft, so aß er ein Stück rohes Fleich und trank einen Becher Blut hinterher. (Das Fleisch war vorher mit Pfeffer, Salz und feingeschnittenen Zwiebel gespickt und das Blut war Rothwein). Da er sehr blutgierig war, so passierte ihm aber zu allerletzt noch ein kleines Malheur, er wurde aufgeregt

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tigre, meio pássaro de pântano. Este monstro era o resultado do amor de um pássaro gigante denominado "Rocko", com o monstro marinho "Kayklako" e assim por diante. Entre outras coisas estranhas, que só podiam ser concebidas pela fantasia mais ousada, se via um pedaço do Pólo Norte, representado por uma pedra, de alguns quilos, pintada de branco. Ninguém poderia tocá-la porque era magneticamente carregada, e se o fizessem, ficariam presos nela, mesmo que a tocassem com o dedo mínimo. Felizmente essa pedra estava encerrada numa caixa de vidro e só através dela podia ser observada.

A atração principal da galeria era um índio vivo que estava num reservado todo especial. Logicamente não se tratava de um legítimo índio, mas de um colega do grupo que aceitou representar este papel, do que soube se desincumbir com tanta autenticidade, que só as pessoas do seu relacionamento o identificavam. Ele se prestava maravilhosamente bem para o papel. Era alto, forte, com voz profunda e cavernosa, sabia imitar perfeitamente os gestos e expressões fisionômicas de um selvagem. Sua vestimenta era uma pele de tigre envolta na cintura, e ainda enfeitada com penas. Na cabeça, um cocar. O restante do corpo estava nu e pintado com figuras coloridas. Na mão, um arco verdadeiro usado pelos bugres, bem como a flecha. De tempo em tempo, ele executava uma dança selvagem, cujo espetáculo desenvolvia com trejeitos terríveis e retorcendo o rosto. Quando se sentia cansado, comia um pedaço de carne crua e bebia uma caneca de sangue (a carne foi anteriormente preparada com pimenta, sal e cebolas picadas e o sangue era vinho tinto). Como este "bugre" era muito ávido por "sangue", aconteceu-lhe um pequeno acidente: ficou nervoso e dançou tão freneticamente que perdeu suas belas penas. Uma senhora que assistia ao espetáculo, originária de Berlim, ao ver a cena, gritou: "Vejam só! Este bicho está trocando de penas!" Ante a manifestação daquela senhora, o público caiu na gargalhada. Mas parece que isso ofendeu o "selvagem", que se sentou no chão dando as costas ao público. Naquele dia ninguém pôde convencê-lo a apresentar novamente o espetáculo. Mas era apenas um artifício que ele utilizou, porque, sem dúvida, sentia os efeitos do "sangue" (vinho) que bebera.

O grupo que organizou os espetáculos obtinha excelentes arrecada-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

und tanzte seine Kriegspantomime so wild, daß er alle seine schönen Federn verlor. Eine Dame aus dem Publikum, ein echtes berliner Kind, meinte dazu: „Ach Jotte nee, det beest hat sich gemausert!“ Bei diesen Worten brachen alle Zuschauer in ein nicht enden wollendes Gelächter aus, den wilden Mann aber schien das sehr zu kränken, er setzte sich platt auf die Erde und drehte dem lieben Publikum den Rücken zu und war auch an diesem Tage nicht wieder zum Aufstehen zu bringen. Er befolgte dabei aber nur eine feine Taktik, denn er mochte wohl recht gut fühlen, daß er sonst aus seiner Rolle fiel, da Blut bekanntlich dieselbe berauschende Wirkung wie Alkohol hat.

Diese Humbugs-Gesellschaft machte glänzende Geschäsfe, hatte aber nichts eiligeres zu thun, als jeden Abend die Tageseinnahme in Flüßigkeiten umzusetzen.

Noch manche Buden sind übrig, in denen es manches zu sehen giebt, aber unsere Neugierde ist befriedigt, und wir wollen einmal auf dem Platze selbst Umschau halten. Der ganze Festplatz glich einem aufgestörten Ameisenhaufen, jeder vergnügte sich auf seine Art und gab seiner Freud lauten Ausdruck, ohne dabei über die Gebühr ausgelassen oder gar roh zu werden, wie denn überhaupt grobe Ausschreitungen fast niemals vorkamen. Das war ein Geschrei ein Gejohle, ein Tumult, ein Jauchzen, ein Gedränge sonder gleichen. Dazwischen hinein schmetterten die Musikanten ihre Weisen, knallten die Schüße und klapperten die Kegel. Den Gipfelpunkt erreichte die Festfreude bei der Proklamierung der beiden Schützenkönige. Das Tuschblasen, Raketengeknatter, Hoch und hurrah – Rufen wollte kein Ende nehmen.

Auch zwei leibhaftige Polizisten stolzierten unter der Menge einher schienen aber sehr harmloser Natur zu sein und dienten offenbar mehr als Staffage, als zur Aufrechterhaltung der Ordnung, die durchaus nicht gefährdet war. Um ihren kriegerischen Stand wenigstens anzudeuten, hieben sie tapfer in die Pfannkuchen, Waffeln und Würste ein und gaben kein Pardon, ja es ging das Gerücht, daß sie ihre Bravour so weit getrieben, eine ganze

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ções financeiras e, como não tinham outro objetivo, transformaram a "fera" do dia em algo líquido...

Existiam ainda muitas outras barracas onde se viam coisas estranhas, mas satisfizemos a nossa curiosidade e, sem mais, fomos dar um giro pelo parque.

Todo o pátio das festividades parecia um enorme formigueiro. Cada um se divertia a sua maneira sem, no entanto, passar dos limites ou tornar-se inconveniente. Na verdade, nunca aconteceram sérias transgressões da tranqüilidade pública. A alegria era geral, e a multidão compacta de participantes saudava com júbilo, formando um coro sem igual. No meio de toda a confusão, destacavam-se: a música e sua melodia, os tiros dos caçadores e as bolas do bolão.

O ponto culminante da festividade era alcançado ao ser proclamado o Rei do Tiro. Era quando os músicos sopravam com esforço dobrado seus clarins e os foguetes estouravam no céu, enquanto que os vivas se prolongavam interminavelmente.

Havia também dois legítimos policiais circulando garbosamente entre a multidão, mas eram de natureza muito pacata e mais pareciam servir como enfeite e não para manter a ordem, pois esta não corria perigo algum.

Mas, o que é aquilo lá adiante? Será que estamos vendo direito? Duas "mercadoras do amor" se aproximavam, com indispensável acompanhamento de honra por parte de um senhor de idade. Como é que elas chegaram a Blumenau - perguntavam. Bem, isto é um pouco estranho, mas, para não melindrar alguém, vamos silenciar sobre seu aparecimento. Simplesmente estavam lá exibindo a sua deplorável profissão. Por educação, vamos apresentá-las aos leitores: Miss Arabella e sua irmã gêmea Rosamunda, com seu tio e mestre de cerimônias Sr. "Von Tingel-Tangel". Elas faziam bons negócios, apesar de sua aparência já um tanto desgastada pelo "trottoir" e cujas faces denotavam que no oceano da vida já enfrentaram muitas tempestades. Mas, aquele trio de artistas permaneceu pouco tempo em Blumenau. Certamente os três receberam um discreto aviso do alto comando e, já no dia seguinte, as duas beldades e seu guarda de honras, o mestre de cerimônias, desapareceram para sempre. Boa viagem.

Na noite do primeiro dia de festas (era o segundo feriado de Pente-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Batterie geladener – Bierflaschen zu stürmen und beim ersten Anlauf zu nehmen. Doch ist dies nicht gerichtlich dokumentiert und also nur mit Vorsicht weiter zu verbreiten.

Doch was ist das? Sehen wir recht? Zwei Harfenmädchen mit obligater Ehrenbegleitung in gestalt eines alten Mannes treten auf. Wie kommen die nach Blumenau? Ja, das war so eine eigene Sache und um Niemand bloßzustellen, wollen wir die Ursache ihres Kommens mit Stillschweigen übergehen. Genug, sie waren da und erfüllten die Luft mit ihren Jammertönen. Anstandshalber will ich sie dem Leser vorstellen; Miss Arabella und ihre Zwillingsschwester Rosamunde neben ihrem Oheim, dem Herrn Kapellmeister vom Tingeltangel. Sie machten gute Geschäfte, die beiden Fräulein, troßdem es ein paar abgetakelte Fahrzeuge waren, denen man es ansah, daß sie auf dem Ozean des Lebens schon manchen Sturm erlebten. Indessen hielt sich das saubere Kleeblatt nicht lange in Blumenau auf. Sie mußten wohl einen Wink von oben (Dr. Blumenau?) bekommen haben, denn schon am folgeden Tage waren die beiden Grazien nebst ihrer Ehrenwache, dem Kapellmeister mit dem Faungesicht für immer verschwunden. Boa viagem.

Am Abend des ersten Festtages (das war der zweite Pfingstfeiertag) war Ball für alle, am folgenden Abend Ball für die Schützen. Feine Toiletten gabs beim ersten Schützenball noch nicht, ebensowenig wie Caviar und Champagner. Ja, wäre jemand, wie es heute nicht nur auf großen Bällen, sondern bei jeden gewöhnlichen Tanzvergnügen vorkommt, in teurem Tuchanzuge, geschniegelt und gebügelt, mit teurer Uhr, Kette und Busennadel, die Haare mit Pomade verkleistert und den ganzen Anzug mit Parfum übergossen – wäre eine solche duftende Zierpflanze damals im Tanzsaale erschienen, sie wäre ohne viel Federlesens an die Luft befödert worden, genau so, als wenn heute jemand barfuß, und im Hemd und Hose einen Ball mitmachen wollte, was zu jener Zeit durchaus nichts Auffälliges war, wenn's auch nicht grade zu hohen Festtagen vorkam.

Wie war der Ton auf solchen Bällen? Nun jeder gab sich, wie er war,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

costes), houve um baile para todos. Na noite seguinte, foi o baile dos caçadores. Belos trajes ainda não se viam nos primeiros bailes, tipicamente de caçadores, e tampouco existia caviar e champanha. Também, a exemplo do que acontece hoje, caso alguém comparecesse, naqueles bailes antigos, com traje caro e sofisticado, bem passado a ferro, com relógio e corrente de ouro, agulha de pérola na gravata e cabelos perfumados, a roupa toda embebida em fragrância, esta planta ornamental aromática, sem dúvida e sem cerimônia, seria jogada porta afora. Da mesma forma, nos dias de hoje, a reação seria inteiramente semelhante, se alguém, descalço e só vestindo camisa e calça, pretendesse ingressar num baile ou ambiente em que se realizasse importante solenidade que exigisse traje, no mínimo, social.

E como eram esses bailes? Bem, cada qual se portava à sua maneira, não havia regras e, apresentações formais eram dispensadas. Não havia necessidade de medir as palavras com medo de ser inconveniente ou de perder o emprego. Ainda não se praticava a arte de espezinhar com fala mansa e... ai dos bisbilhoteiros. Não eram permitidas discussões políticas. Ódio e inveja, veneno este, que agora se alastra sem parar não existia porque todos viviam de maneira simples e cada qual estava satisfeito com o que ganhava honestamente. Desse modo, ninguém corria desesperadamente atrás de um emprego e não havia conchavos políticos. Ainda não se percebia as diferenças sociais; não se olhava o pobre colono com desdém, que com o seu trabalho promovia o bem-estar alheio, sendo bem mais útil à sociedade do que os orgulhosos comerciantes e funcionários públicos que se achavam superiores a eles. Não é o lugar que se ocupa que faz o homem, mas o importante é como ele o preenche. Liberdade, Igualdade e Fraternidade! Realmente bonito, para usar como escudo. Mas na movimentada Atenas, o velho Diógenes procurou pessoas durante o dia e não as encontrou, também poderia ter iluminado com luz elétrica a nossa recém formada República e não teria encontrado nenhum vestígio das propostas republicanas. Para onde estou indo! Perdão pelo devaneio. As contradições que salientei não eram somente das festas de ontem e hoje, mas também ocorriam no dia-a-dia. Ainda hoje festejamos muito, demais para as nossas condições atuais, mas o velho tom descontraído se foi, porque a igualdade social se perdeu. Blumenau não é mais a velha Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

es herrschte kein Zwang, Komplimente und formelle Vorstellungen waren nicht angebracht. Man brauchte nicht jedes Wort auf die Goldwaage zu legen aus Angst, Anstoß zu erregen oder seinen Posten zu verlieren. Die Kunst, mit glatten Worten boshafte Stichelreden anzubringen, wurde noch nicht geübt, und Zwischenträgern wäre es übel ergangen. Politischer Hader war gänzlich ausgeschlossen. Haß und Neid diese giftigen Pflanzen, die jetzt so üppig wuchern, waren damals noch nicht aufgegangen, konnten nicht aufgehen, weil alle in einfachen Verhältnissen lebten und jeder zufrieden war mit dem, was er ehrlich verdiente. Somit fiel jede Stellenjägerei und Krippenpolitk von selbst weg. Rang und Standesunterschiede machten sich noch nicht geltend; man sah nicht hochmüthig auf den armen Kolonisten herab, der mit seiner Hände Arbeit das allgemeine Wohl fördert und ein viel nützlicheres Glied der Gesellschaft ist, als der dummstolze Krämmer und Beamte, die sich hoch über ihn erhaben dünkten. Nicht der Platz, worauf man steht, macht den Mann, sondern wie jeder seinen Platz ausfüllt, darauf kommt es an. Freiheit, Gleichheit Brüderllichkeit! Jawohl, ganz schöne Sachen, um als Aushängeschild zu dienen. Aber der alte Diogenes, der im volksbelebten Athen am hellen Tage Menschen suchte und keine fand, er könnte heute unsere ganze neugebackene Republik mit elektrischem Licht beleuchten, die Verwirklichung der republikanischen Devise würde er nirgends entdecken. – Doch wo komme ich hin! Man verzeihe mir die Abschweifung. Die Gegensätze, die ich hervorgehoben habe, gelten nicht nur von den Festen damals und heute, sondern von dem ganzen gesellschaftlichen Leben. Wir feiern heute noch genug Feste, viel zu viel für unsere jetzigen Verhältnisse, aber der alte, gemüthliche freie Ton dahin, weil die Standesgleichheit längst verloren ging . Blumenau ist das alte Blumenau nicht mehr.

Wir wollen dieses unerfreuliche Kapitel vorläufig fallen lassen und von den gesellschaftlichen zu den Justizverhältnissen der ersten Zeit übergehen. Da gab es kein umständliches Gerichtsverfahren wie heute, vielmehr wurde die Justiz praktisch, nach nordamerikanischem Muster geübt,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Agora, vamos passar do relato das condições sociais para o das condições de justiça que vigoravam nos primórdios da colonização. Não havia complicados métodos jurídicos como existem hoje. A justiça era muito mais prática, de acordo com o modelo norte-americano, e isto satisfazia plenamente às necessidades. Processos demorados e caros inexistiam, já que o juiz providenciava para que tudo se resolvesse na primeira audiência. Advogados não encontravam campo fértil para atuar. Também os soldados da polícia-militar ainda não tinham sido destacados. Havia um único servidor de justiça, que tratava das citações e prestava serviços nas audiências. O juiz conhecia a situação de cada cidadão e julgava menos pelas regras estatuídas no código, do que pelas circunstâncias e o caráter do envolvido. Casos criminais graves não houve nos primeiros anos da Colônia. Os pequenos atritos eram resolvidos, por assim dizer, pessoalmente, e quase sempre o juiz encontrava a solução acertada para a questão.

Vamos focalizar dois casos – delitos de furto – para demonstrar, com toda clareza, a ação da justiça na floresta nos primeiros tempos.

Um certo Hannes, colono residente nas proximidades do centro da cidade, que às vezes trabalhava como diarista, foi acusado do furto de um machado pertencente ao seu patrão. O acusador e o acusado compareceram, perante a autoridade, com duas testemunhas e foi iniciado o interrogatório. Depois de ouvidas as testemunhas, Hannes foi chamado a depor. Era alto e robusto, originário de Mecklenburg. Desengonçado ele entrou na sala e desajeitado sentou-se no banco dos acusados, que rangeu sob seu peso. Enfiou diretamente em sua boca, não muito pequena, um enorme pedaço de tabaco de mascar e ficou esperando pelo que iria acontecer.

O interrogatório começou. Já na pergunta pela identificação, travou-se um extenso debate. Ao ser perguntado sobre seu estado civil, idade, etc, respondeu no mais puro dialeto de sua terra:

- Mas, Seu Juiz, para que repetir o que o senhor já sabe. Nada mais preciso acrescentar.

O juiz disse então que as exigências da lei deveriam ser cumpridas.

- Bobagem – foi a resposta. - O que isto me importa?

Cuspindo longe uma horrível pasta de tabaco, colocou outro naco na boca e abanou a cabeça!

Agora, o juiz faria a pergunta principal:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

und das war den Verhältnissen vollkommen angemessen. Teure, langwierige Prozesse gab es überhaupt nicht, da der Richter dafür sorgte, daß alles im ersten Termin erledigt wurde. Advokaten fanden hier noch keinen Nährboden. Auch die Polizeisoldaten waren noch nicht eingeführt, nur ein einziger Gerichtsdiener war angestellt, der die Vorladungen besorgte und während der Audienz den dienst versah. Der Richter kannnte die Verhältnisse jedes einzelnen und richtete sich weniger nach den Buchstaben des Gesetzes als nach den jeweiligen Umständen und dem Charakter der Vorgeladenen. Schwere Kriminalfälle kamen in den ersten Jahren nicht vor. Die kleinen Sachen wurden kurzer Hand, sozusagen persönlich abgeurteilt und meist traf der Richter den Nagel af den Kopf.

Greifen wir zwei Fälle heraus – beide lauten auf Diebstahl, um uns das waldursprüngliche Gerichtsverfahren aus der Nähe zu betrachten.

Ein gewisser Hannes, Kolonist in der Nähe des Stadtplatzes, der bisweilen auf Tagelohn arbeitet, ist angeklagt, seinem Arbeitgeber eine Axt entwendet zu haben. Kläger, Angeklagter nebst zwei Zeugen sind erschienen, und das Berhör kann beginnen. Nach der Zeugenaufnahme wird Hannes vorgerufen; er ist ein großer, baumstarker Mecklenburger. Vierschrötig kommt er herein, setzt sich ebenso vierschrötig auf die Anklagebank, die unter der Last in allen Fugen kracht, schiebt dann ein ungeheures Stück Kautabak in seinen nicht zu klein gerathenen Mund und harrt der Dinge, die da kommen sollen. Das Verhör beginnt. Schon bei der Feststellung der Personalien entspinnen sich Weitläufigkeiten. Auf die Fragen nach Stand, Alter u.s.w. antwortete der Angeklagte: „Awerst Herr Richter, dat wetens ja allens süllwst, wat schall ick dat man irst seggen. Schriewens man glick dal". Der Richter bedeutete ihm daß der gesetzlichen Form Genüge geleistet werden müsse. „Ach wat" war die Antwort, „wat geiht mi de Form an." Dabei spie er eine schreckliche Masse Tabaksaft aus, schob den Priem in die andere Backentasche und schüttelte mit dem Kopfe. Jetzt kam die Hauptsache. „Sie haben bei Breslin gearbeitet?" „Jawoll". „Als Sie am letzten Sonnabend nach Hause gingen, haben Sie da eine Axt

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

- Trabalhou com Breslin?

- Sim, trabalhei.

- Levou no último sábado um machado de Breslin para sua casa?

Hannes levantou-se bruscamente, cuspiu outra pasta de tabaco (cuspia no chão) e gritou raivoso:

- Quem disse isto?

O juiz indica o nome das testemunhas. Hannes virou-se para estas, lançando-lhes olhares furiosos e murmurou:

- Muito bem. Comecem a rezar agora e esperem para ver o que lhes acontecerá quando eu sair daqui.

E fazia gestos facilmente interpretáveis com suas grandes mãos.

O juiz ordenou que ele se sentasse e tirasse o tabaco da boca, pois Hannes, a estas alturas, já havia "decorado" a metade da sala com as suas cusparadas. O acusado sentou-se, tirou com dificuldade o tabaco da boca e colocou-o na mesa à sua frente. Até mesmo o juiz não pode deixar de, disfarçadamente, sorrir e continuou:

- Responda à minha pergunta:

- Levou o machado ou não?

- Sim, eu levei.

Todos se surpreenderam com a resposta de Hannes, que assim confessava abertamente seu delito.

O juiz perguntou:

- Sabia que o machado pertencia a Breslin?

- Sim, sabia.

- Então por que levou a propriedade alheia?

- Eu só queria afiá-lo, pois não cortava mais nada, foi só isso.

- O Senhor Breslin não possui pedra de amolar?

- Sim, mas era grosseira e não deixava fio de corte.

Assim falando, Hannes colocou o tabaco outra vez na boca. O juiz perguntou:

- Mas não devia retornar na segunda-feira?

- Sim, devia.

O acusador contestava energicamente. Hannes continuou sua afirmativa dizendo que, do contrário, ele não levaria o machado.

O juiz deixou que os dois discutissem por algum momento e depois

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

von Breslin mitgenommen?“ Hannes schnellte in die Höhe, gab wieder einen viertel Eimer Tabaksjauche von sich und schrie wütend: „Wer seggt dat?“ der Richter nannte die beiden Zeugen. Hannes drehte sich nach ihnen um, maß sie mit verächtlichen Blicken und murmelte: „Na teuf man’n beten, ick war ju betügen.“ Dabei zeigte er ihnen seine großen Hände mit nicht mißzuverstehender Gebärde. Der Richter befahl ihm, sich zu setzen und den Tabak aus dem Munde zu nehmen, denn Hannes hatte mittlerweile die halbe Stube braun gefärbt. Der Angeklagte ließ sich nieder, nahm den Priem mit großer Umständlichkeit aus dem Munde und legte behutsam vor sich auf den Tisch. Selbst der Richter konnte sich eines Lächelns nicht enrwehren. Dann fuhr er fort: „Antworten Sie auf meine Frage: haben Sie die Axt mitgenommen?“ „Jawoll, dat hebb ick dann“ Alle waren überrascht über dieses offene Geständnis. „Wußten Sie, daß die Axt dem Breslin gehörte?“ „Jawoll“. „Warum nahmen Sie Fremdes Eigenthum?“ „Ick wull sie man blot en beten schliepen, de was taustumpp“ „Hatte denn Breslin keinen Schleifstein?“ „Jawoll, abers bei was tau grow un man kann kein Schnied anschliepen. Dat was man dat“ Damit nahm er seinen geliebten Priem in aller Gemühtsruhe wieder zu sich. „Sollten sie denn Montags wieder kommen?“ „Jawoll.“ Ankläger bestreitet dies energisch, Hannes bleibt bei seiner Behauptung und führt den Beweis an, daß er sonst ja die Art nicht mitgenommen haben würde. Der Richter läßt die beiden eine Weile mit einander streiten, dann greift er wieder ein: „Wo ist die Azt?“ „Bi mi tau Hus“ „Wollen Sie die Axt dem rechtmäßigen Eigenthümer wieder zustellen?“ „Nee, dat hew ick nich nödig.“ Und zur Bekräftigung ergoß sich wieder eine volle Ladung auf die Diele. Der Richter stellte dem Delinquenten nun vor, daß man selbst in guter Absicht ohne Wissen und Wollen des Eigenthümers nichts mitnehmen dürfe. Außerdem wollten die beiden Zeugen, die seine Mitarbeiter und bei der Ablöhnung zugegen gewesen waren, nichts davon wissen, daß Breslin den Hannes zum Wiederkommen aufgefordert habe, vielmehr habe er erklärt, daß die Arbeit beendet sei, und daß er sie benachrichtigen wolle, wenn er wieder Arbeiter brauche.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

resolveu intervir:

- Onde está o machado?

- Lá em casa.

- Vai devolver o machado ao seu legítimo dono?

- Não, isto eu não preciso fazer.

E para fortalecer sua resposta, cuspiu outra porção de gosma de tabaco no chão. O juiz então explicou ao delinqüente que, mesmo com bons propósitos, não se deve levar para casa um objeto pertencente a outrem, sem permissão do proprietário.

Além disso, testemunhas não tinham conhecimento se Breslin convidara Hannes para voltar a trabalhar para si. Afirmava também que Breslin declarou que o trabalho terminara e de que notificaria se precisasse outra vez de trabalhadores.

Com isso, o juiz ordenou o acusado a devolver o objeto furtado e ao pagamento das despesas judiciais, que eram mínimas.

Mas a decisão do juiz não agradou, em absoluto, ao nosso Hannes. Ficou furioso e, resmungando, bateu seu punho com força na mesa do juiz, fazendo tremer até o crucifixo pendurado na parede e cair o tinteiro no chão. Mas o juiz conhecia o sujeito e precaveu-se. A um sinal seu, três fortes cidadãos, que aguardavam nos fundos da sala, lançaram-se sobre o desordeiro e, antes que ele se apercebesse, estava amarrado nos pés e nas mãos.

Na falta de uma cadeia, Hannes foi amarrado numa árvore, uma laranjeira, onde foi compelido a meditar sobre liberdade e disciplina e refletir sobre seu delito.

Depois de algumas horas de séria meditação, naquela posição desconfortável, acabou cedendo e afirmou estar arrependido de seu delito, prontificando-se a reparar o mal praticado. Estava assim resolvido o caso e ninguém guardou rancor a Hannes, que nunca mais cometeu outra ilicitude. Tornou-se uma pessoa ativa e útil. Faleceu no ano passado, com idade avançada, rodeado por sua respeitável família.

Mutatis-mutandis, como não seria sua vida depois deste delito, se porventura a ocorrência acontecesse na Alemanha?

Na segunda questão de Justiça, tratou-se de furto continuado cometido por uma moça chamada Catharina Müllmann, mas que só era conheci-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Darauf verurteilte der Richter den Angeklagten zur Wiederherausgabe des gestohlenen Objekts und in die Gerichtskosten, die übrigens sehr gering waren. Das paßte nun unserm Hannes durchaus nicht in den Kram. Er wurde fuchsteufelswild und schlug mit seiner derben Faust so wuchtig auf den Tich des Richters, daß Kruzifix und Tintenfaß eine Gallopade begannen und polternd auf die Diele fielen. Aber der Richter, der seinen Mann kannte, hatte sich vorgesehen. Auf ein Zeichen von ihm stürzten sich drei handfeste Bürger, die hinter der Scene postiert waren, auf den Ruhestörer, und ehe sich's dieser versah, war er an Händen und Füßen geknebelt. In Ermangelung eines Gefängnisses wurde Hannes mit einem Orangebaum eng verbunden und hatte nun Muße, über Freiheit und gebundenheit tiefsinige Betrachtungen anzustellen. Nach etlichen Stunden ernsten Nachdenkens war er müde, bekannte reuevoll sein Vergehen und willigte in jegliche Sühne. Damit war die Sache abgethan, Niemand trug ihm den Fehltritt nach und Hannes hatte niemals einen Rückfall. Er wurde ein sehr tüchtiger und brauchbarer Mensch und ist erst voriges Jahr hochbetagt im Kreise seiner achtbaren Familie gestorben. Wie anders hätte sich sein Lebenslauf wohl drüben gestaltet!

Im zweiten Falle handelte es sich um vielfachen Diebstahl, verübt von einem Mädchen Namens Catharina Müllmann, die aber nur die wilde Trine hieß. Sie war noch nicht mündig, aber groß und stark und vollständig ausgebildet. Auf verschiedenen Stellen hatte sie gedient, war aber immer wegen Diebstahls fortgejagt worden. Sie nahm alles, was nicht niet und nagelfest war, versteckte es im Walde, in Höhlen, in hohlen Baumstämmen, grub es in die Erde, ja eine Kiste mit Tischlerhandwerkzeug versenkte sie ins Wasser. Ob sie die gestohlenen Sachen gebrauchen konnte oder nicht, war ihr gleichgültig. Das Stehlen war ihre Passion. Einmal stahl sie des Nachts nasse Wäsche von der Leine, wickelte sie zusammen, schnürte die Leine fest darum und trug das große Bündel in den Wald, wo sie es versteckte und verfaulen ließ. Der Schaden betrug über 100 Milreis.

Trine hatte schon zweimal im Gefängnis gesessen. In der Haft betrug

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

da pelo apelido de "Trilla - a Selvagem".

Catharina ainda era menor de idade, mas era alta e forte e, portanto, completamente desenvolvida. Trabalhou em vários lugares e sempre era despedida por motivo de furto. Levava tudo o que não estava colado ou pregado. Escondia os objetos furtados na floresta, em troncos de árvores ocas, ou os enterrava, abrindo covas na terra. Uma caixa surrupiada, contendo ferramentas de marcenaria, ela escondeu dentro do leito do rio. Tivessem ou não utilidade estes objetos, para ela, pouco importava. Furtar era sua paixão!

Certa noite, Catharina furtou roupa molhada que se achava estendida no varal de um jardim. Fez uma grande trouxa e amarrou-a firmemente com o cordão do varal, escondendo-a no mato, onde apodreceu. O prejuízo causado era de mais de cem mil réis.

Trina já estivera detida por duas vezes, na cadeia. Quando presa, comportava-se como se fosse louca, gritando, arranhando, mordendo e batendo no guarda da cadeia. Certa vez, até sujou (com fezes) as paredes da cela, e todos deram graças quando aquela hóspede tão perversa escapuliu. Provavelmente, até lhe facilitaram a fuga, porque era verdadeiramente impossível tratar com aquela gata selvagem.

Apesar de várias reclamações, o juiz não se dispunha com afinco a acabar de vez com a atividade de Trina. Usava de todas as evasivas, talvez em consideração ao belo sexo, porque era admirador exacerbado da eterna beleza feminina. Talvez também receasse um contato mais direto com Trina, pois esta não fazia distinção entre juiz e servidor de juiz. Enfim, deixou-a ficar tranqüila em seu esconderijo.

Mas, o jarro tanto vai à fonte até que um dia se quebra. Assim aconteceu. Certa noite, Trina invadiu a própria residência do juiz, entrou na cozinha e alcançou a dispensa, fazendo lá uma limpeza geral entre lingüiças, carne defumada e toucinho, deixando como recibo ou lembrança uma mensagem cujo termo aqui não podemos registrar. Só podemos dizer que o recibo sobre a mesa da cozinha era ilegível, porém perceptível por seu horrível cheiro.

Este comportamento de Trina foi demais para o juiz. Ainda no decorrer daquela manhã, convocou o pessoal disponível para prender a vespa selvagem. Teve início uma verdadeira batida policial. Mas como o escon-

Digitalização do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sie sich ganz ungebärdig, kratzte, biß und schlug den Gefangenwärter. Einmal hatte sie sogar die Wände ihrer Zelle besudelt sodaß man froh war, wenn der böfe Geist wieder entwischte. Man mochte ihr das Entweichen manchmal wohl etwas erleichtert haben, denn es war wirklich kein Auskommen mit der wilden Katze.

Trotz wiederholter Anzeigen wollte der Richter nicht recht anbeißen, dem Unwesen ein für allemal ein Ende zu bereiten. Er machte allerlei Ausflüchte, vielleicht aus Rücksicht auf das schöne Geschlecht, denn er war ein eifriger Verehrer des ewig Weiblichen. Vielleicht scheute er sich auch, mit der wilden Trine in nähere Berührung zu kommen, die zwischen Richter und Gerichtsdiener keinen Unterschied machte, kurz er ließ sie unbehelligt in ihrem Schlupfwinkel sitzen. Aber der Krug geht so lange zu Wasser, bis er bricht. Eines Nachts brach Trine beim Richter selbst in die Küche ein, kletterte in den Rauchfang, räumte unter der Wurst, dem Rauchfleisch und dem Speck gründlich auf und quittierte darüber in einer Weise, die sich aus Anstandsrücksichten nicht gut näher beschreiben läßt. Nur soviel will ich verrathen, daß man die Quittung, troßdem sie in Frakturschrift auf den Küchentisch geschrieben war, besser riechen als lesen konnte.

Das war dem Richter denn doch zu stark. Noch am selben Vormittag wurde alle verfügbare Mannschaft aufgeboten, um die wilde Hummel zu fangen. Eine förmliche Treibjagd begann. Da man den Schlupwinkel ungefähr kannte, wurde das Wild bald aufgefunden und umstellt. Sehr vorsichtig näherten sich die Jäger, denn jeder wußte, daß mit Trine nicht gut zu spaßen war. Doch diesmal war es nicht gefährlich. In einer trocknen Felsenhöhle auf weiches Moos gebettet, lag die gesuchte in tiefem Schlaf, rings herum Würste, Schinken und ganze Speckseiten – ein reizendes Stilleben. Es war ihr offenbar ergangen, wie der Schlange, die eben ihre Beute vertilgt hat und nun in Lethargie versinkt. Sehr unsanft wurde sie erweckt und sammt den diversen *corpora delicti* vor den gestrengen Richter gebracht.

Dieser hatte es diesmal sehr eilig. Schon Nachmittags fand das Verhör

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

derijo era mais ou menos conhecido, logo a "caça" foi localizada e cercada. Com todo o cuidado, os "caçadores" aproximaram-se, pois todos sabiam que com a Trina não se podia brincar. Mas, desta vez, ela não reagiu impetuosamente. Bem protegida pelo musgo seco, a procurada estava numa gruta, deitada e adormecida, cercada por lingüiças, presuntos e fatias do toucinho - um verdadeiro paraíso para a furtiva andarilha. Aconteceu a Trina o mesmo que acontece à serpente que, após devorar sua presa cai num sono letárgico, enquanto faz a digestão. Trina foi acordada com certa violência e, junto com as diversas mercadorias apreendidas que compunham o "corpo de delito", foi levada à presença do severo juiz.

O juiz, desta feita, teve pressa. Já à tarde procedeu ao interrogatório. Trina negou tudo, apesar de o juiz se esforçar com todas as perguntas imagináveis, encurralando-a em beco sem saída. Mas ela não confessava, sempre encontrava um pretexto. Estabeleceu-se assim um diálogo que ultrapassou todo o descaramento:

- Como foi que você conseguiu a lingüiça e a carne de porco na floresta ?

Trina respondeu com a maior desenvoltura:

- Eu peguei um porco selvagem na arapuca e fiz tudo sozinha.

- Muito bem, mas a lingüiça está embutida em tripas de gado e sua carne está misturada com a deste animal, disse o juiz.

- Bem, se for assim, então os "batedores" que me detiveram levaram pronta a lingüiça daqui, para me incriminar.

E uma cascata de vitupérios foi dirigida aos inocentes, e o próprio juiz recebia a sua parte.

Em face das muitas provas visíveis e irrefutáveis, nada adiantava negar. As provas insofismáveis estavam ali. Mas, o que se deveria fazer agora ? - pensava o juiz. Prender não adiantaria, disto não havia dúvida. Mas deixar que a atrevida ladra escapasse novamente, também não era possível!

O guardião da lei sabia como resolver a questão, sem se ater muito aos inúmeros parágrafos e decretos suplementares, e decretou:

- Vinte e cinco chibatadas nela!

A um sinal, o servente saiu da sala, retornando pouco depois com uma longa vara de pessegueiro na mão. Quando Trina percebeu que a situ-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

statt. Trine leugnete alles, und trotzdem der Richter sich die erdenklichste Mühe gab, sie durch scharfsinnige Kreuzfragen in eine Sackgasse zu treiben, verrannte sie sich nicht, sondern wußte immer einen Ausweg zu finden. Dabei entfaltete sie eine Frechheit, die alles Maß überstieg. „Wie kamst du zu der Wurst und dem Schweinefleisch im Walde?" Trine antwortete mit der größten Unbefangenheit: „Ich habe ein wildes Schwein in der Falle gefangen und mir das alles selbst gemacht." „Ganz gut –erwiderte der Richter – aber die Bratwurst steckt in Rindsdärmen und ist theilweise mit Rindfleisch vermischt." „So – war die Antwort – wenn's so ist, dann haben die Häscher die Wurst von hier mitgenommen, um mich ins Verderben zu bringen." Dabei ergoß sich eine Flut von Schimpfreden über die unschuldigen Treibjäger, selbst der Richter bekam seinen Theil davon.

Angesichts der vielen, überzeugenden Beweise half aber kein Leugnen. Der Thatbestand war festgestellt. Was aber sollte nun geschehen? Einsperren hätte nichts genützt, das wußte man aus Erfahrung. Die verwegene Spitzbübin ohne Strafe laufen zu lassen, ging erst recht nicht. Aber der Hüter des Gesetzes wußte sich zu helfen. Ohne sich viel um Paragraphen zu kümmern dekretierte er einfach: 25 aus dem ff. sofort in Empfang zu nehmen. Auf eienn Wink ging der Gerichtsdiener still hinaus, um bald darauf mit einen langen, schlanken Pfirsichstock in der Hand wieder einzutreten. Als Trine sah, daß es Ernst wurde, schrie sie laut auf, knickte in die Kniee und bat mit aufgehobenen Händen, ihr die Strafe zu erlassen, indem sie Himmel und Erde zu Zeugen anrief, daß sie nie wieder stehlen wolle. Doch der Richter blieb unerbittlich. Unter heftigem Sträuben und Umsichschlagen wurde Trine quer über die Bank gelegt, und nun sausten von starker Hand geführt 25 Hiebe auf das blanke *corpus juris* der Delinquentin herab, welches nach beendeter Prozedur einem gehackten Beefsteak nicht unähnlich sah. Trine biß die Zähne zusammen und gab keinen Laut von sich; nur das Zucken des Körpers verrieth ihren Schmerz. Als alles vorüber war, wurde sie vom Gerichtsdiener hinausgeführt und ihr bedeutet, daß sie im Wiederholungsfalle die doppelte Strafe zu erwarten

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ação ficaria séria, caiu de joelhos e de mãos postas implorava que não a castigassem e a soltassem, chamando céus e terra por testemunha de que jamais tornaria a roubar. Mas o juiz manteve-se inflexível. Embora resistisse e esperneasse muito, a moça foi firmemente dominada. Trina foi colocada sobre um banco e nada menos do que vinte e cinco chibatadas incidiram sobre o alvo "corpus júris" da delinqüente que, ao final do castigo, mais parecia um amassado "beefsteck". Trina rangia os dentes, mas não deixou escapar um só lamento, só o tremor do seu corpo denunciava a dor que sentia. Ao terminar o castigo, o servente foi incumbido de conduzir Trina para fora, deixando-a livre, com a advertência de que, se repetisse o delito, a dose do castigo seria dobrada. Trina não disse uma só palavra, mas estava lívida e trêmula. Vergonha, medo e raiva denotava-se em seu semblante.

Alguém pode considerar o método aplicado a Trina como desumano. Perfeito ele não é, nós admitimos isso, mas foi extremamente prático e providencial, pelos resultados alcançados. Como "Trina Selvagem" a moça entrou na sala do juiz e como "Trina Domada" saiu. Nunca mais se ouviu falar de qualquer delito ou algo semelhante praticado por ela. Fosse um sentimento de vergonha ou a lembrança da dor sofrida, ou mesmo ambas as hipóteses, o fato é que o castigo deve tê-la levado à razão.

Os pais de Trina a conduziram para outro Distrito e trataram de arranjar-lhe um marido. Muitos anos depois, encontrei-a na localidade de Rio dos Cedros e soube que ela se transformara numa caprichosa dona de casa. Trina faleceu há alguns anos.

Tais procedimentos, através dos quais, com raras exceções, eram resolvidas as ocorrências policiais e os casos criminais menos graves. As desavenças familiares e com vizinhos geralmente eram resolvidas pelo juiz, fora do expediente e graciosamente, pois naquele tempo a autoridade era bem mais respeitada do que na atualidade.

Assaltos, esfaqueamentos, tiroteios, etc, ainda não constavam da ordem do dia no exercício da autoridade. Brigas, naquele tempo, aconteciam sem que corresse sangue – poderia ocorrer, como resultado de um entrevero, um pequeno corte ou sangramento do nariz e só. Sucedia que, quando necessário, o juiz agia com maior severidade e os perturbadores da ordem eram punidos pagando pelos danos. Isto lhes reprimia a vontade de praticar lutas livres, porquanto as pesadas conseqüências indenizatórias arrefeciam

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

habe. Trine sagte kein Wort, war aber leichenblaß und zitterte am ganzen Körper. Scham, Angst und Wuth spiegelten sich abwechselnd auf ihrem Gesichte.

Mancher wird diefes Verfahren als inhuman bezeichnen. Einwandsfrei ist es nicht, das gebe ich zu. Aber es war außerordentlich praktisch, das hat der Erfolg bewiesen. Als wilde Trine war das Mädchen hereingekommen, als zahme Catharina ging sie hinaus. Niemals wieder hat man etwas Schlechtes von ihr gehört, sei es daß veletzte Schamgefühl, sei es daß der erlittene Schmerz, oder beides zugleich, sie zur Besinnung brachten. Ihre Eltern schafften sie in einen andern Distrikt und sorgten dafür, daß sie bald einen Mann bekam. Viele Jahre später traf ich sie oben am Ceder-Fluss als tüchtige Hausfrau wieder. Jetzt liegt sie schon geraume Zeit im Grabe.

Auf diese Art und Weise wurden mit wenig Abweichung alle Polizeisachen und leichteren Kriminalfälle erledigt, Streitigkeiten unter Nachbarn wurden in der Regel außerdienstlich und unentgeltlich vom Richter geschlichtet, dem man damals verhältnismäßig eine weit größere Autorität einräumte als heutzutage. Ueberfälle, Messeraffären, Schießereien etc. waren noch nicht an der Tagesordnung. Kamen Schlägerein vor, die in jener Zeit noch immer unblutig verliefen – ein kleiner Aderlass an der Nase wurde nicht gerechnet, so war der Richter jedesmal sehr streng in seinem Urteil und die Friedensstörer mußten gehörig bezahlen, so daß ihnen die Lust an Faustkämpfen auf lange verleidet war. Vergehen gegen die Sittlichkeit, die jetzt nicht mehr zu den Seltenheiten gehören, waren unbekannt. Daß sich ein junges Liebespaar vergaß, kam dank der richtigen Kindererziehung nur selten vor. Der Myrthenkranz stand noch in Ehren. Leider ist das arme Myrthensträuchlein hier mit der Zeit so ausgeartet, daß es einer Strohblume gleicht. Wahrscheinlich ist das Klima Schuld daran. Es giebt ja, Gott sei dank, noch Ausnahmen von der Regel, aber wenn's so weiter geht, wird bald der ganze Teig durchsäuert sein. Böse Beispiele verderben gute Sitten. Es handelt sich hier um schwere soziale Schädigungen und daher wäre es falsche Prüderie, diesen Punkt nicht zu berühren.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

os ânimos, até mesmo dos mais exaltados.

Crimes contra a moral e os costumes, que hoje são freqüentes, eram desconhecidos. Um casal de jovens enamorados jamais se esquecia da responsabilidade e isto devia-se à boa educação familiar que recebiam na infância, inclusive nas escolas. Mediante tal comportamento eticamente disciplinado e moralmente responsável, o véu e a grinalda eram valorosamente honrados".

Infelizmente, a grinalda de murta degenerou com o decorrer do tempo, parecendo mais uma sempre-viva seca. Talvez fosse o clima. Graças a Deus, ainda existem exceções, mas se continuar assim em breve tudo estará degenerado. Maus exemplos estragam os bons costumes. Trata-se de danos sociais e por isso seria falso pudor não tocar nesse assunto.

Julguemos o procedimento do Tribunal da época. Concordamos que o modo não estava correto, mas a justiça era mais bem aplicada do que hoje, não sendo negociada como mercadoria de farmácia. Hoje tudo segue um padrão e a sentença e opõem ostensivamente ao senso de justiça do povo. Também não podemos falar bem dos advogados, que se instalam aos poucos, em geral consideram o cliente uma boa vaca leiteira. Pelo que conheço, nossas leis estão bem fundamentadas. Mas como são manipuladas! Quem detém o poder, tem direito, e quem tem dinheiro pode fazer uso dos tribunais. Muitos que procuraram seus direitos acabaram mendigando!

Ainda quero relatar sobre a época de ouro de Blumenau. Isso aconteceu em 1860, quando a Colônia particular passou a ser Colônia do governo, sendo então administrada pelo seu fundador como Diretor. O Governo Imperial mandou dinheiro, embora não fosse muito nos primeiros anos após terem assumido a Colônia, contudo, a hábil e rigorosa administração do Diretor conseguiu realizar muito com poucos meios. Foram abertas estradas, construídas pontes. Também foi erguido um novo rancho de recepção; lá havia uma repartição que era usada, simultaneamente, como escola e Igreja. Localizava-se no melhor lugar do Stadtplatz, onde hoje se encontram as grandes casas comerciais de Salinger e Sachtleben. Era aumentado, praticamente, todo ano, tanto que por fim ocupou toda extensão da rua. Mais tarde foi erguido mais um rancho bastante grande em frente, separado apenas por um caminho. Logo sobreveio o arrependimento de ter construído os dois ranchos nos melhores lugares, mesmo que fosse uma mina de ouro

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fassen wir unser Urteil über das damalige Gerichtsverfahren zusammen, so müßen wir zugeben, daß Form dabei zu kurz kam, aber das Recht selbst wurde besser gewalt als heute und noch nicht als Apothekerwaare verkauft. Heute überwuchert die Form alles, und die Rechtsprechung schlägt dem Rechtsgefühl des Volkes oft direkt ins Gesicht. Von den Advokaten, die sich nach und nach einstellten, ist auch nicht viel gutes zu berichten; meist betrachten sie ihre Klienten als die milchende Kuh. Unsere Gesetze, so weit ich sie kenne, beruhen auf guter Grundlage. Aber wie werden sie gehandhabt! Wer die macht hat, hat das Recht, und nur wer Geld hat, kann es sich erlauben, die Hülfe der Gerichte anzurufen. Wie mancher, der sein Recht suchte, ist dadurch an den Bettelstab gekommen!

Jetzt will ich noch kurz berichten, wie es in Blumenaus goldener Zeit aussah, nachdem die Kolonie aus einem Privatunternehmen des Dr. Blumenau zur Regierungskolonie geworden war, mit ihrem Gründer als Direktor an der Spitze. Das geschah im Jahre 1860. Die kaiserliche Regierung schickte Geld, nicht allzuviel in den ersten Jahren nach der Uebernahme, aber die geschickte und sparsame Verwaltung des Direktors richtete mit Wenigem viel aus. Wege und Brücken wurden hergestellt, ein neues Empfangshaus wurde gebaut, in welchem eine Abteilung zugleich als Schule und Kirche dienen mußte. Es stand auf der besten Stelle des ganzen Stadtplatzes, da wo sich heute die großen Geschäftshäuser von Salinger und Sachtleben befinden. Fast jedes Jahr wurde vergrößert oder verlängert, sodaß es zuletzt die ganze Straße einmahn. Später baute man noch ein gleich großes Empfangshaus, nur durch einen Weg von dem andern getrennt. Man bereute es aber bald, den beiden Schuppen die schönsten Plätze eingeräumt zu haben, denn waren sie auch eine Goldgrube für die Kaufleute, so waren sie, trotz aller strengen Maßregeln, andererseits eine Mistgrube für alle Bewohner ringsherum, denn wo viele Menschen dichtgedrängt zusammenhausen, da giebts auch viel absonderlichen Abfall. „Das is man dat“ sagt Hannes.

Der erste Lehrer kam, ein Hauptmann von Gilsa, von der Regierung

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

para os comerciantes. Apesar das medidas severas adotadas, era um esterqueiro para os moradores circunvizinhos, pois onde há grande concentração de pessoas, também existe quantidade de dejetos. "Isso é assim mesmo", dizia Hannes.

O primeiro professor, Capitão von Gilsa, foi enviado e empregado pelo governo. Pelo que sei, ele já havia sido Capitão da artilharia na Prússia e entrou com a mesma graduação no serviço brasileiro. Depois de ter servido o devido tempo, foi-lhe concedido o cargo de professor como uma forma de aposentadoria, ao invés de uma pensão. Era soldado da cabeça aos pés, extremamente pontual e severo no trabalho. Embora não fosse supervisionado por ninguém, ministrava com absoluta consciência, mas não ia além de seus limites. Caso um aluno quisesse continuar seu estudo, ele dava aulas particulares em troca de pagamento. Von Gilsa, com certeza, foi o mais eficiente professor em Blumenau e um conhecedor profundo da língua portuguesa. Mais tarde, ainda assumiu o cargo de escrivão de justiça. Quando foi construída a nova escola à custa do governo, ele se mudou para lá onde tudo era mais fácil devido ao conforto. Agora, já foi destacado para o exército maior e, que tenha lá encontrado um lugar no quartel general. Seus alunos, embora a maioria já esteja com cabelos grisalhos, lembram dele com amor e gratidão.

Apesar de a religião católica ser a religião oficial do Estado, o Governo providenciou a construção de uma casa pastoral para o Pastor protestante. Pastor Hesse era tão eficiente em seu ofício, quanto von Gilsa em seu, além disso, um excelente pregador, sendo difícil encontrar semelhante. Ele não falava muito, mas dominava a arte de convencer com poucas palavras os céticos e pecadores. Em suas palavras havia uma total convicção, uma confiança absoluta em Deus, de modo que todos, mesmo os mais indiferentes se entusiasmavam. Seu dom em discursar, sua voz sonora e sua maneira digna conquistou todos os corações. Ele foi um Pastor abençoado por Deus. Infelizmente, morreu muito cedo, mas sua memória será mantida com honra.

Também foi contratado um médico muito eficiente, Dr. Knoblauch, que, igualmente, morreu cedo demais. A farmácia era administrada por Franz Kranier. Embora ele entendesse o seu ofício, havia falta de medicamentos nos primeiros tempos; era difícil consegui-los e quando chegavam, normal-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

geschickt und angestellt. Wenn mir recht ist, war er in Preussen schon Hauptmann bei der Artillerie gewesen und trat dann mit demselben Range in brasilianische Dienste. Nachtdem er seine Zeit abgedient, bekam er wohl die Lehrerstelle als eine Art Ruheposten anstatt einer Pension. Soldat vom Kopf bis zum Fuß, war er äußerst pünktlich und sehr streng im Dienste. Obwohl unter gar keiner Kontrolle stehend, versah er sein Amt mit der größten gewissenhaftigkeit, ging aber auch keinen Schritt weiter als seine Instruktion vorschrieb. Sollten Schüler weiterbefördert werden, so gab er Privatstunden, die extra bezahlt werden mußten. Von Gilsa war wohl einer der tüchtigsten Lehrer die in Blumenau gewesen sind und ein feiner Kenner der portugiesischen Sprache. Später übernahm er noch den Posten eines Schreibers bei Gericht. Als sodann auf Kosten des Staats ein neues schönes Schulhaus gebaut wurde, siedelte er mit seiner Schule aus dem Schuppen dahin über und hatte es nun etwas bequemer und leichter. Jetzt ist er schon zur großen Armee abkommandirt worden. Möge er dort einen Platz im Generalstabe gefunden haben. Seine Schüler, obwohl die meisten schon ergraut sind, gedenken seiner noch mit Liebe und Dankbarkeit.

Trotzdem die katholische Religion Staatsreligion war, sorgte die Regierung sür einen evangelischen Geistlichen und ließ ein Pfarrhaus bauen. Pastor Hesse war ebenso tüchtig im Amte als v. Gilsa in dem seinigen, außerdem aber ein Kanzelredner, der seines Gleichen suchte. Er sprach nicht viel, verstand aber die große Kunst, mit wenigen Worten viel zu sagen, Zweifler zu überzeugen und Sünder zu bekehren. Es lag in seinen Worten eine solche Kraft der Ueberzeugung, ein so zuversichtliches Gottvertrauen, daß alle, auch die Gleichgültigen, hingerissen wurden. Seine seltene Rednergabe, sein prächtiges Organ, sein würdevolles Auftreten gewann ihm alle Herzen. Er war ein Priester von Gottes Gnaden. Leider starb er viel zu früh für seine Gemeinde. Sein Andenken aber bleibt in Ehren.

Auch ein sehr tüchtiger Arzt wurde angestellt, Dr Knoblauch, der ebenfalls viel zu früh für die Kolonie starb. Die Apotheke leitete Franz Kranier. Obwohl er seine Sache verstand, mangelte es in der ersten Zeit gar

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mente estavam estragados. Aos poucos essa situação também melhorou.

No escritório do Dr. Blumenau havia excelentes funcionários públicos como: Hermann Wendenburg, Heinrich Krohberger, Theodor Kleine; homens que estavam à altura de suas tarefas e as executavam com rara dedicação, além disso, mereceram todo respeito como pessoas que foram. O mesmo vale para outros homens de destaque da época como: Dr. Fritz Müller, engenheiro Emil Odebrecht e seus aprendizes e o auxiliar Theodor Kleine Junior. Dr. Blumenau era a alma de tudo, tanto um grande homem, quanto um funcionário público e colonizador. Trabalhar conjuntamente com tantas capacidades, estando todos – com exceção de Dr. Müller – de um modo geral, sob seu comando, fez Dr. Blumenau alcançar seu objetivo. Realmente, ele não viveu por nada! Sua obra, a Colônia Blumenau, é o melhor testemunho. Eu somente fiz jus aos homens que transformaram a mata virgem em uma florescente Colônia, mas sentiria se minhas palavras fossem mal interpretadas. Também havia os insatisfeitos e os que reclamavam, pois ninguém consegue agradar a todos. Se entre esses ainda houver algum com vida e comparar a administração da época e a de hoje, haverão de concordar comigo, que a de hoje não ganhou em nada, mas perdeu muito.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC – Hemeroteca Digital Catarinense

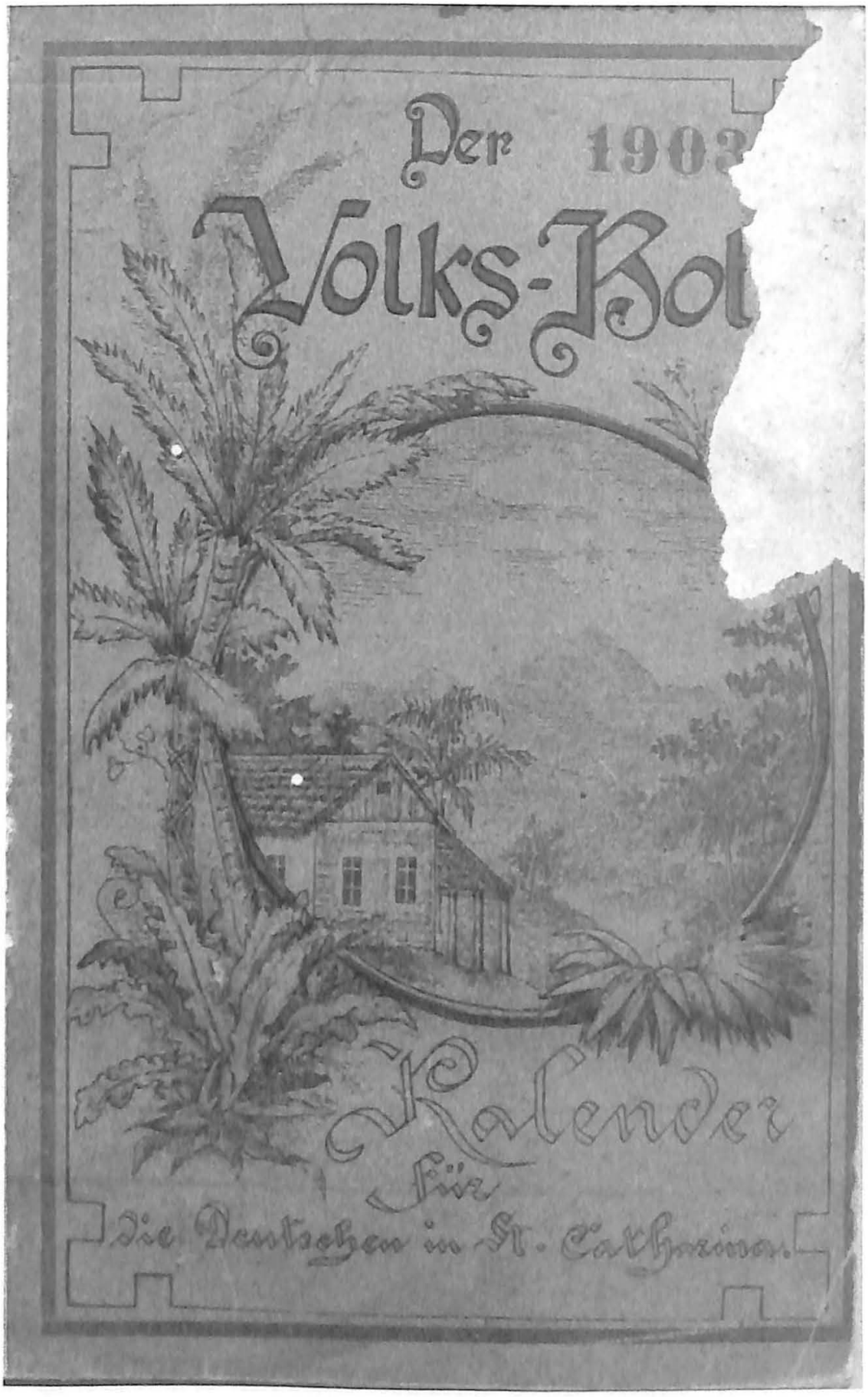
sehr an Medikamenten; sie waren damals schwer zu beziehen und kamen meist verdorben hier an. Erst nach und nach wurde diesen Uebelstande abgeholfen.

Im Bureau des Dr. Blumenau arbeiteten lauter tüchtige Beamte Hermann Wendeburg, Heinrich Krohberger, Theodor Kleine, Männer, die ihrer Aufgabe gewachsen waren und seltener Pflichttreue erfüllten, die aber auch als Menschen volle Achtung verdienten. Dasselbe gilt von andern hervorragenden Männern jener Zeit, Dr. Fritz Müller, Ingenieur Emil Odebrecht und dessen Lehrlinge und Gehülfen Theodor Kleine junior. Die Seele des Ganzen war Dr. Blumenau, gleich groß als Mensch, wie als Beamter und Kolonisator. In gemeinsamer Arbeit mit solchen Kräften, die alle – Dr. Müller ausgenommen – mehr oder weniger unter seiner Oberleitung standen, vermochte Dr. Blumenau das große Ziel seines Strebens zu erreichen. Er hat fürwahr nicht umsonst gelebt! Sein Werk, die Kolonie Blumenau, ist dessen Zeuge.

Ich habe den Männern, die damals aus unwirthlichem Urwalde eine blühende Kolonie schufen, nur Gerechtigkeit wiederfahren lassen, aber es sollte mir leid thun, wenn meine Worte anders aufgefaßt würden. Es gab auch damals Nörgler und Unzufriedene, denn niemand kann es allen recht machen. Wenn diese, soweit sie noch am Leben sind, eine Parallele zwischen der damaligen und heutigen Verwaltung ziehen, so werden sie mir zugeben, ßss die Leitung unseres Gemeinwesens gegen früher nichts gewonnen, sondern viel verloren hat.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Folha de rosto do Der Volks - Bote - 1903.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Conflitos territoriais entre indígenas e colonos em Doutor Pedrinho (SC): 1980-2000

Fernando Luiz dos Santos[1]
Ancelmo Schörner[2]

Artigos

Este texto tem como objetivo apresentar os motivos que levaram aos conflitos de terras entre indígenas e colonos em Doutor Pedrinho - SC. Estaremos analisando os conflitos que ocorreram na Reserva Indígena Duque de Caxias durante o período de 1980 a 2000, que envolvem as cidades de Doutor Pedrinho (na época Distrito de Benedito Novo), José Boiteux, Victor Meirelles e Itaiópolis, sendo que iremos nos ater à Aldeia Bugio, localizada nos municípios de José Boiteux e Doutor Pedrinho.

Os indígenas Xokleng[3] eram os que habitavam a região antes da chegada dos imigrantes italianos (1910), e atualmente habitam a Aldeia Bugio. Eles sofreram grandes impactos com a presença dos não-indígenas na região, sendo que as doenças (gripe, sarampo, coqueluche, pneumonia, doenças venéreas etc.) foram responsáveis pela morte de muitos deles. Outros problemas foram agravando cada vez mais sua situação cultural, econômica e social, tais como o confinamento em determinada reserva

1 Especialista em História Social e Ensino de História (CEUNI/INA/ISULPAR
2 Doutor em História - UFSC

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

(empurrados cada vez mais pelos não-indígenas) e a construção da Barragem Norte (1972-1992), que alagou grande parte de suas terras cultiváveis, obrigando-os a se direcionarem a outras regiões, como a Aldeia Bugio.

> Nós queremos o que é nosso. A terra era nossa. Veio a barragem. Ninguém nos consultou. As enchentes começaram. Lutamos pela indenização. Fizemos acordo. Mas até agora nada está resolvido e os índios sofrem[4].

A construção fez com que os conflitos fossem se acirrando cada vez mais. Segundo o Padre Dorvalino Eloy Koch, a barragem foi etnocida, destruindo toda uma cultura construída por longos anos de convivência dos indígenas Xokleng com sua natureza e habitação local[5].

Paralelo à história indígena veremos o esforço de imigrantes italianos e alemães na tentativa de colonizar a região, na busca por melhores condições de vida. Porém, estes objetivos vão fazer com que entrem em contato e conseqüentes conflitos com os indígenas Xoklengs.

> Estes bárbaros (índios), que não poupam mulheres nem crianças, que só se ocupam em roubar e em assaltar-nos em emboscadas, não poderão a meu ver, nunca ser tratados com bondade e condescendência[6].

Não estaremos aqui apontando culpados, sejam indígenas ou colonos. O que iremos apresentar como grande problema, senão o principal, é que estes conflitos e desentendimentos, resultaram de uma falta de comprometimento das autoridades e dos órgãos competentes dos governos estadual e federal, fazendo com que os personagens principais destes conflitos, indígenas e colonos, se tornassem vítimas de um descaso político.

Para isso utilizaremos documentos e matérias de jornais que mostram este desrespeito dos governos e dos órgãos responsáveis pela questão da demarcação das terras indígenas e posterior indenização aos colonos. Nesta situação veremos, por exemplo, uma FUNAI[7] desorganizada e lenta no que diz respeito à demarcação e à devastação da mata nativa. É o que nos apresenta o padre Dorvalino, citando a conclusão de uma pesquisa realizada por Sálvio Müller[8] na qual diz que

> a administração da FUNAI era sem obediência alguma a qualquer planejamento global de exploração dos recursos da Reserva. Orientava-se pelas conveniências da improvisação e ou da corrupção. E isso desde os delegados regionais (Curitiba) e chefes de posto, até os técnicos agrícolas e demais funcionários[9].

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Na tentativa de apresentar os dois lados do conflito, indígenas e colonos, entramos em contato com a FUNAI, pedindo autorização para poder entrar na Aldeia Bugio. Fomos informados pela atendente Natalina, uma indígena, que deveríamos encaminhar um documento por fax, apresentando os objetivos da pesquisa, ao senhor Jorge Luís Bavaresco (chefe regional das tribos indígenas) e também para o senhor Francisco Andili Farias (cacique da Aldeia Bugio), o que foi feito. Sem qualquer resposta, ficamos tentando os contatos e recebemos a resposta, pelo próprio senhor Jorge, de que ele não nos permitiria entrar na aldeia pelo fato do clima estar muito tenso devido à questão da demarcação de terras.

Não sendo permitida nossa entrada na Aldeia Bugio, ficamos de marcar uma entrevista fora da aldeia, porém foram várias as tentativas, não obtendo nenhum êxito, dada a falta de tempo, já que ele é responsável pelos assuntos externos à aldeia, justificativa apresentada pelo chefe regional das tribos indígenas. Como não foram possíveis estas entrevistas com os indígenas, também não as realizamos com os colonos, já que estaríamos mostrando apenas um lado da situação.

Dada esta dificuldade trabalhamos com documentos oficiais, notícias de jornais, conversas informais com habitantes da região de Doutor Pedrinho, pesquisas no arquivo históricos das prefeituras de Doutor Pedrinho, Benedito Novo e no Arquivo Histórico de Blumenau. Uma entrevista realizada, que foi de grande importância para esta pesquisa, foi realizada em 20/01/2006, com o ex-prefeito de Doutor Pedrinho, gestão 1997-2000, período que marcou o ponto alto dos conflitos territoriais. Esta entrevista não foi gravada, a pedido do entrevistado. Durante a entrevista ele destacou o problema que gerou o descompromisso dos governos federal e estadual com a questão da demarcação de terras, aumentando ainda mais os conflitos, deixando todos à própria sorte.

Indígenas e colonos em Doutor Pedrinho: da convivência pacífica ao conflito

Para traçarmos um histórico sobre a cidade de Doutor Pedrinho, temos que anteriormente partir de uma análise histórica sobre a cidade de Benedito Novo, pois Doutor Pedrinho era seu distrito. De acordo com es-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

critos[10], os primeiros colonizadores de Benedito Novo foram os alemães das províncias da Saxônia, Mecklemburgo, Pomerânia e Brandenburgo.

Entre os anos de 1910 a 1920, nas terras que fazem parte do vale do rio Benedito Novo, existia uma pequena fazenda pertencente a Fritz Donner, pioneiro da colônia Benedito-Timbó, localidade que até hoje conserva o nome, ou seja, "Salto Donner". Por essas terras passaram três jovens sertanistas, Germano Rigo, Natal Notari e Fausto Noriller, os quais orientados pelo velho pioneiro, começaram a subir o rio Benedito Novo e seus afluentes, chegando à barra do rio Forcação[11], onde hoje fica o município de Doutor Pedrinho. Os três corajosos sertanistas enfrentaram índios bravos e animais ferozes enquanto abriam picadas nas matas. Esta época marca o início da colonização por colonos vindos de Rodeio, Nova Trento, Luiz Alves e outras localidades. A exploração das principais terras coube à Companhia Longo e Bona[12].

A chegada dos colonizadores se deu a partir de 1880, ocupando a região chamada Ribeirão dos Russos (assim chamada por causa dos imigrantes alemães originários da Polônia, que na época pertencia à Rússia), Tifa Santa Rosa, Ribeirão das Antas, Ribeirão Prochnow (nome do primeiro morador), Ribeirão Tigre, Ribeirão dos Carvões, Santa Maria e Benedito Alto.

Sobre a origem do nome do município de Benedito Novo, existem duas versões: a documentada e a popular.

Segundo a versão documentada[13] o professor Julius Scheidemantel deixou o seguinte escrito: "O Rio Benedito ou Benedicto (Benedicto em latim significa O Abençoado), devido a sua riqueza em peixes foi o responsável pelo nome da cidade 'Benedito Novo'".

Já a versão popular diz que o nome do município teve sua origem na homenagem feita dos fundadores a um escravo foragido, chamado Benedito, que era filho de outro Benedito. O casal Benedito, residente na localidade de Carijós (Indaial), tinha vários filhos, entre eles Benedito, que veio residir na região. Esta denominação pelo modo de designar a região onde residia Benedito. O velho Benedito possuía uma canoa, na qual transportava a comunidade pelo rio, dando assim o nome de rio Benedito à sua homenagem, por conhecer muito bem o rio.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Após ter sido muito útil aos pioneiros, Joseph Peyerl, Johan Maus e Anton Werling, Benedito (filho do velho Benedito) foi homenageado, tendo a colônia recebido o seu nome. Diz-se ainda, que o velho Benedito subiu o Rio Benedito e ao chegar denominou a localidade de Benedito Novo em Homenagem à nova conquista realizada.

O território que hoje abrange o município de Benedito Novo fez parte da colonização de Frederico Donner, que depois de ter colonizado a cidade de Timbó, iniciou a exploração da região do rio Benedito onde fixaram-se alguns colonos próximos aos ribeiros conhecidos como Dona Clara, Santa Rosa, Russos, Tigre e Antas. Sendo que sua exploração se deu até a região de Salto Donner, atual município de Doutor Pedrinho.

Sobre sua emancipação, em 30/05/1922, foi criado o distrito Benedito-Timbó, integrante do município de Blumenau. Em 28/02/1934, foi criado o município de Timbó, sendo dividido em quatro distritos: Sede, Encruzilhada, Rodeio e Benedito Novo. No dia 22/10/1936, foi criado o município de Rodeio. Benedito Novo passou a ser Distrito de Rodeio, até sua emancipação.

Em 29/03/1949, durante do governo de Aderbal Ramos da Silva, foi criado o distrito de Doutor Pedrinho – em homenagem ao pai do governador –, desmembrando-se de Benedito Novo. No dia 20/12/1961, ocorreu a emancipação de Benedito Novo, e no mesmo ano, em 29/12, Doutor Pedrinho passou a ser distrito de Benedito Novo. E por fim, no dia 01/06/1989, Doutor Pedrinho conseguiu sua emancipação, tornando-se município.

Os primeiros contatos com os indígenas

Como vimos, entre os anos de 1910 e 1920, os três sertanistas, incentivados pelo colonizador Fritz Donner, começam a subir o rio Benedito e seus afluentes, chegando à barra do rio Forcação. Alguns jovens da localidade de Rodeio uniram-se, cheios de ânimo e coragem, e partiram rumo ao planalto em busca de aventuras. Seguiram a caminho de Benedito Novo, subindo a serra de Santa Maria, última vila habitada por imigrantes. Daí em diante era sertão desconhecido. Poucas pessoas tinham coragem de entrar pelo mato, pois era habitado pelos índios, que tudo faziam para defender

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

seu território. Os jovens, indo em busca de novos lugares, eram chefiados por Germano Rigo, que contava apenas com vinte anos, porém era corajoso, determinado e dotado de forte liderança[14].

No decorrer das investidas na mata fechada, o medo era grande, principalmente no que diz respeito aos indígenas da região. Durante a noite, no acampamento, foram saqueados pelos indígenas. Sem muito que fazer, retornaram às suas casas, no município de Rodeio, com uma idéia: era preciso conhecer os índios e seus costumes para ter êxito na próxima tentativa. E foi isso que fez Germano Rigo. Semanas depois, partiu para Ibirama rumo ao Posto Indígena Duque de Caxias, onde procurou aprender a língua, costumes e, principalmente, fazer amizade com os índios Xokleng.

Segundo Ignez Roza

> estes indígenas eram povo pacífico e de boa índole, que habitava o litoral, porém empurrados pelos usurpadores brancos, internaram-se nas matas, jurando vingança pela violência com que eram tratados. Com a colonização européia em Santa Catarina os povos indígenas começam a ser pressionados e perseguidos por ocupar este território[15].

Em 1914, o SPI[16] criou a reserva indígena de Ibirama[17]. Como o povo Xokleng era um povo nômade, viver em reserva trouxe-lhes muitos problemas. Além disso, o contato com os brancos, transmitiu-lhes muitas doenças, doenças estas que provocaram a morte de grande parte da sua população.

Os índios Xokleng da Tribo Indígena de Ibirama são os sobreviventes de um processo brutal de colonização do Sul do Brasil iniciado em meados do século passado, que quase os exterminou em sua totalidade. Apesar do extermínio de alguns subgrupos Xokleng no Estado, e do confinamento dos sobreviventes em área determinada, em 1914, o que garantiu a 'paz' para os colonos e a conseqüente expansão e progresso do vale do rio Itajaí, os Xokleng continuaram lutando para sobreviver a esta invasão, mesmo após a extinção quase total dos recursos naturais de sua terra, agravada pela construção da Barragem Norte[18].

A Tribo Indígena Ibirama (doravante TI Ibirama) ocupa área de floresta subtropical, que até os anos 60 era riquíssima em palmito, mas a extração predatória praticamente o extinguiu. No início dos anos 70, a floresta nativa, onde abundavam madeiras nobres, começou a ser explorada por

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

madeireiras, com o aval da Funai, para um alegado usufruto pelos índios. Toda a reserva de madeira praticamente se extinguiu em meados dos anos 1980.

A TI Ibirama sofreu outra grande transformação a partir dos anos 1970, com a construção da Barragem Norte, que represou o rio Hercílio junto à sua divisa sudeste, com o objetivo de conter as enchentes nas cidades industriais do baixo vale do Itajaí, como Blumenau. O lago de contenção formado inundou cerca de 900 hectares das terras mais planas e agricultáveis da TI. Com a inundação, os Xokleng tiveram de se mudar[19] para as partes altas da TI, onde a mata era virgem e de onde não sabiam tirar o sustento. Intensificou-se a partir daí a exploração da madeira. A TI foi loteada entre famílias nucleares em "frentes" de exploração delimitadas. A comercialização da madeira privilegiou os comerciantes locais e vários funcionários da FUNAI, além dos Kaingang e mestiços Kaingang-brancos. Somente em 1997 a FUNAI organizou uma equipe interdisciplinar para recuperar as áreas invadidas por madeireiras e estudar a possibilidade da redefinição dos limites da TI. A tensão no local ainda é grande e exige a presença de autoridades para intermediar os conflitos entre madeireiros, índios e colonos.

Os Xokleng da TI Ibirama vivem em quatro aldeias: Sede, Figueira, Bugio (localizada em Doutor Pedrinho e objeto deste trabalho) e Toldo. Todas têm autonomia política, um cacique e um vice-cacique. Há também um cacique-presidente, que representa e dá a unidade aos Xokleng perante as instituições com as quais estabelecem relações políticas. Estes líderes são escolhidos por voto direto, têm mandato de dois anos e direito à reeleição[20].

A Aldeia Bugio está localizada nos municípios de José Boiteux e Doutor Pedrinho. Seu território abrange parte da Serra da Moema e inicia na localidade denominada Óleo, cujo nome é devido a tipo de árvore que existia ali em abundância. A altitude está em torno de 900 metros. A aldeia é cortada por uma estrada de chão que liga o Distrito do rio Wiergand, pertencente ao município de José Boiteux, ao município de Doutor Pedrinho. Suas 30 moradias estão localizadas ao longo desta estrada. Há uma sede na Aldeia onde se encontram uma das duas escolas (Escola Isolada Indígena Vanhecú Patté); a outra escola da aldeia está localizada na região do Óleo (Escola Isolada Jango Priprá).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Em outubro de 1979, com a ocorrência da segunda enchente provocada pelas obras da Barragem Norte, uma parcela da população da tribo indígena de Ibirama migrou para a Aldeia Bugio. Eram em sua maioria Xokleng, Kaigang, indígenas e brancos, totalizando 26 famílias que chegaram em novembro de 1979, estruturando uma nova aldeia. A aldeia passou a ser formada por 43 famílias, num total de 191 pessoas.

Durante o primeiro ano de permanência da Aldeia Bugio, os moradores que para lá migraram residiam em condições precárias. Sem infra-estrutura adequada nas áreas de saúde, energia e habitação. Diante de tal situação propuseram à FUNAI um projeto para construção de casas para moradia, enfermaria e instalação de rede elétrica, além da implementação de projetos de agricultura. Os migrantes solicitaram a interferência do Governo do Estado de Santa Catarina e obtiveram aval para os referidos projetos. O órgão ambiental federal foi encarregado de fiscalizar a extração da madeira de duas áreas escolhidas, que foram demarcadas pela FUNAI, e que seria utilizada para o custeio das despesas.

No que diz respeito aos limites da terra indígena no Bom Sucesso (localidade do município de Doutor Pedrinho), os depoimentos indígenas evidenciam que os Xoklengs têm a clara percepção de um território ocupado tradicionalmente para a coleta de pinhão e caça. Por outro lado, também existe clareza a respeito dos limites da terra reservada pelas autoridades de Santa Catarina, para a criação da Reserva indígena[21].

Para Jardelino Priprá, Kaigang, morador da Aldeia Bugio, os limites territoriais foram indicados em 1914, confirmados em 1926 e respeitados até aproximadamente 1950. Ele também afirma que os não-índios, que entraram no Bom Sucesso, sabiam que o local era terra indígena[22].

Nos documentos de reconhecimento da área de terra reservada em favor dos Xokleng, seja no Decreto Estadual nº. 15, de 03.04.26, seja a descrição contida no acordo de 1952, ou no Memorial de Medição das terras indígenas de 1956, encontramos as seguintes referências a limites no Bom Sucesso, rio Engano e Wiegand: no acordo de 1952, a divisa partia da foz do rio Engano; em todos os atos que determinavam limites, tal linha seguia até encontrar a linha do perímetro da medição da Empresa Colonizadora Bona & Cia, seguindo pelas divisas das terras da citada empresa até encontrar, em Forcação, o travessão dos lotes da linha Wiergand, seguindo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

por essa. Toda a comunidade do Bom sucesso tem clareza, de que a empresa Bona tinha a divisa das suas terras com as da Terra Indígena e que esta divisa era "marcada" pelo rio Preto e uma antiga estrada, que em geral acompanhava o curso do rio acima citado. Ocupantes não-indígenas afirmam que "toda vida foi assim". Nesse sentido, indígenas e não-indígenas, respeitavam limite divisório pelo rio e pela estrada velha.

Assim podemos perceber que tanto o rio Preto, como a antiga estrada, eram tomados como referência segura para apontar à divisa das terras indígenas, sendo reconhecidos e respeitados. E foi exatamente nesses territórios, de ocupação tradicional, indígena, é que ocorreram as expropriações de terras, posteriormente vendidas a não-índios. A comunidade indígena declara que os antigos limites passavam pelo local chamado Forcação, e que um queda d'água era o marco desta divisa.

Existe ainda uma outra versão popular sobre o marco divisório na região da Forcação, a qual afirma que as terras dos Xoklengs vão ainda além dos limites propostos. Essas indicações também referem uma queda d'água que é apontada por indígenas e não índios da região. Ela fica um pouco mais abaixo em direção a Doutor Pedrinho.

De acordo com o Laudo de Identificação e Delimitação das terras indígenas, realizado pelo Ministério Público, o indígena Rogério Vojtech mostrou para a equipe técnica, que estava fazendo o Laudo técnico da demarcação do território indígena, o local desta queda d'água, afirmando que os não-índios da região confirmam ser este o canto da divisa antiga das terras indígenas. Rogério ainda afirma que o rio Preto foi respeitado como divisa e que "do rio para cá era terra indígena". Também neste ponto a empresa Bona tinha terras na divisa com o rio Preto. Mais tarde a empresa madeireira CEBEX foi promovendo a invasão das terras indígenas.

Rogério Voitech acrescenta, ainda, que os Xokleng foram limitados em suas incursões ao Bom Sucesso, restringindo-se ao interior da área de terra reservada, dado ao fato de que as madeireiras CEBEX e Lorenz, intencionalmente, empurraram os não índios para dentro da terra indígena.

Assim foi ocorrendo todo um processo de avanço sobre as terras originalmente ocupadas pelos indígenas. Este processo faz parte da consciência e memória Xokleng. Eles afirmam que os primeiros não-índios que ocu-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

param a região do Bom Sucesso sabiam dos limites da terra e que estavam entrando deliberadamente para o interior do território indígena[23].

De acordo com o Laudo Antropológico, tanto os Xoklengs como os não-índios tinham clareza de que a terra ocupada era terra indígena, e que no processo de ocupação foram realizadas combinações e acordos entre as partes, visando estabelecer as formas de ocupação. Nestes acordos ficava estabelecido que os Xokleng permitiam que o colono ocupasse a terra em troca do recebimento de favores[24].

Indígenas e colonos lutando pela terra prometida

A história dos indígenas em Santa Catarina foi igual a do restante do nosso Brasil. Foram poucos os que sobraram nestes últimos 500 anos de história e habitam nosso Estado. A partir de agora, então, apresentaremos a história dos conflitos entre os indígenas e os não-índios, ocorridos na cidade de Doutor Pedrinho, mais precisamente nas localidades de Forcação e Bom Sucesso, que desde os primeiros contatos entre eles, a relação de exploração das riquezas extraídas dos ditos selvagens sempre fez parte dos objetivos dos invasores, tratando particularmente da Aldeia Bugio, que faz parte da Reserva Duque de Caxias.

Com a chegada dos imigrantes alemães e italianos, nos primeiros anos da colonização da região pelo Dr. Hermann Blumenau, alguns ataques indígenas foram registrados, incluindo morte de colonos. Estes ataques foram se sucedendo desde 1850 e a "paz" passou a reinar no Vale do Itajaí, quando se iniciou o apresamento dos Xoklengs, no Vale do Itajaí Norte.

Sobre os vários confrontos entre colonizadores e índios, pode-se encontrar registros no acervo da Fundação Cultural de Blumenau. Segue uma carta de recomendações para os colonos, de Dr. Blumenau, datada em 15/10/1877.

> Chamamos a atenção dos habitantes desta colônia, especialmente daqueles dos setores mais avançados, para o fato da aproximação da época do ano, na qual os índios nativos (bugres) costumam aparecer nestas zonas, nas suas andanças habituais, realizando, então, assaltos e saqueamentos onde, para tal, se oferece a oportunidade. Para evitar estes desastres o quanto possível, recomendamos aos colonos proporcionarem o máximo cuidado às suas armas, e trazê-las sempre consigo. Por ocasião de um assalto, convém atirar

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> apenas, se o efeito do tiro for calculado. É aconselhável fazer-se denotações freqüentes em direção do mato, e a realização de caçadas e patrulhamentos por agrupamentos de vizinhos para amedrontar os bugres e dar-lhes a impressão de encontrar-se a população alerta e preparada contra os seus ataques.

Além de certa estranheza, a colonização européia próxima às áreas habitadas pelos índios trouxe algumas doenças e a grande dizimação dos indígenas. O período mais trágico desse contato se deu entre 1914 e 1932, quando, num recenseamento, constatou-se que dois terços dos índios haviam falecidos com as epidemias. Tal fato marca, também, a dificuldade dos índios manterem em funcionamento as instituições, usos e costumes tradicionais de sua cultura. Essa desestruturação gerou um baixo potencial de integração com a sociedade dos brancos e o sacrifício da maior parte do patrimônio cultural tradicional do grupo[25].

Em 1910 foi criado o SPI, na tentativa de pacificar os índios, buscando uma maior harmonia entre estes e os colonos e assim posteriormente uma colonização mais efetiva. Para isso, foram sendo instalados postos de atração dos índios. Em 1913, o posto era uma realidade em termos de instalação, porém pouco efetivo em termos de pacificação, já que os indígenas dificilmente apareciam.

Foi a partir de 1914, com a construção do posto de atração na região do alto vale, pelo senhor Eduardo Lima e Silva Hoerhann, que iniciou o primeiro contato pacífico dos indígenas com os não-indígenas. Dentro desta difícil fase de pacificação e dolorosa fase de adaptação dos Xokleng à sociedade, o senhor Eduardo passou a forçar os índios a assimilar os elementos culturais da civilização e tentar evitar contaminações por doenças, o que não conseguiu. O papel de Eduardo, Pacificador, é muito contestado por muitos escritos, nos quais o apresentam como um homem muito rude e cruel. Segue uma definição de um ex-madeireiro sobre o "pacificador".

> Em Eduardo não se tocava nem com uma flor. O costume do Eduardo era dar surras de relhos nos índios e também nos brancos. Eduardo não pagava ninguém, provavelmente ficava com o dinheiro. Eduardo era especialista em farsas. Eduardo era pacificador do diabo[26].

No ano de 1954, Eduardo se envolveu na morte de um índio. Quarenta anos depois do "pacificador" ter tido contato com os Xokleng, foi

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

destituído de suas funções de chefe do Posto Indígena de Duque de Caxias.

Em 1926, foi feita a demarcação de terras da Reserva Duque de Caxias, na qual o Governo do Estado de Santa Catarina repassou aos indígenas cerca de 14 mil hectares, com a garantia de que os índios iriam se sustentar pelo trabalho agrícola, o que não ocorreu. Assim, a partir dos anos 30, os Xoklengs mudaram seus hábitos alimentares, precisando de dinheiro para comprar fumo, cachaça etc... Para tanto, começaram a perceber a importância que os não-índios davam à madeira e aí ocorre de forma predatória a extração da mata nativa por parte dos índios, trocada a preço de banana para comerciantes e madeireiras da região.

Passado quase um século da pacificação e da convivência índios/ sociedade envolvente, período caracterizado basicamente pelo conflito dos grupos, pouco foi feito para a efetivação de uma política regional (sócio-econômica) que garanta aos índios da Reserva Duque de Caxias a dignidade, por meio da subsistência[27].

Em 1952, depois de acordo firmado entre o governo federal e o extinto SPI, a reserva foi diminuída em seis mil hectares em razão da redução da população indígena. Esses seis mil hectares passam a pertencer a União, sendo que esta inicia um processo de comercialização destas terras e posterior escrituração, aos colonos interessados. Isto vai tornar-se mais tarde um dos grandes problemas quanto à demarcação das terras indígenas, pois o governo federal não quer indenizar os colonos por suas terras, somente pelas suas benfeitorias. O que para os colonos é uma decisão injusta, já que pagaram pela terra e possuem documentos comprovando sua posse.

Durante os anos 1960, a abertura de estradas no interior da reserva permitiu um grande contato com a sociedade regional. Com isso a exploração dos recursos florestas foi sendo imediata. Muitas contradições, envolvendo o Posto Indígena e extração de madeira e palmito para fins de industrialização, foram sendo encontradas. A extração de madeira aumentou bastante neste período, pois estava se esgotando em outras regiões.

Em 1967, o governo militar resolver acabar com o Serviço de Proteção ao Índio, devido a vários escândalos, utilização do patrimônio indígena e uso de mão-de-obra indígena, substituindo-o pela FUNAI. A atuação da FUNAI até hoje continua sendo duvidosa, sendo que, no decorrer dos anos, muitas de suas mudanças foram apenas paliativas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O caso da Barragem Norte

Além das questões econômicas, a década de 1970 trouxe grandes alterações na vida social dos indígenas. É iniciada a construção da Barragem Norte, gerando vários conflitos entre índios, madeireiros, colonos e autoridades, uma vez que a barragem iria inundar as terras mais férteis, as madeiras e as benfeitorias realizadas por um longo período na história indígena. O desgaste, tanto econômico como político e social desse período foi muito grande devido a esta construção, inserindo a comunidade indígena num alto contexto de tensões, que passou pelos anos 1980-90 e continuando nos anos 2000, na tentativa de buscar uma solução definitiva para os problemas inerentes aos indígenas da Reserva Duque de Caxias: a pobreza a que foram introduzidos, sua dependência em relação à sociedade regional e, principalmente, evitar a exploração das riquezas naturais da reserva.

A Barragem Norte foi construída em 1972, e foi oficialmente terminada em 1992. Ela foi construída com a intenção de proteger das inundações as cidades do médio vale do Itajaí.

No início, por falta de informações, os indígenas não se opuseram à construção. Porém, já em 1978, começaram a surgir os problemas, ocorreu a primeira cheia na área indígena, na qual os índios perdem animais, plantação e muitas de suas casas foram inundadas. Em conseqüência, os indígenas vão ao encontro da FUNAI e ao DNOS[28] fazer suas reivindicações.

Assim, iniciou-se, nesse momento, uma luta que até o presente não chegou ao fim, devido à falta de seriedade dos setores governamentais envolvidos em efetivamente considerar como relevantes e passíveis de indenização os prejuízos causados por projetos dessa natureza[29].

A Barragem Norte foi tomando cada vez mais as terras indígenas, suas plantações, casas, estradas etc. Com isso passaram gradativamente a reivindicar a indenização de seus prejuízos. Paralelo a um Estado burocrático e lento, foram caminhando também as definições quanto a estes problemas, porém até o momento não foram cumpridas integralmente. A Constituição do Estado de Santa Catarina, promulgada em 1989, por sua vez assegura que "O Estado respeitará e fará respeitar, em seu território, os direitos, os bens materiais, crenças e tradições, e todas as garantias conferidas aos índios na Constituição Federal" (Art. 192). E no parágrafo único desse artigo fica ainda expresso que o "Estado assegurará às comunidades indíge-

Digitalização pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nas nativas, de seu território, proteção, assistência social, técnica e de saúde, sem interferir em seus hábitos, crenças e costumes".

Está, portanto, claro que os Xokleng têm direitos explícitos que lhes garantem a igualdade com os demais cidadãos do Brasil e de Santa Catarina. Além disso, eles têm alguns direitos a mais que lhes asseguram a proteção do Estado por sua condição de integrantes de um povo minoritário. Esta proteção deve ser simultaneamente exercida pelos governos federal, estadual e municipal[30].

A citação abaixo demonstra a angústia dos povos atingidos pela barragem norte diante da indefinição dos respectivos órgãos do governo federal e estadual:

> A FUNAI, o DNOS e outros responsáveis pela indenização causaram verdadeiras angústias na população da reserva. Durante sete longos anos (1976-1983), tudo eram indefinições com relação a critérios, valores e prazos de pagamento. Os problemas eram empurrados com a barriga. Fosse com relação à definição dos valores por família, ou à determinação das novas casas a serem construídas em lugar das atingidas pelo lago. Tais confusões provocaram inumeráveis lamúrias e queixas, com a conseqüente perda da confiança. Não só nos agentes do governo, mas nas próprias lideranças internas. Ainda em 1997, os índios tiveram de apelar para o uso da força, no sentido de conseguirem, junto ao governo federal, as prometidas indenizações[31].

Diante de toda essa indefinição e desinteresse dos órgãos públicos, os indígenas, na tentativa de chamar atenção para seus problemas, passaram a entrar em confronto com os colonos, invadindo limites do seu território, julgados por muitos como atitudes criminosas. Esses acontecimentos perduram até os dias atuais, tendo o seu auge nos anos 1990, que veremos adiante.

Segundo Dominique Pierre Faga, "esse clima de concessão e de quase total impunidade estimulou os índios a irem invadindo e cometendo ações que poderiam ser taxadas de criminosas, de gravidade cada vez maior[32]".

Durante a década de 80, várias publicações foram feitas, em vários jornais, sobre principalmente a devastação ambiental ocorrida na reserva e a falta de uma política séria por parte da FUNAI, deixando transparecer muita falta de atitude e desorganização. É o que denuncia o Jornal A Notícia.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> Novo clima de agitação voltou a se registrar na reserva Duque de Caxias, de Ibirama, motivados mais uma vez por problemas relacionados com a comercialização ilegal de madeira. A informação foi prestada na assembléia, pelo deputado Álvaro Correia (PMDB), quando disse que este e outros problemas daquela reserva se devem a uma 'falta de melhor orientação por parte da Funai (...) nos parece que a solução seria a Funai estabelecer uma nova e mais eficaz programação de assistência aos índios de Ibirama, orientado-os para outras atividades produtivas a fim de manter a sua subsistência[33].

Ainda neste contexto de desentendimentos, revoltas, indefinições e extração ilegal de madeira, que também o Jornal de Santa Catarina nos apresenta a seguinte matéria.

> Os índios da reserva indígena Duque de Caxias, em Ibirama, não estão dispostos a aceitar a intervenção do Estado na reserva. Nos últimos quatro meses, já conseguiram derrubar aproximadamente 12 mil metros cúbicos de madeira, segundo informou ontem o vice-cacique Vei-tschá Vanhaçu Téie. Eles estão devendo para comerciantes de Ibirama e Benedito Novo aproximadamente 300 milhões de cruzeiros e pretendem pagar com o produto da venda da madeira[34].

Na mesma reportagem, o cacique da aldeia, Véi-tschá, diz que a agricultura sempre foi a atividade primordial da sua comunidade, que não vê a madeira como se fosse só dinheiro, mas a precariedade da agricultura desenvolvida na reserva até pela limitação na ocupação das terras em função da área ser alagada pela barragem do DNOS, não dá condições de vida ao índio, tanto mais que ele descobriu um nível de vida civilizado, mais confortável, que quer manter.

Ainda em outra reportagem do Jornal de Santa Catarina, lemos que

> um grupo de líderes indígenas da reserva de Ibirama reuniu-se ontem de manhã no palácio Cruz e Souza, com o Governador Esperidião Amin e o secretário da agricultura Vilson Kleinubing, onde relatam os problemas que vêm enfrentando com o não cumprimento de promessas e acordos feitos pela Funai, envolvendo indenizações de áreas e corte indiscriminado de madeira na reserva, que possui mais de mil índios. Um dos líderes Antônio Caxias Popo, depois de elogiar o cumprimento do acordo feito com o DNOS, de indenização de parte da área da reserva inundada pela barragem de Ibirama, reclamou, porém, do não pagamento de valores que não soube precisar, também, de indenização da madeira localizada na parte coberta pelas águas. A Funai nos prometeu que isto seria pago, e nada foi cumprido,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> queixou-se o líder indígena. Segundo ele, a madeira seria utilizada na melhoria das novas casas dos índios que estão sendo construídas na nova área, para onde vão ser transferidos após a conclusão da barragem de Ibirama[35].

Conforme leituras e pesquisas nos jornais e documentos do decorrente período, o que nos parece é que os conflitos pelas terras, acabam ocorrendo por falta de um comprometimento maior por parte dos órgãos públicos, principalmente federais. O que vem a afirmar ainda mais esta posição é o Jornal O Estado que divulga a seguinte reportagem: "Ausência da Funai frustra reunião. Ausência de representantes da Funai impediu ontem, a realização, nesta capital, de uma reunião destinada a encontrar solução para os problemas dos índios da reserva Duque de Caxias[36]". E assim, entre tentativas de entendimentos, acordos, frustrações e sem rumo certo para uma definição, continuaram autoridades, índios e colonos. Como se pode perceber nas posteriores manchetes de jornais de Santa Catarina.

> Índios proibidos de cortar e vender madeira em Ibirama[37].
> Proibidas retiradas de madeira[38].
> Índios vão continuar explorando madeira[39].
> Intervenção em Ibirama é analisada na Assembléia[40].

Uma questão que merece destaque, que fala diretamente sobre a falta de uma política pública mais eficaz no que diz respeito à situação dos indígenas, é a que traz o depoimento do professor antropólogo e pesquisador Sílvio Coelho dos Santos que diz: "a questão indígena é uma questão política e está centrada na posição do Estado Brasileiro". O professor Silvio acrescenta que o Estado procura submeter os povos indígenas, transformando-os em mão-de-obra consumidora de bens. Segundo ele, essa política tem como única conseqüência o extermínio de populações que ainda resistem, tendo aniquiladas suas manifestações culturais, sua organização cultural e suas línguas[41].

A década de 1990 – o auge dos conflitos

Foi durante a década de 1990 que os conflitos pelas terras entre indígenas e colonos se agravou em 1998, resultando em conseqüências desastrosas. Devemos destacar aqui, a indefinição, desorganização e a falta uma atuação direta dos órgãos governamentais, quanto à demarcação de terras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A proteção da floresta e a repressão contra a destruição da reserva florestal, que deviam ser exercidas pelo IBDF[42] e pela FUNAI, teve um desempenho insatisfatório nas décadas de 80 e 90, que foram marcadas pela incompetência e corrupção[43].

Faz-se importante ressaltar que parte da madeira extraída da Reserva foi aprovada pelos órgãos oficiais competentes, que seria destinada à construção de residências para os índios, atingidos pela Barragem Norte, e que foram enviados grande parte para a Aldeia Bugio. O destino dessas madeiras, infelizmente, não foi proposto, mas sim foi destinado às empresas madeireiras da região.

O que acirrou ainda mais os conflitos refere-se à indenização das terras e benfeitorias realizadas pelos indígenas, situadas na área alagada da Barragem Norte (1978). O DNOS adiou o pagamento indenizatório por vários anos, sem que a FUNAI tomasse quaisquer medidas para apressar o andamento do processo ou questionar os valores estabelecidos.

Após levantamento superficial da situação do interior do território indígena da Reserva Duque de Caxias, começam a ser entregues, no início de 1999, algumas das 188 casas prometidas aos indígenas. Promessa essa, que até o momento não se realizou, juntamente com a falta de pagamento de indenização quanto às terras indígenas inundadas, da madeira existente nessas terras e das benfeitorias por eles realizadas.

Falando sobre isso, a professora Mônica Baruffi[44] afirma que a forma com que os Xokleng foram despejados na Aldeia Bugio foi desumana, isto é, "colocaram essas famílias em uma terra muito ruim, com areia e pedras, na qual não se consegue plantar nada, sem infra-estrutura alguma, uma situação que revolta".

Em quase todos os anos da década de 1990, foram registrados conflitos na área da Reserva Duque de Caxias, envolvendo a questão madeireira, a ampliação da área da Reserva (gerando conflitos com colonos da região), as indenizações por conta da construção da barragem, o fim do dinheiro que era obtido com a venda das madeiras e a perda da reserva florestal devido ao desmatamento indiscriminado.

Outra questão que veio a ter suas conseqüências nesse período foi o acordo de 1952, quando o Governo Federal reduziu o território indígena de Ibirama, vendendo os lotes para colonos da região. Agora indígenas passa-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

ram a reivindicar essas terras. Porém os colonos adquiriram suas terras legalmente, pagaram o preço correspondente, registraram as escrituras, vêm pagando os impostos normalmente.

Segundo Dominique Pierre Faga, a questão territorial começou em abril de 1995, quando o presidente da FUNAI baixou uma portaria (nº. 418) constituindo um grupo técnico com a finalidade de proceder a estudos preliminares com relação àquela área, relativamente a terras que teriam sido concedidas aos indígenas, pelo Estado, em 1926, e que estariam excluídas da atual área demarcada. Assim, inicia-se o processo nº. 2152/95, sendo publicado seu resumo em 11 de novembro de 1999. Para Dominique esse processo demonstra um clima de fraqueza e constante concessão perante a pressão dos índios[45].

Com essa portaria, todos os proprietários que receberam seus títulos do Governo do Estado, mediante pagamento, mesmo nas áreas que não estavam incluídas no acordo, vêem seus títulos perderem valor, sem haver nenhum processo legal e sem que fossem ouvidos.

Segundo Padre Dorvalino, os euro-colonos encontravam-se diante de uma Reserva Indígena em mutação. Em 1926, o governo do Estado reservou aos índios 20 mil hectares de terras. Em 1967, 40 anos após, o SPI demarcou-lhes 14.156 hectares. Mas em 1999, uma demarcação que se quer "originária", subiu os 14.156 hectares para 37.108 hectares em favor da Reserva. Uma bomba-relógio contra os euro-colonos.

Padre Dorvalino ainda acrescenta que pela negligência da União e pela usurpação jurídica do Estado, por sete decênios os indígenas foram injustamente privados de uma grande área que lhes pertencia por demarcação "originária", e que agora como conseqüência, os euro-colonos serão injustiçados pelo êxodo compulsório, ordenado por uma lei federal justa, porém tornada injusta diante desta situação[46].

Em 1997, "quando esteve na região outro grupo de trabalho dirigido por um antropólogo é que surgiu, no "imaginário indígena" a "consciência" de que a área de 6.000 hectares entre os rios Denecke e Prata era deles". E não só essa área, mas também o Bom Sucesso, parte da Forcação, a Serra da Abelha e outras localidades que os índios podiam reivindicar no futuro[47].

A conclusão do Laudo técnico garante aos indígenas a ampliação das terras da Reserva Duque de Caxias de 14.000 para 37.000 hectares, con-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

forme relatório da FUNAI publicado no Diário Oficial da União de 11 de novembro de 1999.

Toda essa confusão de direitos faz com que os colonos fiquem cada vez mais confusos, irritados e cada vez mais atentos contra uma possível invasão de suas terras escrituradas por parte dos indígenas, como nos mostra a matéria abaixo.

> Produtores do Alto Vale do Itajaí poderão perder terras com ampliação da reserva indígena Duque de Caxias. Mesmo com a decisão da Fundação Nacional do Índio (Funai) de enviar um grupo técnico (GT) para fazer o levantamento fundiário e demarcação das terras, os agricultores do município de Vítor Meireles, no Alto Vale do Itajaí, cujas propriedades farão parte da reserva indígena Duque de Caxias, garantem que não vão permitir a entrada. A alegação é que possuem escritura de seus imóveis, que foram adquiridos junto à Colonizadora Hanseática, que tinha autorização do governo para a venda e do extinto Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina (Irasc). A preocupação é que caso tenham realmente sair, o governo federal pagará a título de indenização apenas as benfeitorias realizadas[48].

Esse clima de concessão e de quase total impunidade estimulou os indígenas a irem invadindo e cometendo ações que poderiam ser taxadas de criminosas, de gravidade cada vez maior. Assim, além do corte e do roubo de madeira de reflorestamentos realizados à vista de todos, chegaram a prender em cárcere privado policiais militares. Isso por duas vezes. E os policiais, numa atitude que a população local não compreende, foram desarmados e presos passivamente. Os índios invadiram também as casas dos colonos da localidade de Bom Sucesso, ali permanecendo mais de seis meses, tendo roubado gado, criação de peixes etc. Queimaram uma casa e atiraram com arma de fogo em uma mãe de família que teimou em permanecer em sua casa. Até agora, não nos conta que tenham sofrido qualquer tipo de punição legal[49].

Aproximadamente 150 índios invadiram ontem de manhã uma área particular de 200 hectares de reflorestamento de pinus e por pouco não entraram em conflito com a polícia ambiental. O local fica a 30 quilômetros do centro do município de Doutor Pedrinho. Os índios cortavam e vendiam madeira para vendedores clandestinos abastecerem madeireiras de Santa Catarina e do Paraná[50].

Os moradores da vila de Bom Sucesso, entre Itaiópolis e Doutor

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Pedrinho, estão vivendo dias de intranqüilidade. O motivo é a migração cada vez maior de índios xoklengs, kaigangs e guaranis, da Reserva Indígena Duque de Caxias, para os limites da Aldeia Bugio, próximo à vila de Bom Sucesso. "Eles querem demarcar suas terras por conta própria, e estão ameaçando tomar as nossas casas, nossas lavouras e benfeitorias", conta o agricultor Reinvaldo Kunkel, 39 anos, que mora há 12 anos em Bom Sucesso e teme perder tudo[51].

Seguem algumas das diversas publicações sobre atuações de indígenas no decorrer dos anos da década de 1990.

> Índios fecham rodovia e fazem 10 policiais militares de reféns[52].
> Índios ocupam casa de colono[53].
> Índios voltam a explorar pinus de reflorestamentos[54].

Em resposta a estas atitudes dos indígenas os colonos também se revoltam, como podemos ver abaixo.

> Colonos se preparam para lutar pela terra[55].
> Colonos protestam contra índios[56].

Porém, diante desta difícil situação, analisando as várias notícias publicadas pelos jornais da região, percebe-se a falta de uma política séria, preocupada com a questão dos conflitos territoriais. O que deixa transparecer é um jogando o problema para outro e assim vai-se caminhando numa difícil tarefa dos colonos lutarem pelos seus direitos e os indígenas conseguirem a demarcação de seu antigo território.

Antônio Girardi, que foi prefeito de Doutor Pedrinho no período de maior auge dos conflitos (1997-2000), confirma que nem indígenas e nem colonos são culpados por esta situação de conflitos territoriais, mas sim são vítimas de um governo federal e estadual indeciso e desorganizado, sem interesse em resolver a questão.

Várias reportagens dos jornais comprovam a indefinição dos órgãos públicos em relação à demarcação das terras indígenas, como as que seguem.

Levantamento indica que parte da área hoje com os colonos deve ser devolvida. Funcionários da FUNAI esperam concluir até o final do mês a redemarcação fundiária da Reserva Indígena Duque de Caxias abrangendo os municípios de José Boiteux, Vitor Meireles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis...

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Biblioteca Pública Municipal Digital

a área indígena está calculada em 14 mil hectares e os Xoklengs reivindicam mais seis mil hectares. A indefinição da FUNAI na redemarcação de terras está deixando índios e colonos intranqüilos e em conflito[57].

> A indefinição da FUNAI frente às indenizações aos colonos, faz com que estes se mobilizem na tentativa de assegurar os seus direitos presentes na constituição brasileira[58] que diz: "ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o devido processo legal". Nem uma portaria da FUNAI, nem um Decreto do Presidente da República pode considerar nulo um título de propriedade devidamente inscrito no Registro Imobiliário. Este título somente pode ser anulado mediante um processo judicial, durante o qual deverá ser assegurado contraditório e a ampla defesa[59].
>
> O impasse na disputa por terras na localidade de Bom Sucesso, entre Doutor Pedrinho e Itaiópolis, deverá ser definido esta semana. A FUNAI divulgará na quarta-feira dia 28, o relatório sobre o reestudo que definirá se a Reserva Indígena Duque de Caxias deverá ser ou não ampliada. A expectativa dos Xoklengs é que a reserva seja ampliada em seis mil hectares, agregando partes das localidades de Alto Rio Forcação, Barra da Prata e toda localidade de Bom Sucesso. Já os colonos destas localidades estão se mobilizando para assegurar o direito sobre suas propriedades ou ao menos uma indenização justa[60].
>
> O Xokleng aguardam para hoje a chegada na Reserva Duque de Caxias do Antropólogo da FUNAI, Walmir Pereira, responsável pela conclusão do relatório, para a nova demarcação da reserva, que apresentará o resultado do documento à comunidade indígena. Os trabalhos foram concluídos e segundo a FUNAI está dentro do prazo. No entanto, o atraso na realização do levantamento por parte da FUNAI é apontado tanto pelos índios como pelos colonos como o principal motivo para o recente conflito na localidade de Bom Sucesso[61].

A cada dia, mês e ano que se passa, percebe-se cada vez mais a desorganização da FUNAI e do Governo Federal quanto à demarcação das terras indígenas da Reserva Duque de Caxias e aumenta ainda mais a frustração dos indígenas e colonos, como podemos ver nas reportagens abaixo citadas.

Como podemos observar, aqueles foram os anos de maior intensidade nos conflitos. De acordo com Antônio Girardi, a prefeitura tentava buscar alternativas para que não houvesse confrontos maiores entre indígenas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

e colonos, mostrando que nenhum dos lados tinha culpa de toda aquela situação, nem indígenas, nem colonos e nem a prefeitura, que ajudava "dando assistência (educação, saúde e transporte) aos indígenas e para os colonos (advogados), na tentativa de sempre assegurar os seus direitos pela terra[62] ".

Nova data para relatório sobre os limites deve demorar mais um mês. A divulgação do relatório que definirá os novos limites da Reserva indígena Duque de Caxias, no Alto Vale, foi adiada mais uma vez pela FUNAI[63] .

> A Fundação Nacional do Índio novamente deixou de comparecerá reunião com os índios da Reserva Duque de Caxias em Bom Sucesso, entre os municípios de Itaiópolis e Doutor Pedrinho, quando seria discutida a nova demarcação da reserva. O coordenador chefe do órgão, João Gilberto Pereira, esclarece que ainda não foi liberado o dinheiro por parte do governo federal para custear as viagens para a região. Na semana passada, a FUNAI já havia adiado por duas vezes o debate com a comunidade indígena para definir a conclusão do relatório que vai estabelecer a demarcação da nova área. Os Xokleng, que estavam decepcionados, pois já comemoravam a ampliação, agora estão revoltados com o órgão. O administrador regional João Gilberto manifesta preocupação com a possibilidade de os índios organizarem um conflito com os colonos para pressionar a FUNAI[64] .
>
> Clima fica tenso entre os Xoklengs e pode mudar o rumo das negociações. Mais uma vez a FUNAI frustrou os índios xokleng ao pedir novamente o adiamento para a conclusão do relatório que apura o real tamanho da Reserva Duque de Caxias[65] .
>
> A FUNAI mais uma vez adiou a divulgação do relatório sobre os novos limites da Reserva Indígena Duque de Caxias, no Alto Vale, onde vivem cerca de 1.800 índios xokleng. A previsão é que o relatório seja divulgado até o final do ano. Para pressionar a FUNAI a concluir o relatório, os indígenas Xokleng estão ocupando terras de madeireiros e colonos da localidade de Bom sucesso. O prefeito de Itaiópolis, Reginaldo Fernandez Luiz, preocupado com as condições,de mais de 35 famílias de colonos que deixaram Bom Sucesso, critica a demora da FUNAI. "Muitas pessoas estão morando de aluguel e esperam um definição para que possam voltar para casa ou ao menos receber uma indenização para poder comprar outro imóvel", disse.[66] .

Em nota à imprensa, a Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil[67] , da cidade de Mafra, comunica à sociedade em geral, que foi realizada no dia 18 de agosto de 1998, uma audiência pública, com o objetivo de iniciar um processo de debate e solução para o problema das invasões de terras que estariam sendo promovidas pelos indígenas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Contudo lamentaram, neste comunicado, a falta dos representantes do Ministério Público Federal, da FUNAI e dos demais órgãos envolvidos. Isto demonstra cada vez mais o desrespeito dos órgãos competentes à questão da demarcação das terras indígenas, para com a sociedade em geral, principalmente indígenas e colonos que tanto sofrem com a situação.

O resultado do laudo antropológico apresentado pelo Ministério Público (1999), concede aos indígenas as propriedades particulares existentes na localidade de Bom Sucesso, parte da localidade de Forcação, Barra da Prata, Denecke e região, onde estão localizadas quase 400 famílias.

> A Duque de Caxias passou de 14 mil para 37,1 mil hectares e decisão foi comemorada pelos índios Xokleng. ... A nova área demarcada pela FUNAI agregou parte dos municípios de José Boiteux, Vitor Meirelles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis[68].

Depois da publicação do resumo do laudo no Diário Oficial da União, em 11 de novembro de 1999 e da respectiva portaria do Presidente da FUNAI dando-lhe aprovação, os indígenas passaram a se sentir donos das terras vizinhas, sobretudo das mais ricas em reflorestamento de pinus, como também das que possuem mais benfeitorias. É o que demonstram algumas das diversas reportagens.

Diante dessa situação, os colonos, que possuem terras na área da demarcação do território indígena, sentem-se cada vez mais apavorados, frente à indefinição dos órgãos do governo quanto a esta questão.

Em determinado momento, a FUNAI diz que esses colonos seriam ressarcidos pelas terras e por suas benfeitorias, e em outro momento são informados que somente receberão pelas benfeitorias realizadas na terra. Abaixo temos uma nota de esclarecimento redigida por Walmir da Silva Pereira, antropólogo da FUNAI datada em 23 de junho de 1998.

> (...) no que diz respeito à afirmação "os colonos serão indenizados pela FUNAI somente pelas benfeitorias construídas" publicada pelo Jornal de Santa Catarina (edição 22/07/98) é necessário registrar que o jornalista elidiu minha afirmação principal, a saber: além da indenização pelas benfeitorias construídas, os colonos têm por lei direito a reassentamento. Tal reassentamento deve ser promovido por órgão fundiários das esferas federal e estadual e não pela FUNAI. Esta foi minha afirmação integral.

Porém, já no dia 07/07/1998, em publicação do Jornal A Notícia, o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau/SC.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

administrador regional da FUNAI, João Gilberto da Silva Nogueira, adianta que os colonos serão indenizados somente pelas benfeitorias construídas sobre as terras indígenas. E ainda a mesma matéria diz que: a indefinição da FUNAI na redemarcação está deixando índios e colonos intranqüilos e em conflito.

Em entrevista ao Jornal de Santa Catarina, o presidente da FUNAI, Sulivan Silvestre afirmava que seria

> feita uma avaliação das benfeitorias, posteriormente haverá um julgamento e se os posseiros forem considerados de boa fé receberão o valor referente as suas benfeitorias. A FUNAI não pagará pelas terras se elas forem reconhecidas como tradicionais dos índios. Iremos garantir também o reassentamento dos colonos que estavam dentro das áreas indígenas[69].

O Jornal de Santa Catarina[70] pergunta ao senhor Sulivan Silvestre se ele concorda que a FUNAI se omitiu durante anos do atendimento aos índios Xoklengs do alto vale do Itajaí. Sulivan responde que faz parte do conceito geral que o Sul não têm índio, que só existe índio na Amazônia. Um pouco deste conceito prejudicou a ação da FUNAI na região Sul, deixando algumas tribos sem assistência ideal. Ele ainda acrescenta que não houve uma omissão, mas uma ação menos eficaz no Sul do que em outras regiões do país, até porque aqui o índio já está mais integrado ao ambiente urbano, nas periferias e envolto pela miséria brasileira.

A questão da demarcação das terras da Reserva Indígena Duque de Caxias fez com que pela primeira vez desde a criação da FUNAI, com que seu presidente nacional, Carlos Frederico Marés de Souza Filho, estivesse na reserva em fevereiro de 2000, na qual ficou confirmado o direito dos indígenas a mais uma porção de terras, aumentando sua área de domínio e possibilitando-lhes alcançar, com mais facilidade, o seu sustento através do uso da terra. E foi prometido aos colonos que estes seriam indenizados pelo Governo Federal.

Atualmente, a situação da demarcação das terras indígenas caminha a passos lentos. Quanto ao aumento da extensão das terras da Reserva Duque de Caxias está sendo discutido judicialmente na cidade de Joinville, sem chegar a nenhum acordo até o presente momento.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Considerações finais

Como podemos perceber, desde sua colonização, a cidade de Doutor Pedrinho, no que diz respeito à relação indígenas e imigrantes italianos e alemães, inicialmente tentou-se viver na passividade, porém com o passar dos anos, juntamente com o despertar dos interesses econômicos cada vez mais acentuados, foram surgindo diversos conflitos de intensidade e proporção cada vez maiores. Inicialmente, por questões sociais, contatos e cultura, e posteriormente por questões principalmente econômicas, terras e extração de madeira.

A disputa de terras foi sempre o foco principal dos conflitos entre os dois grupos, porém foi dando abertura a outros acontecimentos como: extração ilegal de madeira, invasões a residências, conflito armado.

O confinamento dos indígenas na Reserva Duque de Caxias foi sempre motivo de discussões, devido ao limite de seu território.

A construção da Barragem Norte foi, sem dúvida, o estopim para os levantes armados entre indígenas e colonos. A busca de um maior desenvolvimento e bem-estar para os não indígenas trouxe conseqüências desastrosas para o povo Xokleng, que tiveram grande parte de seu fértil território tomado pelas águas da barragem norte. Com isso foram divididos, e muitos "empurrados" para a Aldeia Bugio, limite com o município de Doutor Pedrinho, num local onde é difícil plantar devido ao solo nada fértil, sem que fossem questionados quanto as suas vontades. Foram muitas as tentativas por parte dos indígenas de impedirem a construção da barragem, porém a idéia de "rumo ao progresso e desenvolvimento" dos não indígenas sempre ecoou num brado mais retumbante.

E diante de todos estes conflitos, discussões, desentendimentos e revoltas, qual foi a posição dos órgãos públicos, tanto em nível municipal, estadual e federal? Ineficiência e omissão.

É esta problemática que procurei apresentar como sendo a principal causa desses conflitos virem ocorrendo até o presente momento: a falta de uma política pública correta, que garantisse efetivamente os direitos dos indígenas e colonos.

A omissão dos órgãos responsáveis por toda a questão vigente sempre foi muito explícita. Basta ver os documentos e reportagens citados no

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

decorrer deste trabalho, demonstrando a falta de interesse em resolver a situação. Além disso, para piorar a situação, há indícios de funcionários do governo participarem de desmatamentos ilegais dentro da Reserva Indígena e na região de Doutor Pedrinho. Faz-se necessário ressaltar a incompetência e desorganização do governo federal, quanto à problemática da demarcação de terras e conseqüentes disputas. Isento, de certa forma, a administração municipal da cidade de Doutor Pedrinho, pois pude concluir que esta ficou no meio de um fogo cruzado, entre a indecisão dos órgãos federais e o conflito entre indígenas e colonos, numa espera desgastante. Os representantes da cidade de Doutor Pedrinho sempre tiveram que esperar decisões do governo federal e servir de intermediador nas decisões do mesmo.

Fica bastante evidente a ineficiência do governo federal quanto à demarcação das terras indígenas e os conflitos gerados por ela, quando vimos que ainda hoje, quando décadas se passaram, indígenas ainda não foram indenizados pelas terras perdidas pela barragem norte, promessas não cumpridas e acordos não efetivados, como o de construção das casas para todas as famílias indígenas que tiveram que deixar suas casas e território na área atingida pela barragem norte.

Os interesses da sociedade do Vale do Itajaí historicamente vêm estimulando a exploração econômica devastadora da Reserva Duque de Caxias. Os impasses registrados no cotidiano das relações antagônicas entre índios e demais habitantes da região, como se viu, foram intensificados a partir de 1960 e exacerbados nas décadas seguintes e, ao que tudo indica, não serão resolvidos sem a união dos que esperam uma sociedade pautada na dignidade humana e na busca de um ideal comum aos grupos étnicos que compõem a sociedade regional – a qualidade de vida com um ambiente natural saudável, sustentável para a atual geração e às que virão[71].

Assim, indígenas e colonos tornaram-se vítimas, enganados, apavorados e desorientados, por uma falta de política pública que realmente defendesse seu real problema: a demarcação do território indígena e uma indenização justa aos colonos, não só pelas suas benfeitorias, mas também pelas suas terras, escrituradas e compradas de outros colonos ou do próprio governo federal.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Segundo Antônio Girardi, a cidade como um todo estava perdida e a prefeitura tentava administrar a desorganização dos governos federal e estadual, a falta de comprometimento maior com a questão vigente.

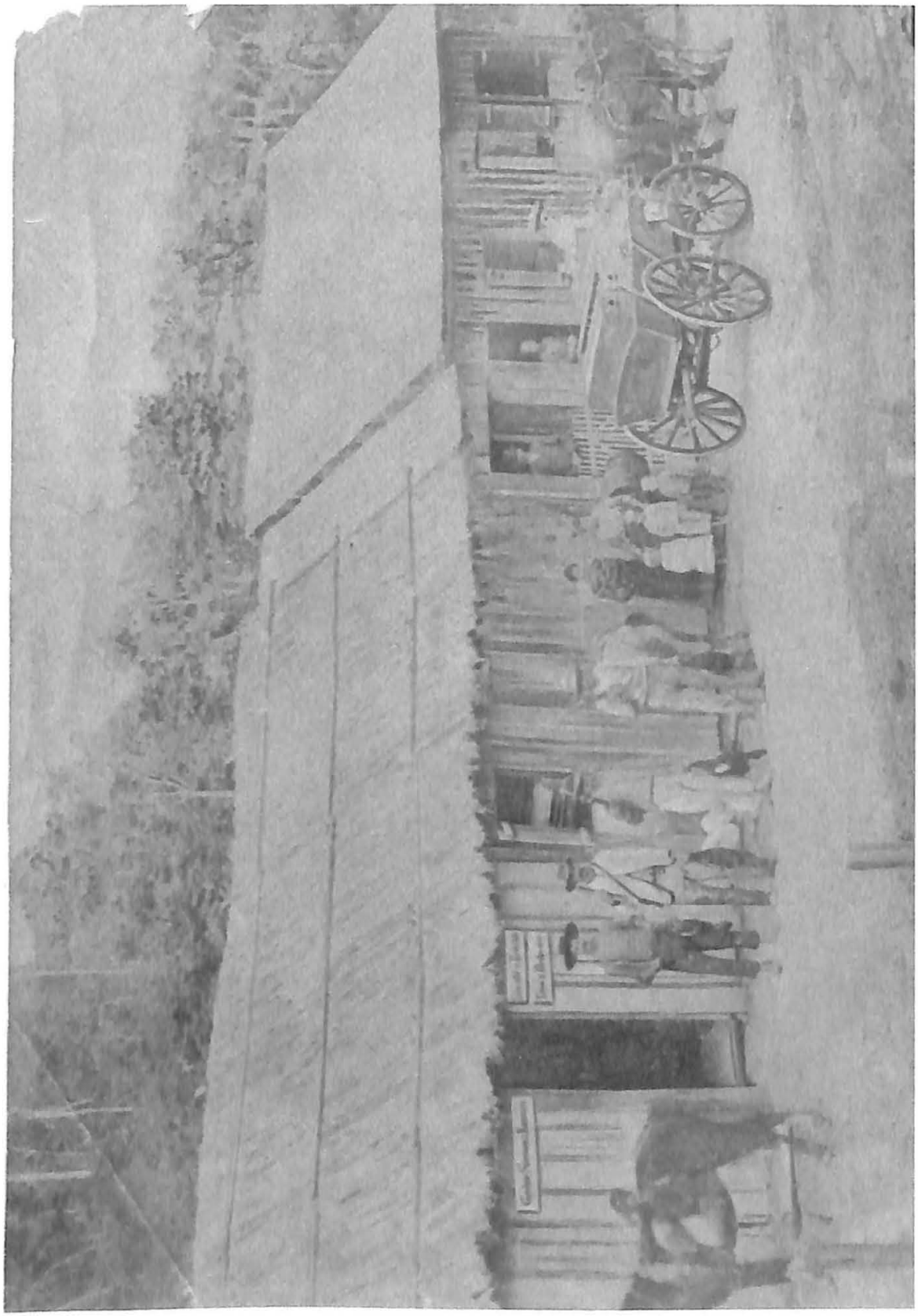
Os governos davam ordens, e nós tínhamos que de qualquer maneira tentar segurar a bomba que estava sempre prestes a explodir. A meu ver, realmente sempre faltou uma política pública que se interessasse em resolver de forma justa, tanto para indígenas quanto para colonos, esta questão do conflito de terras. Por isso que os indígenas, cansados com a situação, começaram a invadir terras dos colonos e entrar em conflito, para que desta forma conseguissem chamar a atenção dos órgãos responsáveis pela situação[72].

Tudo isto gerou um pavor muito grande, por exemplo, nas famílias dos colonos. Tentavam se defender como podiam, pois tinham animais mortos, plantações destruídas, madeiras cortadas ilegalmente. E mais a indecisão do governo fazia com que ficassem ainda mais apavorados, pois tinham em mente que a qualquer momento teriam que sair das suas terras[73].

Devo ressaltar, num último momento, que esta pesquisa não pode ser dada como conclusiva, porém deverá servir de estímulo a outros que estão interessados na discussão e posterior resolução deste problema em favor dos que moram aqui desde que suas terras foram invadidas e por aqueles que buscaram de uma forma ou outra o bem estar de seus descendentes.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau - SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



A foto registra um grupo de imigrantes chegando na região da Colônia Hansa-Hamonnia. Início do séc. XX.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

NOTAS DE FIM

3 De tradição lingüística jê, os Xokleng também foram denominados Botocudos, Aweikoma e Xokren. Caçadores e coletores, sua dieta alimentar provinha basicamente do pinhão. Suas casas eram abrigos simples e provisórios, assim como os utensílios domésticos, pequenas panelas de barro e cestos de taquara.

4 SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Os índios xokleng**: memória visual. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997, contracapa. Entrevista feita com cacique Aniel Priprá em 1997.

5 KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias Euro-Xokleng e contexto**. Brusque: Pallotti, 2002: 226.

6 KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias Euro-Xokleng e contexto** ... 2002: 96, citando frase de João José Coutinho.

7 Fundação Nacional de Assistência ao Índio.

8 MÜLLER, Sálvio A. **Opressão e depredação**: a construção da barragem de Ibirama e a desagregação da comunidade indígena local. Blumenau: Editora da FURB, 1987: 89.

9 KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias Euro-Xokleng e contexto** ... 2002: 249.

10 Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Benedito Novo.

11 **Histórico de Doutor Pedrinho**. Disponível em:< **http://hermes.ambiente.com.br/vale/dp.htm** >Acesso em 09 nov. 2005. Forcação é uma localidade do município de Doutor Pedrinho, na qual faz parte da demarcação das terras indígenas, local de muitos conflitos.

12 **Histórico de Doutor Pedrinho** ...

13 Arquivo Histórico da Prefeitura de Benedito Novo.

14 ROZA, Ignez Maria Baruffi. **Pioneiros desbravadores de Forcação**. Blumenau: Editora Otto Kuhr, 1997: 9-10.

15 ROZA, Ignez Maria Baruffi. **Pioneiros desbravadores de Forcação** ... 1997: 18.

16 Serviço de Proteção ao Índio.

17 Inicialmente denominada Posto Indígena Duque de Caxias, foi criada pelo chefe do governo catarinense, Adolfo Konder, em 1926, que destinou aos Xokleng uma área de 20.000 hectares. Em 1965 foi oficialmente demarcada com 14.156 hectares e em 1975 recebeu o nome de Ibirama. O território indígena de Ibirama está localizado em quatro municípios, José Boiteux, Victor Meirelles, Doutor Pedrinho. Cerca de 70% da área está dentro dos limites de José Boiteux e Doutor Pedrinho.

18 **Xokleng**. Disponível em < www.socioambiental.org/pib/epi/xokleng/loc.shtm >Acesso em 14/01/2006.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

19 Ainda hoje o processo de indenização aos Xokleng, pela inundação de parte da TI não avançou; também não houve a construção total de casas, pontes e estradas prometidas pelo governo. Na TI Ibirama já não se pratica a agricultura e a caça é rara. A pesca serve como suplemento alimentar, junto a alimentos comprados.

20 **Xokleng** ...

21 Laudo Antropológico de Identificação e Delimitação de Terra de Ocupação Tradicional Xokleng, realizado pelo Ministério da Justiça, Brasília, 1998: 26.

22 Laudo Antropológico de Identificação e Delimitação de Terra de Ocupação Tradicional Xokleng ... 1998: 26.

23 Laudo Antropológico de Identificação e Delimitação de Terra de Ocupação Tradicional Xokleng ... 1998: 36.

24 Laudo Antropológico de Identificação e Delimitação de Terra de Ocupação Tradicional Xokleng ... 1998: 36.

25 GOULART, Maria do Carmo e FRAGA, Nilson César. **Vale dos índios, Vale dos imigrantes**. Blumenau: Editora Cultura em Movimento, 2000: 31.

26 GOULART, Maria do Carmo e FRAGA, Nilson César. **Vale dos índios, Vale dos imigrantes** ... 2000: 35.

27 GOULART, Maria do Carmo e FRAGA, Nilson César. **Vale dos índios, Vale dos imigrantes** ... 2000: 38.

28 Departamento Nacional de Obras e Saneamento.

29 SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Os índios xokleng** ... 1997: 117.

30 SANTOS, Silvio Coelho dos. **Os índios Xokleng** ... 1997: 116.

31 KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias Euro-Xokleng e contexto** ... 2002: 247.

32 FAGA, Dominique Pierre. **Índios**: as invasões perante o direito brasileiro. São Paulo: Editora Diário das Leis, 2001: 26.

33 Jornal A Notícia, **Joinville**, 06 set. 1984, p. 3.

34 ÍNDIOS não aceitarão a interferência do Estado. Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 05 dez. 1984, pp. 1-3.

35 Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 13 dez. 1984, p. 3.

36 Jornal O Estado, **Florianópolis**, 13 dez. 1984, p. 13.

37 Jornal O Estado, **Florianópolis**, 14 dez. 1984, p. 6.

38 Jornal A Notícia, **Joinville**, 14 dez. 1984, p. 7.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

39 Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 14 dez. 1984, p. 3.

40 Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 27 mar. 1985, p. 10.

41 Jornal O Estado, **Florianópolis**, 19 abr. 1985, p. 14.

42 Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal.

43 GOULART, Maria do Carmo e FRAGA, Nilson César. **Vale dos índios, Vale dos imigrantes** ... 2000: 104.

44 Professora na cidade de Doutor Pedrinho, que realizou pesquisa na Aldeia Bugio para sua dissertação de Mestrado em Educação intitulada O sentido de escola para os Xokleng (entrevista concedida ao autor Fernando Luiz dos Santos em 20/01/2006).

45 FAGA, Dominique Pierre. **Índios** ... 2001: 25.

46 KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias Euro-Xokleng e contexto** ... 2002: 250.

47 FAGA, Dominique Pierre. **Índios** ... 2001: 29.

48 AGRICULTORES resistem às demarcações. Jornal A Notícia, **Joinville**, 05 fev. 2004.

49 FAGA, Dominique Pierre. **Índios** ... 2001: 26.

50 ÍNDIOS invadem área de preservação ambiental. Jornal A Notícia, **Joinville**, 19 jun. 1997.

51 ÍNDIOS e colonos entram em conflito. Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 03 jul. 1998.

52 Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 21 jul. 1998.

53 Jornal A Notícia, **Joinville**, 29 jul. 1998.

54 Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 30 jul. 1998.

55 Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 07 ago. 1998.

56 Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 17 out. 1998.

57 FUNAI anuncia novos limites indígenas. Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 07 jul. 1998.

58 Constituição Federal, 1988, art. 5º LIV.

59 Constituição Federal, 1988, art. 5º, LV.

60 FUNAI acaba com impasse esta semana. Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 25 e 26 out. 1998.

61 FUNAI deve apresentar hoje relatório a índios. Jornal A Notícia, **Joinville**, 28 out. 1998.

62 Antônio Girardi ...

63 FUNAI adia a divulgação do reestudo da reserva. Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 31 out. 1998.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

64 FUNAI falta a encontro com indígenas. Jornal A Notícia, **Joinville**, 04 nov. 1998.

65 FUNAI adia conclusão de relatório e irrita índios. Jornal A Notícia, **Joinville**, 06 nov. 1998.

66 ESTUDO da reserva volta a ser adiado. Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 20 nov. 1998.

67 Documento do Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Doutor Pedrinho.

68 RESERVA indígena é ampliada. Jornal A Notícia, **Joinville**, 1999.

69 Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 16 e 17 ago. 1998, p. 6b.

70 Jornal de Santa Catarina, **Blumenau**, 16 e 17 ago. 1998, p. 6b.

71 GOULART, Maria do Carmo e FRAGA, Nilson César. **Vale dos índios, Vale dos imigrantes** ... 2000: 104.

72 Antônio Girardi ...

73 Antônio Girardi ...

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O primeiro crime de morte de Blumenau e um livro interessante

José Ferreira da Silva[1]

Artigos

Blumenau é uma terra de gente pacífica. De gente que procura resolver, da melhor maneira possível, os seus problemas. De gente cordial, que vive bem consigo mesma e que procura viver bem com os outros. Se isso é, realmente, o que acontece agora, imaginem o que seria há pouco mais de cem anos atrás, quando a nossa cidade não era mais que uma simples aldeia, com uma dezena de casas, sem igreja, com duas escolas apenas e uma única rua, a nossa atual rua das Palmeiras.

Naquele tempo, os moradores andavam na franca camaradagem, vivendo em comum as suas dores e suas alegrias.Todos se conheciam e se davam bem. Raramente acontecia alguma desinteligência que redundasse em fatos em que a polícia, ou a justiça tivessem que intervir. Calculem, pois, quantos comentários e quão forte impressão causou à população blumenauense, quando, num dia de maio de 1864, explodiu, como uma bomba, a notícia do assassinato de um oficial húngaro, tempos antes chegado a Blumenau.

BLUMENAU em Cadernos

[1] Este texto foi publicado no Jornal de Santa Catarina em edição especial de domingo na coluna História (1º e 2 de outubro de 1972.p.2).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

E, não fora um assassinato qualquer. A coisa tinha sido bárbara. Primeiramente foi encontrada a mão decepada, boiando nas águas do rio Itajaí, nas corredeiras do Salto Weissbach. Depois encontraram a cabeça e as pernas, também separadas do corpo. Foi um deus nos acuda!

Afinal, de indagação em indagação, veio, a saber-se que se tratava do Dr. Miguel Klempa que, juntamente com outros cinco imigrantes húngaros, havia se estabelecido em Blumenau poucos meses antes. Esses húngaros eram revolucionários, imigrados na Itália, onde aguardavam a hora de agir na defesa dos ideais de libertação da sua pátria. A Hungria, por aquele tempo, vivia sob pressionante ditadura militar e as tentativas de levante sucediam-se continuamente. E, quando eram sufocadas, ai dos que nelas estivessem envolvidos! Assim, os que podiam escapar não perdiam tempo e os lugares mais seguros estavam, justamente, deste lado do Atlântico. Assim, aconteceu que aqueles seis húngaros, no principio de 1864, vieram bater com os costados na nascente da colônia do Dr. Blumenau. Devem ter adquirido lotes pelos lados do Ribeirão Branco e Passo Manso, por onde andavam as medições da Colônia e a localização dos imigrantes que iam chegando.

O Dr. Blumenau registra, assim, o acontecimento, no seu relatório do citado ano:

> *"No mês de maio, foi bárbara e traiçoeiramente assassinado o Dr. Miguel Klempa que, com mais cinco outros imigrantes húngaros, antigos oficiais dos exércitos revolucionários da Hungria e da Itália, poucos meses antes haviam chegado. O infeliz foi, provavelmente assassinado no sono, o corpo despedaçado e deitado no rio, onde, com muitos esforços, finalmente, se encontraram a cabeça e outras partes. Acha-se indigitado e em processo, o antigo camarada d'armas do assassinado, Estevam Geöcze de Szendröe"..*

Andamos à cata do processo que, segundo essa informação, fora instaurado, naturalmente em Itajaí, onde já havia juiz municipal e a cuja jurisdição pertencia o território da colônia blumenauense. Até agora, entretanto, sem qualquer resultado positivo. É possível que, em virtude de algum recurso, ou apelação, os autos tenham sido enviados à superior instância e se encontrem ainda no arquivo do Tribunal de Justiça do Estado. Sobre este bárbaro crime, o Ministro da Suíça, no Rio de Janeiro, J.J.von Tschudi, narrando a sua visita a Blumenau, consigna em nota publicada no seu livro " Reise durch Sud-Amerika", o seguinte:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

No ano de 1864, vieram para Blumenau cinco húngaros" (o Dr. Blumenau fala em seis) "antigos Kossutianos" (kossutianos eram chamados os partidários de Luís Kossuth – 1802/1894 – que encarnou o movimento que transformaria a Hungria Imperial em país constitucionalizado) "para ali estabelecerem. Dentre eles um certo Dr. Miguel Klempa conquistara a confiança e o respeito de quantos o conheciam pela sua nobre educação e pela sua franqueza. Algumas semanas depois , ele voltou ao seu solitário rancho, cerca de seis horas rio acima, depois de uma visita à sua esposa que permanecera em Blumenau. Ele compartilhava esse rancho com um patrício seu, a quem havia pouco, ele recolhera por compaixão, de Stephan Geöcze de Szendröe, ex-tenente dos insurretos húngaros. A 19 de maio, Geöcze veio a Blumenau com a noticia de que o capitão Klempa desaparecera havia dias. Todas as buscas resultaram infrutíferas. A 25 de maio, um ajudante de agrimensor divisou um objeto branco sobre uma pedra, no meio do rio, pouco distante do rancho de Klempa. Foi até lá de canoa e verificou que se tratava de uma mão de homem decepada. Os agrimensores, horrorizados, passaram a pesquisar por perto e descobriram outras partes cortadas de um cadáver. A polícia então passou a dar minuciosas buscas, de canoa, pelas margens e, por fim, encontrou também a cabeça de Klempa, barbaramente assassinado. Bem abaixo do olho direito verificou-se um ferimento à bala, ao redor do qual a pele estava chamuscada de pólvora, prova de que o tiro fora dado à queima-roupa. Fortes suspeitas caíram sobre o Tenente Stephan Geöcze como sendo o autor dessa horrorosa morte. Ele foi logo preso e levado para Blumenau".

Adianta, ainda, o ministro Von Tschudi que, conforme ele soubera depois, o indigitado assassino fora condenado no primeiro júri por 9 dos 12 votos. No segundo, foi absolvido por falta de provas. Os agrimensores a que acima se fazem referências foram os da turma de Teodoro Kleine que, mais tarde, também fez uma descrição do crime e do tétrico achado, num periódico do Rio Grande.

Mas, o que há de curioso em todo esse episódio, ao que tudo indica um crime passional, foi que, ao ser absolvido no segundo julgamento, o indigitado assassino regressou a sua pátria e, ali, escreveu um livro curioso, em dois volumes, sobre sua vinda ao Brasil, as aventuras aqui vividas, contando coisas interessantes, algumas fantásticas, outras exageradas e também algumas inverdades sobre o Brasil e Blumenau. Chegamos ao conhecimento dessa obra através da gentileza do culto e extraordinário pesquisador, o Dr. Abeillard Barreto, do Rio de Janeiro.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Intitula-se o trabalho de Geöcze István (Estevam Geöcze) "Utazás Brasiliaba es Vissza" ("Viagem ao Brasil e regresso").

O primeiro volume tem 171 páginas e narra a viagem de Gênova ao Rio de Janeiro, descrevendo pontos pitorescos e curiosidades da ex-capital brasileira. Há muitos exageros nas suas apreciações. O último capítulo narra a viagem do Rio a Santa Catarina.

O segundo volume, de 179 páginas, é quase todo dedicado à estada do autor em Santa Catarina e em Blumenau. Conta da sua chegada a Itajaí, o trajeto a cavalo e a pé desta povoação até Blumenau, exagerando consideravelmente as coisas e os acontecimentos. Até uma jibóia ele diz ter encontrado no caminho, digerindo a presa que acabara de engolir. Mas o estranho é que não conta nada dos seus companheiros, nem dos motivos de sua vinda a Blumenau e, muito menos, do crime em que se viu envolvido.

Trata-se de um livro que muito de perto nos diz respeito e, quase ignorado, é de singular valor para a bibliografia catarinense. Graças, ainda, à extraordinária persistência e à abnegada dedicação do Dr. Abeillard Barreto, conseguimos, também muitos dados biográficos de István Geöcze de Szendröe.

Este nasceu em 25 de julho de 1836 em Bacska, no condado de Zemplen, na Hungria e nunca fora soldado das tropas imperiais. Antes, foi primeiro-tenente da legião Ítalo-húngara que combateu as forças imperiais e, pelo ajuste de 1867, foi licenciado como primeiro-tenente de infantaria de milícia do reino da Hungria István. Veio, com outros companheiros, para Blumenau, vendo-se aqui envolvido no assassinato do Dr. Klempa.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

26, 700
FICHADO
10
BIBLIOGRAFIA
FICHADO

UTAZÁS

BRAZILIÁBA

ÉS VISSZA.

IRTA

SZENDRŐI GEŐCZE ISTVÁN.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
Dr. FRITZ MUELLER
ANULADO

II. KÖTET.

PEST,
LAUFFER VILMOS KIADÁSA.
1870.

Folha de rosto do livro de Szendröe - 1870.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

menau, az úgynevezett városhely, — maga a gyarmat azonban, melynek nagyobb része még ki nem irtott őserdőkből áll, az Itajahy folyam mindkét oldalán, valamint a Rio Testo és Rio Benedicto mellékfolyók partjain, több négyszög mértföldnyi terjedelmű.

A gyarmat alapítója a braunschweigi származású Blumenau jogtudor, ezelőtt mintegy 19 évvel telepedett meg e rengeteg erdőségben, néhány rokona és barátjával.

A népesség, mely ma már 3000-hez közel jár, eleinte csak lassan lassan növekedett. — 1864-ben már néhány ezer hold volt kiirtva s részben megmívelve, Blumenau gyarmat városi jogot nyert, s azon kiváltságban részesült, — hogy határában rabszolgát tartani nem szabad, nehogy az által a földmívelés és a munka versenyét, egyes gazdagabb rabszolgatartó birtokosok gátolhassák.

Ott ugyanis, hol sok rabszolga tartatik, a szegényebb néposztály még napszámhoz sem juthat, mivel a munkaadó gazdagabb birtokosok minden dolgot rabszolgáikkal végeztetnek. Ez az oka annak, hogy Braziliában a

Ilustração de uma página do livro comentando sobre a Colônia Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A curiosa viagem do Assecurateur

Niels Deeke[1]

Biografia

E a saga imigratória de Jens Jensen

"Consoante relatos contidos nos raros e esparsos apontamentos da Família Jensen, Rudolf Wilhelm Harro Jens Jensen, foi criado em Pellwormilha do Mar do Norte, onde além da pesca, apreendeu a arte da "Navegação à Vela" com o seu pai, Niklaus Johannes Jensen, e como este é citado na certidão de nascimento do filho, na qualificação de alfaiate, certamente, foi, na realidade, artífice da confecção "Panos de Vela"- corte e costura, para utilização nas embarcações, onde o "velame" era o único propulsor dos navios naquela época. R.W. H. Jens Jensen ingressou na marinha mercante em 1863, e em 1865 fazia parte da tripulação do portentoso Veleiro de três mastros o "Assecurateur" (houve pioneiros Jensen que afirmaram possuir quatro mastros, porém realmente três, conferência procedida por Niels Deeke junto à replica do Veleiro, em miniatura, ainda existente em poder da Família Jensen), pesado navio de 695 toneladas, cujo porto de registro certamente foi "Lübeck" ou quiçá

1 Textualização de Niels Deeke. Excerto extraído da Crônica Genealogia da Família Jensen. Elaborada por Joana Jensen Deeke e Niels Deeke.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Kopenhagen", pois em Hamburgo e Bremen não foi encontrada a inscrição de sua matrícula, malgrado as exaustivas buscas procedidas (obs. : Posteriormente Niels Deeke encontrou os dados deste navio : fabricado em Danzig e matriculado no ano de 1874 em Youghal (West of Cork) Irlanda, em nome Richard Farrell. Captn R.H. Sheehan).

Existe uma referência ao veleiro "Assecurateur", que alguns grafaram erroneamente " AssecuraDeur, no livro "História de Joinville- Subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca" – autor Carlos Fiscker – edição 1965. Página: 237 .

> *" O caso torna-se tanto mais incompreensível ao saber-se que o Duque de Aumale pretendia aumentar consideravelmente a produção da "Fazenda Poço de Cortume", com a aquisição de nova maquinaria na França, encontrando-se já embarcado a bordo do " Veleiro Assecuradeur" (aqui grafado com a letra " d").*

Supõe-se, também, que o pesado equipamento em ferro fundido constituído de peças de moagem e de caldeira a vapor destinados em D. Francisca ao Duque de Aumale, fosse proveniente da Bélgica ou da França, e se efetivamente desses países procedesse a maquinaria, então mais ainda seria corroborada a hipótese do transporte de canhões, vez era justamente de lá que Francisco Solano Lopes abastecia-se de material bélico. Possivelmente antes de aportar em Hamburgo, onde completou a carga e embarcou somente 72 passageiros, atracou em porto belga ou francês para embarcar as peças de aço usinado, quando o material bélico, quiçá fabricado pelo mesmo fornecedor da Usina, foi o primeiro a ser colocado nos porões do Assecurateur.

O veleiro Assecurateur é citado como chegado em maio de 1865 ao porto de São Francisco do Sul, trazendo a maquinaria referida, que na realidade tratava-se de grandes e pesadas peças de ferro fundido para a Usina de Açúcar. Há controvérsias quanto ao mês de chegada do navio ao porto de S. Francisco. Carlos Ficker refere-o aportado em maio, entretanto Niels Deeke nas suas pesquisas junto ao Arquivo Histórico de Joinville comprovou ter o navio saído de Hamburgo a 26/4/1865 e chegado em 23 de julho

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de 1865 em São Francisco do Sul. Foi seu capitão O. Sellmer e da relação não consta qualquer portador do patronímico "Kay", portanto contrariamente às informações transmitidas até a exaustão - como reais e verdadeiras - por todos os descendentes na família Jensen. Niels Deeke, com fundamento nas informações verbais que, nos anos de 1959, ouviu, acerca do inusitado ingresso de "Jensen" na Colônia, contado por seu pai Hercílio Deeke, o qual, em 1948/49, rebuscara, a exaustão, os antigos registros públicos, objetivando selecionar material fornecedor de subsídios históricos para o Frei João Capistrano Binder, encarregado da coordenação literária dos autores para a composição do Livro do Centenário de Blumenau-1850-1950, e tendo também ouvido, por volta de 1979, principalmente através de sua tia Christiana Elisa Deeke Barreto, pessoa esta que teve a oportunidade de compulsar, por longos anos, os documentos históricos no período em que foi titular do Arquivo Histórico de Blumenau de 1948-1965, documentos que infelizmente foram perdidos no incêndio da Prefeitura Municipal de Blumenau, ocorrido às 22,15 horas do dia 08/11/1958, quando também todo o acervo do dito "arquivo público" foi destruído, e, auscultada esta última, sua tia, com fulcro naqueles documentos, transmitiu, entre outros informes, genericamente, o seguinte: « "Em 1865, pelo sr. Hermann Wendeburg, então no exercício da direção da Colônia, pois o Dr. Blumenau viajara à Europa em fins de 1864 donde só retornaria em fins de 1869, foi tomado o depoimento do "marinheiro" R.W. H. Jens Jensen que, chegando à Colônia Blumenau, foi "detido" e teve apreendida e confiscada toda a mercadoria que trazia consigo, em virtude de "denúncia crime formal" prestada no dia anterior pelo 1º Imediato de Comando do veleiro "Assecurateur". Constavam dos termos da "denúncia" feita pelo 1º Imediato, a acusação de "deserção" do marinheiro Jens Jensen, além da alegação de "furto" de objetos de bordo e valores em prata pertencentes à "oficialidade" do navio. O original deste documento, com as assinaturas do 1º Imediato e do Sr. Wendeburg, encontrava-se, ainda em 1958, no Arquivo da Prefeitura de Blumenau, donde se deduz que os denunciantes levaram uma cópia do manuscrito para bordo do "Assecurateur" quando, após três dias de buscas,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

não puderam encontrar o "marinheiro- desertor" na Colônia Blumenau e, retornando com os dois escaleres para bordo do "Assecurateur", seguiram viagem para países da Bacia do Prata, que tinham como destino para a pesada carga dos porões do navio. Supõe-se que, visando disfarçar, fretaram maquinaria pesada também destinada a Colônia Dona Francisca, (Joinville) constituída de uma caldeira a vapor pesando quatro toneladas. Naquele documento constava até assinalada a espécie de mercadoria que a embarcação transportava, que interessantemente foi indicada como sendo "milho em grão", e que, se tal era, com efeito, a natureza da carga, deveria ser de "milho-semente" ou talvez "cereal-semente" (Trigo), presumivelmente em razoáveis quantidades, pois o "Assecurateur" era um veleiro dos maiores então existentes, de porte avantajado, se comparado aos demais que demandavam às Colônias Blumenau e Dona Francisca com emigrantes embarcados. A autoridade colonial teria suspeitado que o carregamento transportado não correspondesse somente ao declarado, pois se assim fosse, representaria um exagero injustificável para todas as ações desenvolvidas pela tripulação, tanto no embarque, como durante a viagem. Em outro documento, dias após, foi lavrado, o termo do "depoimento" de Jensen, resultando na sua "detenção" e "apreensão e confisco" dos pertences que transportava quando chegou à Colônia Blumenau. Consoante lhe foi transmitido, recorda-se Niels Deeke, que Jensen no seu depoimento teria afirmado que evadira-se de bordo do "Assecurateur", então fundeado em mar aberto, nas proximidades da Praia da Atalaia - Itajaí, em razão dos "maus tratos" de que era vítima por parte do 1º Imediato do veleiro. O navio teria sido armado comercialmente para a viagem com destino à Argentina, por "mercadores" em associação com o "governo dinamarquês", justamente numa data imediatamente subseqüente à resolução do grave conflito entre a Dinamarca e a Prússia-Alemanha, que solveu provisoriamente a questão da posse dos ducados do Schleswig e do Holstein, na qual incluía-se a jurisdição distrital de "Tondern" (Terra de origem dos ancestrais do marujo Jensen), territórios que até 1864 pertenceram à jurisdição do ducado de Schleswig, submetido ao Governo da Dinamarca. A situação complicara-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

se ao ponto de ainda em 1864, levar ao bloqueio dos portos alemães, principalmente aqueles situados no mar Báltico. Após 1864, "Tondern" passou ao ducado de Schleswig e à sujeição da Prússia (Na época a Alemanha ainda não estava unificada por Bismark), mas mesmo assim as dissensões não cessaram, até que em 1919 resolveu-se fracionar "Tondern" em duas jurisdições : Schleswig do Norte e Schleswig do Sul. O Schleswig do Norte tornou a pertencer à Dinamarca e o Schleswig do Sul, passou a abranger a região compreendida pelo Sul de Tondern, integrando território da Alemanha. O conflito prometia ser demorado, e o próprio Dr. Blumenau alegou como razões do seu longo afastamento da Colônia, as dificuldades geradas pela contenda, como o bloqueio dos portos (Em fins de 1864 seguiu para o Rio de Janeiro, donde em 18/3/1865 partiu para a Alemanha lá permanecendo até fins de 1869, chegando, em retorno, à Colônia Bl'au em 23/11/1869). O marinheiro R.W. H. Jens Jensen, supostamente engajado em Hamburgo ou em Lübeck, ou ainda em outro porto do mar Báltico (A procura da matrícula do navio "Assecurateur" nos portos do mar do Norte, Hamburgo e Bremen, mostrou-se infrutífera), para exercer serviços de encarregado do "Velame" nos "estais" e "brandais" da mastreação do navio, atividade que era sua especialidade, herdada do pai –Talhador de Panos de Vela e da respectiva Costura (feição consútil) , viu-se, no desempenho desses trabalhos, certamente tiranizado pela impertinente opressão que lhe moveu o 1º Imediato, e quiçá a rixa recrudesceu por professarem ideais contrários de nacionalidade, habitando em regiões muito próximas porém, antagônicas e palco dos conflitos em 1864/65. No seu depoimento ao Sr. Wendeburg, alegou Jensen que apoderara-se de valores a título de remuneração pelos serviços prestados a bordo, e que, em fugindo, assim agiu ao temer por sua vida. Pela madrugada amealhara certa quantidade de objetos e prataria, envolvera-os em "Panos de Vela" e atirara tudo ao mar ligado a uma bóia de flutuação. Em seguida lançou-se também às águas e, quando chegou a terra, puxando uma comprida corda, rebocou a carga até a areia da praia da Atalaia (Itajaí). Dali seguiu, a pé, até a barra do rio Itajaí Mirim, local onde posteriormente foi estabelecida a "Cia. Fábrica de Papel Itajaí",

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

onde fretou um bote com dois remadores, os quais, sob a promessa de régio pagamento em prata, não se negaram a remar, com toda a energia, rio Itajaí Açu, acima. R.W. H. Jens Jensen, não sabia, mas, nas primeiras horas do dia, quando ainda estava na Barra do Rio, quase foi alcançado pelo 1º Imediato do "Assecurateur", que comandando **dois escaleres** embarcados com o pelotão da "Polícia de Bordo", composto por seis marujos em cada bote, lançou-se pelo estuário do Rio Itajaí a dentro, empenhado em agarrar o trânsfuga, mandando imprimir vigoroso esforço braçal aos remos cadenciados em voga. O Imediato do navio, obtendo, na Barra do Rio Itajaí Mirim, a informação de que Jensen seguira rio Itajaí-Açu acima, não desistiu da perseguição, pelo contrário, com o ímpeto de sua cólera redobrado, determinou caça implacável do marujo desertor na contra-corrente daquele caudaloso curso d'água. Pretendia levá-lo à "forca" num dos três grandes mastros do navio do qual era Jens Jensen o encarregado, e sem dúvida seria o que fatalmente aconteceria caso o tivesse agarrado. Disto Jensen não duvidava como certo, pois era o procedimento costumeiro nesses casos, e mesmo que houvesse passageiros a bordo, o enforcamento não deixaria de ser consumado numa madrugada, à vista de toda a tripulação e passageiros.

Uma carga suspeita e o poder do Oficial Imediato

No decurso das pesquisas sobre o episódio, ressalta o poder que exercia, naquele navio especificamente, o 1º Imediato de bordo, o qual pelas suas qualificações, aparentemente, suplantava, o próprio Comandante do navio, o enérgico "Capitão – 0. Sellmer", e nisto se subentende, por implícito, que a "armação e o aprovisionamento" daquela viagem foi algo especial, quando certamente o 1º Imediato recebeu, em delegação, poderes muito distintos, outorgados pelos armadores proprietários da carga, onde presumivelmente além da mercadoria declarada, haveria outra mais, talvez armamento militar - muito possivelmente tratava-se de canhões ociosos após a resolução do conflito com a Dinamarca - destinado ao abastecimento do Paraguai, na guerra que este país então iniciava contra o Brasil. Esse 1º Imediato era pessoa decidida e resoluta, e isso poderá ser avaliado quan-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do apresentou-se na Colônia Blumenau ao Sr. Wendeburg, determinando autoritariamente procedimentos e providências a futuro, conforme constou de sua denúncia. Nos comentários ouvidos por Niels Deeke, aventaram a hipótese de ter ocorrido um fato inusitado naquela viagem do "Assecurateur", ou seja o da relativa duplicidade de responsabilidades a bordo, onde o Capitão 0. Sellmer mantinha sob suas ordens a rotina usual do navio, porém para zelar pelos interesses dos armadores "governamentais" pelo afretamento que contrataram, indicaram o 1º Imediato, oficial de carreira da marinha de guerra, além de reforçarem o pelotão da "Polícia de Bordo" com marujos militares, enfim houve a fundada suspeita de que se tratasse de um transporte da Marinha de Guerra. E para isso embarcaram também profissionais a fim de acompanhar o transporte e assistir a descarga da mercadoria objeto de seu "especial" despacho. Caísse Jensen nas mãos daquele verdugo, teria, inexoravelmente, servido de "Vela", quando amarrado, braços e pernas abertas em formato de X, aos brandais do alto da mastreação, permaneceria pingente no mínimo por dia inteiro, como verdadeira Vela de Cutelo no alto do mastro da gávea, alturas donde finalmente o fariam despencar com o laço no pescoço, conforme era então praxe nos casos de captura de desertores dos navios nórdicos. Naqueles remotos tempos, da navegação à vela, as penalidades aplicadas às infrações praticadas pela tripulação eram extremamente pesadas e cruéis, quando um dos mais suaves castigos era sujeitar o rebelde à condição de escravo de bordo, até o fim da viagem. O jovem marinheiro Jens Jensen, de 19 anos, voluntarioso e libertário extremado, tendo por lema a "essência sublimada deste ideal" inscrita no brasão de sua terra natal, representada na afirmação : "LEWER DUAD ÜS SLAV", em linguagem escandinava arcaica, e que em germânico literário é grafado "LIEBER TOD ALS SKLAVE" ou seja "ANTES MORTO QUE ESCRAVO", jamais submeter-se-iria às arbitrárias e despóticas exigências daquele Imediato. Dessarte, prevendo que seria agrilhoado como escravo, e sentindo-se ameaçado de morte, decidiu-se pela evasão, desertando de bordo. O navio possivelmente saído de Lübeck, pouco após o bloqueio daquele porto alemão pela Dinamarca, fez escala em Hamburgo,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

donde partiu a 26 de abril de 1865, navegando o Atlântico, por tempo superior ao normal, pois até alcançar o porto de São Francisco do Sul, levou 88 dias, quando aportou em 23/7/1865 (Sábado). Normalmente o tempo de duração de viagens saídas de Hamburgo até São Fco. do Sul, mesmo em veleiros de dois mastros e menos equipados, era de até 70 dias. E observe-se a coincidência das datas do dia e mês, com exclusão dos anos, das saídas dos navios "Assecurateur" e "Najade" do porto de Hamburgo : 26 de abril para ambos os navios, entretanto com dois anos de intervalo, ou seja 1865 e 1867, respectivamente. Entretanto o "Najade", veleiro muito menor e menos guarnecido, levou 65 dias para completar a travessia, transportando 111 passageiros, enquanto o "Assecurateur", de três mastros, para percorrer o mesmo trajeto levou 88 dias, com somente 72 passageiros a bordo. Não foi anotado o número de passageiros desembarcados do "Assecurateur", em São Francisco do Sul que se destinavam às Colônia Dª.Francisca e Blumenau, desconhecendo-se portanto quantos permaneceram a bordo para seguir viagem à Argentina, ou talvez algum país do Rio da Prata, ou ainda para o Chile. E nisto torna a suspeita de que pelo excessivo peso da carga que transportava no fundo dos porões e por debaixo de cereais, houvesse ferragens, canhões de aço talvez, fazendo com que a duração da viagem delongasse tanto. Certamente o "velame" do navio foi submetido à forças extremas para impulsionar tão pesada carga, e no limite da resistência tenha rompido, e nisso responsabilizaram o encarregado "marujo de veleiro Jensen". Como adiante será demonstrado, o "Assecurateur" não retornou à Itajaí, contrariando promessa do Imediato, feita a Wendeburg, que tal procederia aquela "Patrulha da Polícia de Bordo" no firme propósito de "agarrar" Jensen. Que motivos teriam levado o comando do "Assecurateur" a desistir da "apanha" de Jensen, não tocando no Brasil na viagem de regresso, quando tinham a certeza de que o fugitivo, já capturado, estaria à sua disposição? A Guerra com o Paraguai, desenvolvia-se muito lentamente pois só em meados de 1865, deram início à convocação dos Voluntários da Pátria, para responder, com as armas, a afronta do apresamento do paquete brasileiro "Marquez de Olinda" em 13/11/1864, pelo Paraguai . Mas justo

Digitalização do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nesse entretempo, em agosto de 1865, houve a forte reação brasileira, depois de esgotadas as infrutíferas intermediações diplomáticas para a libertação do novo Presidente da Província de Mato Grosso, o Coronel Carneiro de Campos, que viajava no paquete brasileiro, e quiçá temendo alguma represália por parte do Brasil, por terem, com o "Assecurateur", transportado canhões que foram dispensados depois de resolvido o conflito entre a Prússia e a Dinamarca, entregando-os, por encomenda, ao Paraguai, decidiram rumar ao seu porto de origem, evitando maiores contratempos. Tudo leva a crer que Hermann Wendeburg, se não foi destas circunstâncias informado pelo próprio Jens Jensen, cientificando-o claramente da certeza desses fatos, ao menos suspeitava, e tal será adiante demonstrado. Entretanto retornando à descrição da fuga de R.W. H. Jens Jensen pelo rio Itajaí Açu acima, vamos encontrá-lo, pelas onze horas da manhã, de um dia de fins de julho de 1865, na altura da barra do rio Luiz Alves, onde os remadores fizeram uma parada na propriedade do Sr. Werner, não sem antes esconderem o bote, camuflando-o nas adensadas ramagens no interior de um riacho, junto à margem direita do Itajaí Grande. A ânsia para pegar Jensen era tamanha, que até mesmo naquele ponto, o Imediato também determinou a atracação de seu escaler e, galgando a alta barranca do rio, indagou sobre o fugitivo, além de sua "Polícia de Bordo", proceder minuciosa revista na casa e dependências daquele morador. O Sr. Werner, depois de regiamente remunerado por Jensen com moedas de prata, passou à ação e, auxiliado por sua família, consoante o "conto" que passou a fazer parte da "Lenda da Fuga de Jensen", escondeu o fugitivo dentro da fornalha do engenho de açúcar, chegando, para dar maior credibilidade às suas negativas de valhacouto, ao requinte de atear fogo à lenha que empilhou na boca do forno, quando a procura que lhe faziam os perseguidores, aproximava-se, perigosamente, daquele esconderijo. Nada encontrando, seguiu, aquele persistente Imediato, com os dois escaleres no encalço de Jensen, rio acima, supondo que este se lhe houvesse adiantado no percurso. A perseguição estendeu-se até alcançar a Colônia Blumenau, onde aquele oficial do "Assecurateur" procurou a autoridade máxima da localidade, qualificação

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que então provisoriamente exercia o diretor substituto, o Sr. Hermann Wendeburg (O Dr. Blumenau encontrava-se na Alemanha). Após os procedimentos anteriormente relatados, e transcorridos três dias de buscas, o pelotão da Polícia de Bordo, embarcou nos escaleres e retornou ao "Assecurateur" de mãos vazias. O "herói" de nossa história, - "mocinho da aventura", muito comodamente instalado na casa de Werner, em Salseiros, aguardou a passagem do Imediato-Vilão, nos escaleres rio abaixo, que seguiam em demanda de seus berços no "Assecurateur", para então tomar rumo contrário, continuando tranqüilamente a fuga, rio acima, em busca de sua almejada liberdade. Na altura de Belchior, dispensou a embarcação com os remadores, seguindo, a pé, pelo restante do trajeto até a sede da Colônia Blumenau, onde apresentou-se à administração, pois não havia feito sua inscrição no livro próprio para Registro dos Ingressos na Colônia Blumenau, (Livro em que eram lançados os registros dos imigrados e que eram procedidos em dependência da Colônia Blumenau estabelecida na Barra do Rio, em Itajaí – local da posterior Fábrica de Papel Itajaí) praxe e exigência do Serviço de Imigração - do qual, entre outros, foi primeiramente encarregado o Sr. Reinhold Gärtner, sobrinho do Dr. Blumenau e representante consular de Brunswick que apunha seu "visto" mediante chancela junto a cada matrícula de imigrado. A partir de 1867 a representação consular passou ao seu irmão Victor Gärtner, cônsul da Prússia na Colônia Blumenau. (Reinhold Gärtner, que liderou o grupo dos primeiros 17 pioneiros imigrados na Colônia Blumenau em 02/9/1950, fez um rápido aprendizado (Em Santos S.P.) para absorver os conhecimentos a fim de capacitá-lo aos procedimentos adotados quanto à formalização da entrada de emigrantes, e entrementes conseguiu a outorga da representação consular). À vista do "Termo de Denúncia", o diretor substituto deteve Jensen , apreendendo e confiscando todos os pertences que portava. Tomou-lhe o depoimento antes referido e o instalou nos fundos das dependências da administração, num pequeno anexo da residência do Dr. Blumenau, local onde, Jens Jensen, permaneceu habitando até setembro de 1867. Neste período ficou encarregado da prestação de serviços nos jardins do Dr. Blumenau, e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

na horta que estendia-se até outra margem do ribeirão Garcia, fronteira aos fundos daquelas terras. O destino dos pertences confiscados, cf. informações verbais das fontes retro citadas, deixou Wendeburg para que fosse decidido pelo próprio Dr. Blumenau quando de seu regresso da Alemanha. Entrementes através da convivência muito amiudada com Jens Jensen, que passou à condição de prestativo jardineiro dependente da administração colonial, e em razão de residir muito próximo, tornou-se amigo de Wendeburg e seu confidente. Jens Jensen nisso contou-lhe sobre sua terra natal, condições lá existentes e acerca da possibilidade de recrutar imigrantes daquela região para assentamento da Colônia Blumenau. Em conformidade com os antigos relatos verbais acerca da imigração de Jens Jensen, relatos que, aliás, conflitam decisivamente com a realidade dos fatos, o diretor substituto vislumbrando a possibilidade de Jensen atrair seus conterrâneos para assentamento nos muitos lotes disponíveis da vasta colônia entusiasmou-se com a perspectiva e, mediante acordo, adquiriu passagem para o "virtual custodiado Jensen" seguir ao Schleswig, incumbido da propaganda de emigração. Pelo acordo verbal entre Jensen e Wendeburg, teria sido disposto que dos bens confiscados seria descontado valor para aquisição da passagem e o restante continuaria retido até o regresso do Dr. Blumenau, quando então, este decidiria o destino dos bens. Consta também que Wendeburg prometeu-lhe um lote colonial livre de pagamento, em local cuja escolha deveria ser de mútua concordância. Jensen teria seguido viagem em fins de 1866, e depois de induzir seus parentes à emigração, teria se engajado como tripulante do "Najade", para a viagem de retorno, embarcando em abril e aportando em S.Fco. do Sul em 30/6/1867. Nesta viagem de retorno, da qual não constou o seu nome da lista de passageiros, e se efetivamente neste navio embarcou, o fez como tripulante, teria conhecido Karoline Dorothea Friderike Kay. Como não há comprovação documental alguma de que tenha realmente ido à Europa entre o ano em que chegou, 1865 até 1972, quando se estabeleceu na Itoupava Central, toda a história é um tanto nebulosa, e aliás a final comprovou-se absolutamente inconsistente. No caso de não ter viajado à Europa no período, a indução para emigração

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo Biblioteca Pública Hemeroteca Digital Catarinense

de seus parentes teria sido feita por correspondência. Porém é certo, e repetidamente contado, que a indução da emigração, de seus parentes, foi levada a efeito por Jens Jensen. Nos registros da Comunidade Evangélica Blumenau-centro, está registrado o assentamento do **casamento de R.W.H. Jens Jensen e Karoline Dorothea Friderike Kay, ocorrido em 08 de setembro de 1867**, do qual foi testemunha o Sr. Johann August Prestien, e neste personagem reconhecemos um grande amigo do Dr. Blumenau, extremado propagandista da Colônia Blumenau, recrutador de emigrantes alemães, pessoa de fino trato e culta, escritor da obra "Das Ansiedlerleben in Der Kolonie Blumenau- editada em Leipzig, 1859. Johann August Prestien emigrou com o navio "Linda" – Capitão Besault – saído de Hamburgo em 06/5/1854 e chegado a São Francisco do Sul em 03/6/1854, anotado na relação de embarcados como "Economo" – ou seja administrador, estava então com 46 anos de idade, procedia de Lübeck – e era protestante de religião. Veio com a mulher Caroline Prestien , com 46 anos de idade, procedia da mesma cidade. Observe-se as estreitas relações entre o porta voz em propaganda para imigração local –Prestien, servindo como testemunha de casamento de Jens Jensen, um simples marinheiro, zelador do jardim do diretor colonial. As relações irão além, quando da oportunidade da aquisição do lotes nº 17 da Itoupava Central. Casado Jens Jensen e Karoline Kay Jensen, foram habitar, em setembro de 1867, uma pequena casa de madeira, no início do atual bairro da Velha, erguida na propriedade também pertencente ao Dr. Blumenau, onde este mantinha seus chiqueiros e o pasto de gado, local que foi referido por Hercílio Deeke, como sendo, (H.D. apontou para o filho Niels, até mesmo o local onde teria existido a pequena casa de madeira), o ponto onde atualmente dá início à rua João Pessoa. Naquela "chácara"- do "Velha Past" onde o Dr. Blumenau, mantinha exclusivamente animais, sem reproduzi-los, como cavalos, gado, suínos, galinhas para o fornecimento, a preços módicos, das matrizes e reprodutores aos colonos recém chegados, residiu Jensen, cuidando da criação, até 1970/71, quando finalmente acertou a pendência do confisco do bens furtados, e da promessa do recebimento de um lote colonial. Circunstância relevante deve, po-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rém, aqui ser apontada: Foi justamente naquele entreposto para negociação de animais, que Jens Jensen apreendeu o ofício de açougueiro, vez que anexo havia rudimentar açougue para matança dos animais considerados descartáveis. Neste entremeio, em julho de 1868, haviam ingressado, como imigrantes o seu pai Niklaus, a mãe Catharina e todos os seus irmãos. Estes adquiriram o lote nº 01, na Itoupava Central, e lá encontravam-se assentados. A polêmica desenvolvida entre o Sr. Eduard Schadrack e o Dr. Blumenau, relativamente a concessão das terras da Itoupava Central, cujo processo judicial iniciara em 1862, fora julgado, em Desterro, com ganho de causa pelo Dr. Blumenau, em defesa dos interesses da Administração Colonial. Iniciavam dessarte, em 1868, os assentamentos nas glebas recém medidas. Jens Jensen e esposa desejosos de adquirir terras próximas de seu pai e sogro, porém precisaram aguardar o retorno do Dr. Blumenau para referendar o ajuste feito com Wendeburg. Retornando da Alemanha em 11/1869 o Dr. Blumenau, já casado, com um filho e sua esposa Bertha à espera de outro, deparou-se com mais esta questão por resolver. As arrecadações pela venda dos lotes coloniais, eram devidas ao Tesouro Imperial, através do erário da Província de Santa Catarina. Como solver a mecânica contábil pela entrega de um lote colonial a Jens Jensen livre de pagamento? Havia os valores confiscados pela apreensão dos bens objetos da denúncia, porém não eram constituídos somente de moeda, que deveria ser acrescida das mercadorias, para bastarem ao levantamento da importância para liquidação da colônia. Os bens de toda a apreensão não representavam valor significativo, porém seriam suficientes, com alguma sobra. O prazo do ilícito alegado na "Denúncia", se ilícito houve, e cujo mérito não foi julgado, prescrevera em julho de 1870. Portanto os bens confiscados encontravam-se virtualmente liberados. O Sr. Prestien instado pelo seu amigo pessoal, o Dr. Blumenau, além dos investimentos nas plantações de cana de açúcar, fizera aplicações aleatórias na tentativa de cultivar algodão, e desejava ser ressarcido dos valores despendidos e, para tanto, aceitou a proposta de arrematar todo o "rol" da apreensão, entendendo-se com Jensen, quanto aos bens particulares deste. O Sr. Hans Breithaupt, residente em Gaspar, e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que ainda era o agrimensor prático da Colônia, foi encarregado de proceder a medição, e "somente para constar" ou como consignam os relatos históricos do caso : "figurado oficialmente", foi considerado Breithaupt o vendedor do lotes coloniais 16 e l7, sendo o de nº 16 entregue a Casper Hendrik Kay – sogro de Jens Jensen, e o lote 17 a R.W.H.Jens Jensen, ambos na Itoupava Central, pouco ao norte do Lote nº 01. Finalmente, livre dos embaraços decorrentes de sua "inusitada imigração", Jens Jensen encontrava-se pronto para dar início ao seu rústico estabelecimento rural que ainda em vida pôde ver transformado na pujante empresa agro industrial a posterior " CIA. JENSEN AGRICULTURA INDÚSTRIA E COMÉRCIO".

Consistente é o registro lavrado pelo próprio Dr. Blumenau, no Livro dos Tombos da Colônia Blumenau III - (dois compêndios volumosos que integram o acervo particular de Niels Deeke) onde consta o registro das terras assim escriturado: JENS JENSEN: Registro nº 16 de 22/10/1867-Área 326.700 metros quadrados-Frente 220 metros. Linhas laterais – jusante 1.510 metros. Montante: 1.460 metros. Preço 326$700. Classe de Chão I . Conta I pg. 225. Medição de Breithaupt em 27/12/1873.

HENRIQUE KAY : entre a Escola e o Cemitério. Registro nº 15 de 28/8/1867 (portanto anterior 55 dias à aquisição do lote de Jens Jensen) Área 312.400 metros quadrados. Frente 220 metros. Preço 312$400. Classe de Chão I . Medicação por J. Breithaupt em 01/12/1873. (portanto medido também antes do mesmo procedimento aplicado ao lote de Jens Jensen)

Observa-se decorrente deste registro que Lote de Jens Jensen, situava-se, aproximadamente, com início da atual unidade Pré- Escolar Cilly Jensen, terminando a montante pouco após a atual igreja evangélica.

A família de Casper Heinrich (Hendrik) Kay, 49 anos, lavrador, origem Holstein, e sua mulher Margarethe Wilhelmine Johanna Hamann Kay, 46 anos, acompanhados dos filhos Karoline Kay, com 17 anos, Katharine Kay com 9 anos e Wilhelmine Kay com 9 meses, não constando dos registros a religião que era a protestante Luterana, chegou ao porto de São Francisco do Sul, pelo navio "Najade"(?), saído de Hamburgo em 26.4.1867 e chegado na Colônia em 30.6.1867, cujo capitão foi C. Popp, com destino à

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Dona Francisca e Blumenau, continha a bordo passageiros : 111 L e 15 J , onde "L" significa – Lista do navio feita pelo agente de emigração antes do embarque no porto de Hamburgo e "J" lista dos passageiros destinados exclusivamente a Colônia Da. Francisca em Joinville., (Doc. Declaratório da Fundação Cultural de Joinville A.H.J. passado a 31.3.1989, assinado por Maria Thereza Eliza Böbel).

Nos registros paroquiais da Igreja Evangélica Luterana de Blumenau-centro, consta o assento do casamento de R.W.H Jens Jensen com Caroline Dorothea Friderike Kay, realizado em 08/9/1867, portanto ocorrido setenta dias após a chegada de Caroline Kay ao Brasil

A emigração dos Jensen com destino ao Brasil aconteceu como decorrência de circunstância casual fortuita, cujo episódio teve como protagonista o então marujo "Rudolf Wilhelm Harro Jens Jensen" que, tendo sido engajado, em princípios de 1865, como marinheiro para prestação de serviços a bordo do veleiro de 3 mastros "Assecurateur", do qual foi Capitão O. Sellmer, saído de Hamburgo em 26/4/1865, e chegado ao porto de São Francisco em 23.7.1865, desertou da embarcação que tinha por destino a Argentina ou outro país da bacia do rio da Prata. Na internet existem duas referências à embarcação : "Ship Assecurateur, left Hamburg in April 1865" e "Schiff Assecurateur, verließ Hamburg im April 1865" – e a consignação mais serve para comprovar que o nome do navio é ASSECURATEUR e não ASSECURADEUR, com a letra "d" que foi como não poucos grafaram.

Como houvesse a bordo um enfermo e também um morto, parente de emigrante que se destinava à Colônia Blumenau, falecido durante a atracação no porto de São Francisco, o comandante do portentoso veleiro, concordou em permitir o desembarque destes, emigrante e cadáver, próximo à Itajaí. Fundeou, à noitinha, o navio próximo à Praia da Atalaia, em Itajaí, ainda em mar aberto, quando, de madrugada, o marinheiro Jensen evadiu-se, saltando ao mar. Os detalhes desse evento constam da historiografia de Rudolf Wilhelm Harro Jens Jensen, procedida por Joana Jensen Deeke e Niels Deeke – inédita. Cabe, porém, neste ponto, fazer um reparo a muito

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

propalada história acerca da motivação que levou Rudolf Wilhelm Harro Jens Jensen a desertar no navio, contada repetidamente e até mesmo reportada no jornal "A Nação" de Bl'au em 25/7/1964 – Edição Especial Comemorativa do "Dia do Colono", com o título "Primórdios de uma Organização Industrial que desde 1872 vem colaborando para o desenvolvimento do Vale do Itajaí" de autoria de Guilherme Jensen, o qual também fez circular a "romântica" história no "Jornal Evangélico" da 1ª quinzena de novembro de 1974 sob o título "Cia Jensen: Desde 1872 colabora para o Desenvolvimento`do Vale Itajaí".

Na reportagem Guilherme Jensen, muito romântica romanceadamente, afirma que seu antepassado, o jovem Jens Jensen, teria durante a longa viagem se enamorado de uma moça de 17 anos que, destinava-se à Colônia Blumenau, viajando em companhia de seus pais da família Kay, procedentes da mesma província alemã –Schleswig-Holstein, onde seriam arrendatários numa fazenda denominada Wittenhausen. O comandante do navio, sabendo da ligação que o jovem Jens Jensen tinha para com a moça Karoline Kay, proibiu-o de afastar-se de bordo, durante o tempo em que o navio permanecesse atracado em Itajaí, prevenindo o primeiro piloto da embarcação com a seguinte frase: "Passt den Jens op, denn will utreiten" (Cuidem do Jens pois ele quer fugir). E continua Guilherme Jensen: "Realmente o jovem marinheiro não encontrou oportunidade para se afastar do navio, quando ancorado em Itajaí (?-obs. de N.D.: na realidade o veleiro não adentrou a barra da Itajaí Açu) , mas quando este zarpou e viajava nas imediações da hoje praia de Cabeçudas, atirou-se ao mar, nadando para terra." Enfim dá como motivo da deserção o namoro de Jens Jensen e Karoline Kay, o que absolutamente não é verdade, nem quanto à atracação do navio no porto de Itajaí, para onde, pelo avantajado porte do veleiro "Assecurateur", jamais, naquela época, seria possível fazê-lo chegar, adentrando a barra natural do rio junto ao mar. Guilherme Jensen fantasiou romanticamente a história, deixando de consignar as reais circunstâncias em que deu-se a evasão, sendo Rudolf Wilhelm Harro Jens Jensen considerado, pelo comandante do navio Assecurateur, oficialmente um "desertor",

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

provocando tenaz perseguição do fugitivo, na busca que foi empreendida pelo 1º imediato do navio, o qual arriando dois "escaleres" do veleiro, equipados com vigorosas guarnições de remadores, subiu o rio Itajaí Açu, até a Colônia Blumenau, visando agarrar o trânsfuga. Não o encontrando em Blumenau, lavraram um "Termo de Ocorrência" no qual tomaram a assinatura do Sr. Hermann Wendeburg, então no exercício do cargo de diretor colonial, pois o Dr. Blumenau encontrava-se ausente desde 1864, em viagem à Europa. O veleiro "Assecurateur" seguiu viagem à Argentina e não mais tornou à Itajaí. Karoline Kay e sua família não embarcaram, em 1865, no navio "Assecurateur" no qual Jens Jensen era marinheiro engajado, como um dos muitos encarregados do velame.

FIM DO EXCERTO.

Notas:

1) ASSECURADEUR : Bark 132' (40,2m) 695 ton. Construído em Danzig, em 1865. Registrado em Youghal (West of Cork) Irlanda, em nome Richard Farrell. Captn R.H. Sheehan,em 1874 - Lloyds Register de 1876/7

2) NAJADE : (1841) Brig – 186 ton inglesas – construído em 1841 em Bilbao, Espanha. Registrado em Hamburgo em nome de C. Heydorn (Heydhorn?) - Lloyds Register 1870 – Cap. C. Maass

NAJADE : ou NAYADE ou ainda NÁIADE : Divindade mitológica. Ninfa das águas que presidia aos rios e fontes.

3) VICTORIA (1860) Bark - 124' (38m) 422 ton. arqueação. Construído em Lübeck em 1860, provavelmente nos estaleiros H.J.A. Meyer. Incorporado por Rob. M. Sloman nesse mesmo ano com registro em Hamburgo. Foi vendido (ou dado como perdido no mar) em data indeterminada entre 1869 e 1872. Os documentos sobre estes fatos se perderam. Fez três viagens para o Brasil, entre 1867 e 1869, aportando em São Francisco, SC. Na primeira dessas viagens houve grande mortalidade de passageiros a bordo. Diferentes registros dão contas entre 11 e 51 mortos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Burocracia & Governo

As transcrições publicadas nesta sessão fazem parte do lote de documentos cujos originais encontram-se no acervo do Arquivo do Estado de Santa Catarina – Florianópolis. A obtenção de uma cópia foi possível graças ao Instituo Blumenau 150 Anos, que durante os festejos do sesquicentenário da cidade promoveu uma série de projeto para reaver documentos disponibilizados em outros acervos do pais e exterior.

Para socializar e garantir a divulgação deste acervo documental publica-se a cada bimestre uma seqüência do material que se encontra em poder do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

609

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Tenho a honra d'apresentar á V.ª Ex.ª o incluso quadro dos trabalhos executados em esta colonia no mez de Junho de 1865.

Deos Guarde á V.ª Ex.ª - Colonia Blumenau, 2 de Agosto de 1865.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Francisco Jozé de Oliveira

D.mo Vice Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O Director interino
H. Wendeburg
Colonia Blumenau
Trabalhos executados no mez de Junho de 1865

	Estrada do Passo Manso	
Junho 1/30	Aplainamento da estrada, 316 ¼ br. corr. 15 C^{as}	Rs 672$260
" "	3 Atterros e talhos 61 br. cub. 3 C^{as}	293$625
	Caminho do Encano	
" 10	1 C^{a} 100 br. corr. de caminho muito pedroso	150$000
	Estrada do rio do Testo	
" 1/20	Atterro na ponte perto do Hartmann	
	21½ br. cub. á 5$000 1 C^{a}	107$500
	Caminho no rio do Testo	
" 12	Atterro na ponte perto do Hachlander 4 br. cub. á 4$ 1k.	16$000
	Caminho na margem esquerda do rio acima de Badenfurt	
" 1/30	Jornaes, atterros perto do Kluge e do Rüth	64$000
" 17	Pagamento ao mestre carpinteiro no canal triangular perto do Rüth,	
	derrubar, falquejar e transportar 449½ p.^{os} corr. de madeiras e	
	erigir o canal á 320rs 158$240	
	1174 p.^{os} ^{os} de pranchões a 60 rs 70$440	
	Arranjar e collocar os pranchões 4$000	232$680
	Estrada para o littoral	
" 30	A conta de atteros p.^{a} 4 canaes	
	Aterro perto do Castelain 25 br. cub. á 4$ = 100$000	230$000
	Derrubar a ponte de velha e factura d'huma	
	ponte provisoria 1 C^{a} 9$000	109$000
	Canal no ribeirão do Retiro	
" 10/30	Jornaes de carpinteiro, factura das grelhas do fundamento	146$740
" 1/30	Excavação do canal para o fundamento 30 br. cub. á 4$750	142$500
	Atterro da ponte do ribeirão fresco	
" 20/30	Jornaes, concerto do atterro	74$075
	Morada do Pastor	
" 8	Jornal de carpinteiro, concerto do alpendre	2$000
	Casa d'escola p.^{a} o sexo feminino	
Junho 10	Pagamento ao mestre vidraceiro por vidros p.^{a} 4 trapeiras	Rs 3$600
" 30	Pagamento ao marcineiro p.^{a} as obras de marcineiro	155$000
	Pagamento ao mestre carpinteiro, erecção da cozinha inclz madeiras	103$220

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Colonia Blumenau, 2 de Agosto de 1865.
O Director interino
H. Wendeburg.

610
Ill.mo e Ex.mo Snr.

Em resposta respeitosa ao officio de V.ª Ex.ª de 3 de Julho tenho a honra de communicar á V.ª Ex.ª que os colonos Frederico Sell e Luiz Krause não entrarão aqui e não se achão nesta Colonia.

Deos Guarde á V.ª Ex.ª Colonia Blumenau, 2 de Agosto de 1865.
Ill.mo e Ex.mo Snr.
Francisco Jozé de Oliveira
D.mo Vice Presidente da Provincia
etc. etc. etc.
O Director interino
H. Wendeburg

610
Ill.mo e Ex.mo Snr.

Em devido cumprimento da ordem de V.ª Ex.ª do 25 de Julho a.c. de informar a respeito do estado da cobrança das dividas dos colonos n'esta colonia, tenho a honra de referir o seguinte:

Foi arrecadada até o ultimo de Junho do corrente anno a quantia
total de Rs 9:410$305
resultante de terras vendidas Rs 8:299$570
e de adiantamentos reembolsados 1:110$735

O integral embolço do Estado ainda não podia ter lugar n'esta colonia, visto que quase todos os colonos que devem ao Governo, entrarão nos ultimos três annos e a maior parte sem fortuna alguma, assim que devião e em parte devem ainda hoje procurar trabalho para seu sustento e para melhorar o estado de seus lotes. Hum imigrante indigente, mesmo que possue huma sorte fertil e que he homem vigoroso e assiduo, preciso sempre de diferentes annos para arranjar-se, elle deve comprar todos os animais

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

domesticos, suinos, gado vaccum etc. etc., fazer depois de alguns annos huma casa solida, engenhos, pastos, cercas e outros arranjos ruraes e tudo isto com o ganho do seu trabalho e com este mesmo. Só depois de ter elle arranjado completamente a sua economia rural acha-se facilitado a poder pagar as suas dividas em prazos rasoaveis, mais então tambem com maior certeza.

O Director d'esta colonia apresentou já humas vezes propostas especiaes ao Ministerio da Agricultura e á Presidencia sobre o modo do arrecadamento das dividas dos colonos ao Estado, como tambem no relatorio do anno passado. Mas até agora não houve determinação alguma sobre a epoca da restituição dos adiantamentos nas instrucções que regem esta colonia, nem nos contractos concluidos com os emigrantes na Europa. Nas primeiras só he determinado que a venda de terras se effectue á vista e á prazo de quatro annos, o que porém não concorda com as estipulações dos contratos da casa Steinmann, que estabelecem o prazo de seis annos, tendo o colono á pagar em cada hum dos ultimos quatro a quarta parte do preço das suas terras.

O parecer do Snr. Dr. Blumenau e também o meu em quanto conheço muito especial a situação de colonos desde 12 annos, he que – não querendo acceitar o Governo Imperial o systema de receber em pagamento o trabalho do colono, de modo como o dito Snr. propoz e recommendou como o melhor fosse concedido aos colonos o prazo de pouco mais ou menos seis annos; e que decorridos estes devessem pagar a quarta parte da sua divida, depois de sete annos mais huma quarta, depois de oito annos outra quarta parte e o resto depois de nove annos, ou também já no fim do oitavo anno, pagando só os juros de 6% por anno da importância dos respectivos lotes. Bem que estes prazos apparecem muito dilatados offerecem com tudo maior garantia para seu cumprimento, e como cada colono assiduo pode satisfaze-los, se não tiver muitas desgraças, he tanto mais justo proceder com vigor contra os indolentes. E n'este ultimo caso representão os lotes hum valor muito maior depois de seis ou oito annos do que nos primeiros do estabelecimento, mesmo que tivesse sido o proprietario pouco laborioso, suppondo se sempre que a respectiva colonia tinha huma povoação numerosa, pois quanto melhor situada, importante e com grande nu-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mero de habitantes a colonia, tanto maior garantia offerece a mesma para os adiantamentos feitos pelo Estado.

Como já tinha a honra de dizer á V.ª Ex.ª declarou o Director Dr Blumenau muito especialmente seu parecer sobre estes assumptos e referidos-me aos respectivos relatorios e officios do mesmo, julgo excusados repeti-los se não receber especial ordem de V.ª Ex.ª.

Deos Guarde á V.ª Ex.ª - Colonia Blumenau, 19 de Agosto de 1865.

Ill.mo e Ex.mo Snr

Francisco Jozé de Oliveira

D.mo Vice Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg

Hermann Wendeburg - diretor interino da Colônia Blumenau, 1865-1869.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O destino do regionalismo

Enéas Athanázio[1]

Autores Catarinenses

Anunciou Fernando Tokarski, o mais jovem dos regionalistas catarinenses, a preparação de um livro de contos, ainda não publicado. Segundo ele, as histórias são ambientadas no Planalto, explorando o ciclo da erva-mate e a interação das culturas cabocla e polonesa, com o registro da influência desses fatos na linguagem da região. Sempre acreditei que ele está predestinado a ser o cronista da erva-mate, uma vez que não vejo outro em condições de fazê-lo. Essa é uma tarefa que exige dons de ficcionista e observador, que ele já comprovou possuir, além de vivência num meio ervateiro que criou linguagem própria, técnica e comum, usos e costumes, histórias e folclore, não faltando os conhecidos exageros dos ervateiros enriquecidos e suas festas e ostentações milionárias, mais ou menos nos moldes do ciclo do café, guardadas as devidas proporções. Com a publicação dessa coletânea de contos, todo o Planalto catarinense estará retratado em nossa ficção, como foi feito com a vida campeira, o tropeirismo, as revoluções, os ciclos do gado e da exploração intensiva da madeira. A sociologia en-

1 Escritor e advogado. Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

contrará nesse acervo ficcional elementos mais seguros para o conhecimento da região que nas histórias convencionais e o mesmo se pode dizer da lingüística. A erva-mate, enfim, terá seu cronista.

O chamado regionalismo do Planalto foi a única corrente literária que se estruturou em nosso Estado. Fundado por Tito Carvalho, seguido por Guido Wilmar Sassi e, mais tarde, por mim, Edson Ubaldo, Fernando Tokarski e Márcio Camargo Costa, embora com grandes hiatos no tempo e cada autor mantendo suas peculiaridades. Através deles é possível reconstituir o passado e entender o presente da região. Regionalistas de outras regiões também surgiram, a exemplo de Othon D'Eça, retratando o litoral de Florianópolis, mas não teve seguidores.

Contudo, é com preocupação que os historiadores literários encaram o futuro de nosso regionalismo planaltino. Com efeito, todos os autores que se filiam à corrente são os mesmos que surgiram nas décadas de 1970 e 1980. Não surgiram outros autores, na poesia ou na prosa, que constituíssem novos elos da corrente. E o período de tempo já vai longo. Alguns livros aparecidos nesse período não lograram conquistar posição de relevo; foram tentativas frustras. Teme-se, com razão, que a corrente venha a perecer com seus atuais expoentes.

É curioso que assim aconteça. Segundo a história, é nos momentos de globalização que as manifestações regionalistas explodem, inclusive como forma de defesa da identidade. Segundo Gilberto Freyre, isso se verificou tanto nos momentos de dominação de uma região por outra, dentro do mesmo país (a França por Paris; o Nordeste por São Paulo – para citar apenas dois exemplos), como na dominação de um país por outro, hipótese em que múltiplos foram os casos.

Nós, regionalistas catarinenses, esperamos com ansiedade o surgimento de novos escritores que venham reforçar a nossa corrente, que tanto ainda tem a explorar no campo da boa arte literária.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Teresinei

Em meados de novembro chegou a comunicação oficial de que a Assembléia Legislativa do Estado do Piauí havia me concedido o título de Cidadão Piauiense Honorário, aprovando por unanimidade o projeto de autoria do Deputado Homero Castelo Branco. Foi designado o dia 5 de dezembro para a solenidade de entrega, em sessão especial do Legislativo, em Teresina. Minha mulher e eu tratamos de acertar as coisas e afivelar as malas para a longa jornada. Partindo de Navegantes, voamos durante cinco horas, com as cansativas conexões em São Paulo e Brasília. Os atrasos foram curtos, nada de anormal, embora os aeroportos estivessem abarrotados de tanta gente.

Na Capital piauiense, sentindo desde a chegada o calor intenso, fomos levados ao moderno "Metropolitan Hotel", onde ficamos muito bem instalados. No dia seguinte, 4 de dezembro, iniciamos cedo as andanças. Guiados pelo incansável escritor Manoel Paulo Nunes, presidente do Conselho Estadual de Cultura, conhecemos a Casa da Cultura, o Teatro 4 de Setembro e o Clube dos Diários, centros de constantes atividades culturais. Visitamos em seguida o parque ecológico do encontro das águas, nos arrabaldes, onde se encontram os rios Parnaíba e Poti. Local bonito e bem cuidado, tem um bar flutuante muito agradável e o monumento alusivo ao Crispim, o Cabeça de Cuia, figura mítica condenada a viver sob as águas como pena pelo hediondo crime que cometeu. Toda a tarde foi consumida em andanças, ora com este, ora com aquele escritor, e visitamos todos os locais de interesse cultural ou artístico. A cidade melhorou de forma visível desde nossa última visita.

Na terça-feira, dia 5, conhecemos as instalações do Conselho Estadual de Cultura e do Arquivo Público, ambos bem instalados. Depois rumamos para a Assembléia onde teve início, pelas 11h, a sessão especial para entrega do título. O Deputado Castelo Branco fez belo discurso, revelando que conhece bastante do meu trabalho e abordando aspectos importantes, inclusive opiniões de vários críticos. Respondi de improviso, quebrando o protocolo, e tentando expressar minha antiga simpatia pelo Piauí e a posterior ligação com o Estado. Creio que me saí bem. Foi servido um

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

coquetel no salão nobre, ocasião em que encontrei amigos e conhecidos, fiz contato com numerosas pessoas, dei entrevistas à TV Cidade Verde, a uma emissora de rádio e ao Serviço de Comunicação da própria Assembléia. Trocamos endereços e tiramos fotos. Escritores, jornalistas, professores e amigos nos ofereceram um almoço no restaurante de nosso hotel. Todos os jornais da Capital noticiaram o evento.

No dia seguinte, acompanhados pelo escritor Herculano Moraes e pelo poeta Neto Sambaíba, figura folclórica célebre na região, visitamos a cidade histórica de Amarante, terra de grandes vultos das letras do Estado. Recebidos na Câmara Municipal, fiz, a pedido, sumária palestra sobre Monteiro Lobato. Depois, com grande acompanhamento, rumamos para a cidade e o interior do município.

Na quinta-feira, muito cedo, partimos para São Luís, encerrando as atividades no Piauí, carregados de presentes, livros e lembranças. E trazendo o diploma que me transformou em piauiense adotivo.

Quem escreve o quê e onde
Obra de poeta catarinense repercute em portugal

Apesar do silêncio que vai por aqui, a obra poética de C. Ronald repercute em Portugal e os ecos são ouvidos pelos que acompanham com interesse o que ocorre com nossos autores. Críticos e poetas de grande renome na terra lusa têm manifestado de forma enfática e entusiasmada sua admiração pela poética de nosso conterrâneo. Ruy Ventura, por exemplo, escreve o seguinte: "Gostaria apenas de lhe comunicar o quanto aprecio a sua poesia. Comecei a amá-la quando, na Biblioteca Nacional de Lisboa, fotocopiei "Gemônias." Desde aí tenho tentado divulgar os seus textos como posso, em publicações ou no "blog" que mantenho." Francisco Garção, ainda mais entusiasmado, depois de lamentar "que não lhe tenha sido tributado no Brasil um mais amplo reconhecimento", afirma com todas as letras: "O C. Ronald é hoje por hoje um dos poetas que verdadeiramente contam a nível mundial!" E mais adiante: "Se calhar ficará surpreendido com isto que vou dizer, mas entre os confrades de fora de seu rincão que têm lido as suas coisas, e razoável número já é, tal idéia é pacífica e ponderada: é um dos poucos no Brasil a quem de fato assentaria bem o Nobel,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

entendendo-se por este galardão algo que seja muito alto e muito sério. Não digo isto assim atirado para o ar!" Faz, em seguida, várias considerações em que afirma não entender, como também outros escritores lusos, "que na Terra de Santa Cruz andam a epigrafar alguns autores que praticam uma poesia dolicodoce..." enquanto C. Ronald é esquecido. Alinha ainda várias figuras destacadas das letras portuguesas que comungam dessa opinião. Nicolau Saião, que é o mesmo Garção, no livro "Olhares Perdidos", em entrevista a Floriano Martins, depois de relacionar uns poucos brasileiros que são lidos em Portugal, afirma: "...é nas correntes intelectuais que o conhecimento pode ser mais fundo. Estou a lembrar-me que um poeta de categoria, C. Ronald, eu mesmo só relativamente há pouco tempo o li..." (pág. 28).

Esse merecido puxão de orelhas revela o quanto somos alheios aos nossos próprios valores. Santa Catarina precisa de uma política cultural séria que leve os autores catarinenses ao povo. Não ponho muita fé em que isso aconteça, mas continuarei a afirmar.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R$ 80,00
- Exemplares avulsos: R$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
  R$ 10,00 (anos 60)
  R$ 10,00 (anos 50)
- Encadernação R$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2007 (Tomo 48). Anexo a este cupom, a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

( ) Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos

( ) Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

Dados do Assinante:

Nome:_____

Endereço:_____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____-_____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

_____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015–010 - – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

REFEITURA DE
LUMENAU

o
ira da Silva
@fcblu.com.br

nial

a

u

ca

henau

rte

cação
e
Leitura

vimento
com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense